

Legenda Perusina (LP)

LEGENDA PERUSINA (LP)

INTRODUÇÃO

*Como o nome indica, o título deste escrito provém do facto de o principal códice que o contém se encontrar na biblioteca comunal de Perúsia, manuscrito n. 1046. Este manuscrito pertencia à biblioteca pública do Sacro Convento de Assis e está referenciado no inventário de 1381. Passou depois para a biblioteca do convento franciscano de Monteripido, de Perúsia, e, com a extinção deste, em 1860, para a biblioteca comunal¹. Dada a pobreza de significado deste apelido, foram os editores inventando outros títulos, ou com base na sua origem: *Legenda Antiqua*², ou no seu conteúdo: *Flores*, ou nos autores prováveis: *Scripta Leonis, Rufini et Angeli, sociorum sancti Francisci*³, ou, finalmente, na natureza do documento: *Compilatio Assisiensis*⁴. Duma compilação na verdade se trata, e como compilação a devemos encarar.*

¹ Assim P. F. DELORME, *La «Legenda Antiqua sancti Francisci» du ms. 1046 de la Bibiotèque Communale de Pérouse*, AFH 15 (1922) 23-70, 288-332. Nova edição: *La «Legenda Antiqua S. Francisci»*, Paris 1926. Nesta segunda edição DELORME omite os números que são transcrição literal da Segunda de Celano; e, além disso, altera a ordem das secções, criando uma disposição dos textos diferente da que tem o ms. de Perúsia. As traduções nas línguas vivas têm, geralmente, seguido a ordem da edição de 1926. A tradução espanhola, *Escritos y Biografias da BAC* segue a ordem do ms. 1046 reeditada por M. Bigoroni. Sobre as origens cf. *Fontes Franciscani*, p. 1449 s.

² Assim J. CAMBELL, *I Fiori dei Tre Compagni. Testi Francescani latini ordinati*, vers. Italiana de Nello Vian, Milano, 1967.

³ ROSALIND B. BROOKE, *Scripta Leonis Rufini et Angeli sociorum S. Francisci*, Oxford, 1970.

⁴ M. BIGARONI, *Compilatio Assisiensis dagli scripta di Fra Leone e Compagni su S. Francesco d'Assisi*. I edizione integrale dal ms. 1046 di Perugia con versione italiana a fronte, Porziuncola, 1975, 2ª ed. 1992.

Descoberta e Conteúdo

*O primeiro que descobriu e publicou esta compilação foi o P. Fernando Delorme em 1922. O mesmo P. Delorme voltou a fazer nova edição em 1926, dando uma disposição diferente às diversas partes do texto, com base noutro manuscrito. Em 1967 o P. Jacques Cambell tentou uma nova apresentação, no intuito de aproximar o documento do «florilégio de Greccio». Em 1970 foi Roselind B. Brooke a repetir tentativa semelhante. Finalmente em 1975 o P. Bigaroni voltou a publicar o manuscrito de Perúsia sob o título *Compilatio Assisiensis*.*

Segundo ele, o códice teria pertencido ao Sacro Convento de Assis e teria mesmo sido copiado lá, no scriptorium do convento. Mais: a data em que o códice foi copiado é de situar entre 1310 e 1312. É este um dado que se pode considerar seguro.

O códice contém vários documentos: a Regra Franciscana; as quatro Declarações dos papas Gregório IX, Inocêncio IV, Alexandre IV e Nicolau III; uma cópia dos privilégios da Ordem; um apanhado dos mesmos; a Regula Continentium; a Legenda Maior de S. Boaventura; e um conjunto que, num catálogo dos manuscritos do convento, feito no séc. XIV, vem designado com a expressão: «legendis sive dictis suis antiquis». É este último conjunto que constitui a nossa compilação.

O escriba do convento distinguiu claramente na sua compilação três secções, ao colocar no princípio de cada uma delas uma inicial singularmente trabalhada. A primeira secção consta de 21 números, a saber: 4 parágrafos da Vida Segunda de Celano, as Verba Sancti Francisci (cinco números: 15, 16, 17, 18 e 20) e alguns textos já descobertos noutros códices e publicados pelo P. Lemmens nos Documenta Antiqua Franciscana⁵. A segunda secção contém 20 números todos tirados da Vida Segunda de Celano. A terceira secção (que Delorme subdivide em três: C – D – E) abrange 74 números e contém alguns textos já publicados por Lemmens, a Intentio Regulae e mais 33 números inéditos.

⁵ LEMMENS, *Documenta Antiqua Franciscana*, t I.

O facto de distinguir as três secções, dá a entender que o copista do «Sacro Convento» tinha diante de si aqueles textos já agrupados em três documentos independentes que ele copiou sucessivamente. Outro pormenor que não será sem interesse é o facto de ele ter querido dar uma importância especial à terceira parte, (C–D–E), porquanto a inicial com que a começa é maior e mais cuidada que qualquer das outras duas.

Partes Principais da Compilação

Tratando-se duma compilação, digamos uma palavra sobre cada um dos conjuntos que a compõem:

As transcrições da Segunda de Celano

Há na compilação 24 números copiados na Segunda de Celano, que, segundo a edição de Bigaroni, seriam 31 e corresponderiam aos números 1. 2. 3. 19 e 23-49. A tradução espanhola da BAC, que segue a numeração de Bigaroni, limita-se a indicá-los. As versões francesa e italiana, que seguem a edição e numeração de Delorme de 1926, omitem-nos pura e simplesmente. São também omitidos na nossa tradução.

As Verba Sancti Francisci

Encontrava-se na primeira secção, mas foi por Delorme trazido para o fim. Na nossa edição corresponde aos números 111-116. Este conjunto foi encontrado como uma unidade literária no manuscrito 1/73 do Convento de Santo Isidoro em Roma com o título «Verba Sancti Francisci» (Palavras de S. Francisco). Tem algumas características que o independentizam. O nome de Fr. Leão é citado nele duas vezes, contra o que ocorre no resto da Perusina. Os relatos são claramente polémicos e revelam um estado de tensão na Ordem de choque aberto entre os «Espirituais» e a «Comunidade», que não se nota nas outras partes. Notório particularmente o episódio da redacção da Regra em Fonte Colombo, no qual, a meio dum conflito agitado entre Francisco e os Ministros, aparece Cristo a dizer: «Francisco, nada há na Regra que seja teu. Tudo quanto há nela é meu. E quero que esta Regra seja

observada à letra, à letra, sem glossa, sem glossa»⁶. Também a colocação em que ele aparece no códice de Perúsia dá a entender que era um opúsculo à parte. Com efeito, o escriba copia primeiro três números de Celano, depois copia este opúsculo e volta de novo à Segunda de Celano para copiar mais 20 números. Em seguida pega no conjunto da terceira secção. É citado algumas vezes por Ângelo Clareno na Expositio Regulae e atribuído a Fr. Leão⁷. Seria uma obra independente ou um extracto dum conjunto mais vasto? Nesta segunda hipótese, seria de ligar ao «Florilégio de Greccio»? Parece ser um opúsculo mais tardio, de relacionar com o último período literário de Fr. Leão e talvez com os seus famosos «rotuli».

Intentio Regulae

Encontra-se na terceira secção (CDE de Delorme), aquela que o copista distingue com a inicial maior e mais trabalhada. Corresponde, na nossa edição, aos números 66 -77. Também este conjunto (Intentio Regulae) teve vida independente. Encontra-se igualmente no códice 1/73 de Santo Isidoro de Roma. Circulou bastante entre os «Espirituais», sendo citado por Ubertino de Casal⁸. Foi refeito e editado antes da descoberta do manuscrito de Perúsia. Trata-se dum escrito independente ou dum extracto? Por outras palavras: seria desde o início parte integrante do conjunto que forma a terceira secção (CDE), ou seria um opúsculo nela integrado? Tanto uma hipótese como a outra são aceitáveis. Há, porém, que ter em conta que a sucessão entre os relatos anteriores, ocorridos quando S. Francisco «se encontrava doente no palácio episcopal de Assis» (nn. 64, 65) com o começo da parte correspondente à Intentio Regulae é perfeita, o que favorece a hipótese de ser parte da obra original. Isto confirma a hipótese de que aquela secção terceira, que o copista de 1311 distingue bem das outras, era de facto um todo, um livro. Seria o livro de Fr.

⁶ LP 113. Cf. IRIARTE em Escritos y Biografías p. 597

⁷ A. CLARENO Expositio Regulae, ed. Oligier, Quaracchi 1912, 126-130.

⁸ U. CASAL, Arbor Vitae I. V, c. 3.

Leão que Ubertino de Casa⁹ refere como existente na biblioteca do Sacro Convento? É provável. Os críticos que consideram a Intentio Regulae opúsculo independente, atribuem-na também aos últimos tempos de Fr. Leão.

Os demais números da 3.^a Secção (CDE)

Na secção terceira, além da Intentio Regulae, há mais uns 88 números. Parece dever-se admitir que formam um conjunto. A unidade de estilo e de vocabulário o sugerem. Há expressões características que se repetem com frequência: «laetitia utriusque hominis» (8 vezes) nos qui cum eo fuimus (18 vezes) multotiens (21 vezes) maxime quia (41 vezes)¹⁰. Isto sugere um só redactor.

Formando, pois, a secção terceira (CDE) um todo, e admitida a tese de que a Segunda de Celano depende destes textos, a data do conjunto seria de colocar antes de 1247; e, com grande probabilidade, poder-se-á incluir entre o material enviado de Greccio em 1246. A compilação propriamente dita, isto é, a junção desse conjunto com o opúsculo Verba Sancti Francisci e alguns números tirados de Celano, seria de colocar no último quartel do séc. XIII ou princípios do séc. XIV.

Deixando à parte os últimos números, correspondentes às Verba Sancti Francisci, marcados pela tendenciosidade polémica dos «Espirituais», e que, como dissemos, é provavelmente um escrito dos últimos anos de Fr. Leão, o resto da Legenda dá-nos um dos retratos mais autênticos e mais vivos que possuímos de Francisco. «Há nela a frescura das florinhas, mas autenticada pela garantia duma testemunha ocular. Por isso, a sua leitura encanta o leitor moderno»¹¹. A quase quarenta anos de distância dos tempos heróicos em que viveram a experiência feliz duma vida

⁹ U. CASAL, *Declaratio* p. 168.

¹⁰ J. CAMBELL, *La Vita di S. Francesco...* in *Doctor Seraphicus* 12 (1965) p. 10. R. Manselli estudou a expressão «*nos qui cum eo fuimus*» e considera-a como um «selo» de Fr. Leão ou dos Três Companheiros nas pericopas em que ela aparece. (Cf. O.c., p. 44-57). As pericopas por ele analisadas correspondem aos seguintes números da nossa edição: 1-2. 8-12. 13-14. 22. 25. 37. 41. 44. 46-49. 51. 52. 56. 59-60. 66-68, 75-77, 85. 91. 92. 105-106. 110.

¹¹ DESBONNETS, in *Documents*, p. 872.

semelhante às avezinhas do céu em volta de Francisco – quarenta anos durante os quais a Fraternidade se foi sobrecarregando de normas ascéticas e comunitárias necessárias às novas condições de vida – os irmãos que escrevem estes textos recordam saudosos a espontaneidade dos primeiros tempos. Esta saudade, mesmo quando se torna censura, não deforma a autenticidade dos episódios narrados. Por isso, a Legenda Perusina constitui uma das fontes imprescindíveis para conhecer a vida de S. Francisco e os seus ideais. Além disso, lida par a par com a Segunda de Celano, ajuda a restituir a muitos textos desta a sua simplicidade e frescor primitivos.

Já indicámos as edições principais. A nossa tradução, quanto ao texto utilizou a edição de Bigaroni, mas quanto à ordem manteve a escolhida por Delorme, por ser a mais seguida nas edições e versões modernas.

Correspondência entre os números desta nossa edição (Edição de Delorme/1926) e os números da Edição de Bigaroni.

Nossa edição	Edição BIGARONI	Nossa edição	Edição BIGARONI
1-2	50	57	94
3	51	58	95
4	52	59-60	96
5	53	61-62	97
6	54	63	98
7	55	64	99
8-12	56	65	100
13	57	66-68	101
14-16	58	69	102
17	59	70-72	103
18	60	73	104
19	61	74	105
20	62	75-77	106
21	63	78	107
22	64	79-82	108
23	65	83	109
24	66	84	110
25	67	85	111
26	68	86-87	112
27	69	88	113
28	70	89	114
29	71	90	115
30	72	91	116
31	73	92	117
32-34	74	93	118
35	75	94-95a	119
36	76	98-99	5
37a	77	100a	6
37b	78	100b	7
38	70	101	8
40	81	102	9
41	82	103-104	10
42-43	83	105-106	11
44	84	107-108	12
45	85	109	13
46-49	86	110	14
50	87	111	15
51	88	112	16
52	89	113	17
53	90	114	18
54	91	115	20
55	92	116	21
56	93	117	22

LEGENDA PERUSINA (LP)

Da austeridade do Santo para consigo e discreta brandura para os outros

1. ¹Quando¹ o bem-aventurado Francisco começou a reunir frades, nos primórdios da Ordem, vivia com eles em Rivotorto. ²Certa noite, a altas horas, estando já todos a dormir em seus pobres leitos, foram acordados pelos gemidos de um frade que gritava: «Ai, que eu morro, ai que eu morro», ³espalhando angústia e inquietação nos Irmãos.

⁴O bem-aventurado Francisco levantou-se do seu leito e disse: «Erguei-vos, Irmãos, e acendei uma luz». Acesa uma candeia, perguntou: «Quem está a gritar: ai, que eu morro?»

— ⁵«Sou eu», respondeu um deles.

⁶O bem-aventurado Francisco perguntou-lhe: «Que é que tens, Irmão? De que morres tu?»

— ⁷«Morro de fome», disse ele.

⁸O bem-aventurado Francisco, homem cheio de caridade e discrição, não querendo que o Irmão passasse pela vergonha de estar a comer sozinho, mandou logo preparar a mesa de maneira que todos tomassem uma refeição com ele. ⁹Este Irmão e outros como ele, eram recém-convertidos, que infligiam a seus corpos penitências excessivas.

¹⁰Tendo comido todos, o bem-aventurado Francisco falou a seus frades: «Meus Irmãos, recomendo-vos que atenda cada um à sua compleição. ¹¹Se um de vós pode sustentar-se com menos alimento que outro, não quero que este, mais necessitado de comida, se esforce por imitar o primeiro. Prestai atenção às vossas

¹ Esta parte começa no manuscrito, com uma letra capital maior do que as outras duas partes. E o início da secção mais importante da compilação, que na introdução designamos com as letras CDE. Daqui até ao número 97 temos, portanto, o florilégio que, quase com certeza, se pode atribuir a Fr. Leão, naturalmente sem excluir a colaboração dos seus dois companheiros Ângelo e Rufino. A numeração dos parágrafos adoptados por Delorme, e que seguimos na nossa versão, não corresponde exactamente, à do código de Perúsia, que BIGARONI respeita na sua edição.

necessidades e ministre cada um a seu corpo aquilo que lhe é preciso.

¹² Se no comer e no beber estamos obrigados a evitar o supérfluo, que prejudica o corpo e a alma, mais cuidado devemos ter com a mortificação exagerada, porque Deus quer a misericórdia e não o sacrifício».

¹³ E continuou: «Irmãos caríssimos, por amor para com meu Irmão, fiz com que todos o acompanhassem na sua refeição, para que ele não tivesse de que se envergonhar. Foi por caridade e porque ele se encontrava deveras necessitado. ¹⁴ Mas isto não deve ser um pretexto para o futuro, porque não seria nem religioso nem honesto. Saibam, pois, que é meu desejo e minha ordem que cada um de vós, em conformidade com a nossa pobreza, dê a seu corpo o que for necessário».

2. ¹ Com efeito, os primeiros frades e aqueles que vieram depois ainda por muito tempo, mortificavam seus corpos não só com excessivo rigor no comer e no beber, mas ainda com vigílias, frio e trabalho manual. ² Traziam também, escondidas junto à carne, quando as podiam arranjar, cadeias de ferro, couraças e cilícios, os mais ásperos que pudessem suportar. ³ Por esse motivo, considerando o santo Pai que com tal regime poderiam os frades cair doentes – o que aliás em pouco tempo já tinha acontecido a alguns – impôs em Capítulo a todos os frades que sobre o corpo nada mais trouxessem além da túnica.

⁴ Nós, que vivemos com ele, podemos dar este testemunho: Desde a hora em que começou a ter consigo frades, e ainda durante toda a sua vida, usava para com eles a virtude da discrição de modo, todavia, a ressaltar sempre na comida e nas outras coisas o viver pobre e modesto, próprio da nossa Ordem e praticado pelos frades antigos; ⁵ ao passo que para si, era severo no trato do corpo, já desde o princípio da sua conversão, mesmo quando ainda não tinha frades, e durante toda a vida, não obstante a saúde delicada que teve na juventude e as comodidades, sem que não podia viver quando estava no mundo.

⁶ Certa vez, parecendo-lhe que os frades começavam a transgredir a pobreza e a exagerar na maneira de se servirem do alimento e das coisas, fez uma prática dirigindo-se a todos, mas vi-

sando determinados frades: ⁷ «Não vêem porventura os frades que o meu corpo enfermizo reclama comida especial ². ⁸No entanto, porque tenho de ser modelo e exemplo para todos os frades, quero contentar-me com o uso de alimento muito pobre e objectos grosseiros».

3. Como convenceu os frades a irem pedir esmola

3. ¹ Quando começou o bem-aventurado Francisco a receber os primeiros frades, era muita a alegria que tinha da conversão deles e da boa companhia que o Senhor lhe dera. De tal maneira os amava e venerava, que não lhes dizia para irem pedir esmola, porque acima de tudo, via que teriam vergonha. ² Com pena deles, ia sozinho, todos os dias mendigar.

³ Com isto muito fatigava o seu corpo, sobretudo porque já no século era de saúde delicada e fraca; e, depois de se retirar do mundo, mais enfraquecera ainda com a muita abstinência e as mortificações a que se entregava.

⁴ Considerando pois que não resistia a tanta fadiga; que os Irmãos tinham escolhido esta vocação à qual deviam ser fiéis, apesar da sua vergonha e inexperiência; considerando, enfim, que lhes faltava ainda discernimento para serem eles os primeiros a dizer: «queremos ir pedir esmola», falou-lhes assim: ⁵ «Irmãos caríssimos e filhinhos meus, não tenhais vergonha de ir pedir esmola, porque também o Senhor por nós se fez pobre neste mundo. ⁶ Por isso é que nós escolhemos, conforme o Seu exemplo e o de Sua Santíssima Mãe, o caminho da altíssima pobreza. ⁷ É esta a herança que nos alcançou e deixou Nosso Senhor Jesus Cristo, a nós e aos que, após Ele, escolheram viver na santa pobreza»³.

² O latim traz *pitantia*. A «pietanza» nos costumes monásticos era um prato mais rico, composto de ovos, peixe e carne, que se acrescentava à comida ordinária, feita geralmente à base de ervas e legumes.

³ Mais do que meio de prover ao próprio sustento, o pedir esmola era para S. Francisco uma maneira de participar na humildade de Cristo pelos desprezos que essa praxe ocasionava. Na 2Regra cap. 6 diz: «Esta é aquela alteza da altíssima pobreza que a vós, caríssimos Irmãos meus, vos constituiu herdeiros e reis do Reino dos Céus». Era, pois, o vértice da pobreza. Mais uma originalidade de S. Francisco

⁸E acrescentou: «Na verdade vos digo, muitos dos mais nobres e mais sábios deste mundo hão-de vir para a nossa Ordem e sentir-se-ão muito honrados em ir pedir esmola. ⁹Ide, pois, mendigar com confiança e alegria no coração, com a bênção do Senhor. ¹⁰Deveis andar a pedir esmola mais livres e contentes do que um homem que andasse a oferecer cem dinheiros por um. É que vós, em troca da esmola que pedis, ofereceis o amor de Deus, ¹²pois dizeis: “dai-nos esmola, por amor de Deus”, com o qual nem o céu nem a terra se podem comparar».

¹⁴Sendo ainda pouco numerosos, como não podia mandá-los dois a dois, mandava-os um a um pelas vilas e aldeias. ¹⁵No regresso, cada um mostrava ao bem-aventurado Francisco as esmolas recolhidas e diziam uns aos outros: «Eu trouxe mais que tu». ¹⁶E o bem-aventurado Francisco rejubilava ao vê-los tão alegres e felizes. Desde então, porfiava cada um em pedir licença para ir à esmola.

Não queria que seus Frades se preocupassem com o dia de amanhã

4. ¹Nessa altura, vivendo o bem-aventurado Francisco com os frades que então o seguiam, a sua alma era duma pureza tão grande que, a partir do momento em que o Senhor lhe revelou que devia viver, ele e os seus frades, segundo a norma do Santo Evangelho, imediatamente se propôs observá-lo à letra por toda a sua vida.

²Por exemplo, quando o Irmão cozinheiro queria servir legumes, não lhe permitia seguir o costume de os pôr em água quente de véspera, a fim de os seus frades viverem aquilo do Evangelho: «Não vos preocupeis com o dia de amanhã». ³Tinha o Irmão de esperar que acabassem as matinas, para meter em água a hortaliça. ⁴Por este motivo, durante muito tempo, os frades, nos lugares em que se encontravam e sobretudo nas cidades, observaram esta norma, e apenas pediam e aceitavam a esmola suficiente para cada dia.

em relação aos costumes da vida monástica de então, na qual mendicância estava proibida.

Delicadeza do Santo para com um irmão doente

5. ¹ Certa ocasião, estando o bem-aventurado Francisco no mesmo lugar ⁴, havia ali um frade, homem de profunda vida interior e já antigo na Ordem, que se encontrava muito fraco e doente. ² Para o bem-aventurado Francisco era o bom Irmão objecto de cuidados e piedade. ³ Mas os frades desse tempo, quer sãos quer doentes, abraçavam com alegria e paciência a pobreza, como se fosse uma riqueza. Doentes, não recorriam a remédios; e até se mostravam mais empenhados em fazer o que era contrário ao corpo.

⁴ O bem-aventurado Francisco disse então para consigo: «Este Irmão, se comesse de manhãzinha umas uvas maduras, havia de lhe fazer bem». ⁵ Um dia, manhã cedinho, levantou-se, chamou o Irmão e foi com ele para uma vinha junto da igreja. Escolheu uma cepa carregada de belos e apetitosos cachos, ao pé da qual se sentaram, ⁶ e foi ele que começou a comer, para que o Irmão não se envergonhasse de comer sozinho. ⁷ Enquanto comiam, o Irmão ia louvando o Senhor Deus; ⁸ e, enquanto viveu, contava muitas vezes, comovido até às lágrimas, o gesto delicado do Pai para com ele.

Como o Bispo de Assis foi impedido por força misteriosa de perturbar o Santo em oração

6. ¹ Estando no mesmo convento ⁵ escolheu o bem-aventurado Francisco uma cela nas traseiras da casa para onde costumava retirar-se em oração.

⁴ A única referência a algum lugar dada até aqui está no n.1, onde se fala de Rivotorto. Todavia este episódio das uvas não deve ter-se dado em Rivotorto, onde não havia nenhuma igreja, mas sim na Porciúncula. É aliás na Porciúncula que o situam Celano (2C 176) e S. Boaventura (LM 10, 5). Ao copiarem ou, talvez melhor, ao encadernarem os papéis soltos de Fr. Leão, no *scriptorium* do Sacro Convento, devem ter alterado o lugar deste parágrafo.

⁵ Isto é, na Porciúncula. É de advertir que na nossa *Legenda* nunca aparece a palavra *convento*. Em sua vez vem a palavra *locus*, lugar. As pequenas moradias dos frades com dificuldade se podiam, efectivamente, identificar com a imagem que hoje formamos, ao pensar num convento. Por outro lado, vê-se, por toda a narrativa, que não eram simples lugares de paragem para gente itinerante. Há já um

²Num dia em que lá se encontrava, chegou o Bispo de Assis para o visitar. ³Entrando em casa, bateu à porta que dava para onde se encontrava o bem-aventurado Francisco e, ⁴abrindo-a sem esperar, entrou na cela, onde havia um esconderijo resguardado com esteiras. ⁵Confiante na amizade e familiaridade que o santo Pai lhe dedicava, avançou e entreabriu as esteiras para o observar. ⁶Mal adiantou um pouco a cabeça, logo uma força do Senhor o impeliu para fora, sem saber como, obrigando-o a recuar, porque não era digno de ver o Santo. ⁷Confuso e trémulo, abandonou a cela e perante os Irmãos confessou a sua falta e que estava arrependido de lá ter ido nesse dia ⁶.

Liberta um frade de graves tentações diabólicas

7. ¹Um frade, homem de grande piedade, dos primeiros e mais íntimos companheiros do bem-aventurado Francisco, ²começou a ser atormentado com gravíssimas e angustiosas tentações do demónio, de tal modo que já o dominava desespero profundo. Era tentado com tanta frequência, que sentia vergonha de se confessar. ³Em compensação, mortificava-se de maneira excessiva com jejuns, vigílias, lágrimas e disciplinas.

⁴Assim andava há muito preso ao doloroso tormento de todos os dias, quando, por divina disposição, ali passou o bem-aventurado Francisco. ⁵Certo dia, passeando pelos arredores com um Irmão e com o atribulado frade, afastou-se um pouco do outro Irmão, aproximou-se do que andava tentado e disse-lhe: ⁶«Irmão caríssimo, quero e ordeno-te que, desde agora, fiques desobrigado de confessar a quem quer que seja essas tentações e fantasias do demónio. ⁷Não tenhas receio. Elas não te fizeram mal algum à alma. Mas, sempre que te sentires perturbado com essas tentações, o que te permito é que rezes sete vezes o Pai-Nosso».

conjunto de habitações e uma certa estabilidade daqueles que lá moram. Por tudo isto, empregaremos a palavra convento, mas lembrando sempre a impropriedade do termo.

⁶ Particularmente interessantes os detalhes topográficos da cela onde S. Francisco se refugiava para ocultar os seus êxtases. Detalhes que revelam a testemunha ocular, e que Celano, por ex., omite.

⁸ O Irmão ficou muito confortado com o conselho de não ser obrigado a confessar aquelas tentações, principalmente porque tinha vergonha de se confessar todos os dias, o que mais agravava o seu tormento. ⁹ Maravilhou-se com a santidade do Pai que, iluminado pelo Espírito Santo, tinha descoberto os seus males. Pois não os tinha confidenciado a ninguém, excepto aos padres confesores, ¹⁰ que variava com frequência por causa da vergonha, não suportando que o mesmo sacerdote conhecesse toda a sua enfermidade e tentação.

¹¹ No mesmo instante em que o bem-aventurado Francisco lhe falou, logo se sentiu livre daquela grande prova interior e exterior que há muito o oprimia. E pela graça de Deus, em virtude dos méritos do bem-aventurado Francisco, ficou em paz e serenidade de alma e de corpo.

A Porciúncula espelho da Ordem

8. ¹ Vendo o bem-aventurado Francisco que o Senhor queria aumentar o número de seus frades, disse-lhes um dia: «Caríssimos Irmãos e meus filhinhos, vejo que o Senhor quer fazer crescer a nossa família. ² Parece-me que seria prudente e próprio de religiosos irmos pedir ao senhor Bispo ou aos Cónegos de S. Rufino ou ao Abade do Mosteiro de S. Bento uma igreja pequena e pobre, onde os frades possam recitar as horas e, ³ ao lado, uma casa pequena e pobre, de barro e de vimes, onde os frades possam descansar e fazer o que lhes for necessário. ⁴ O lugar que agora habitamos já não é conveniente, e a casa é exígua demais para nos abrigar, visto que aprouve ao Senhor multiplicar-nos⁷. ⁵ Sobretudo, não temos igreja onde os Irmãos possam recitar o ofício; e, se algum morrer, não é decoroso enterrá-lo aqui nem numa igreja de clérigos seculares». ⁶ Agradaram aos frades estas palavras.

⁷ Foi então apresentar ao Bispo o seu pedido, que lhe respondeu assim: «Irmão, não tenho igreja para vos dar». ⁸ Dirigiu-se em seguida aos cónegos de S. Rufino. Estes deram-lhe a mesma resposta.

⁷ Referência quase certa a Rivortorto.

⁹ Foi dali ao mosteiro de S. Bento, do Monte Subásio. Falou ao abade como fizera ao Bispo e aos cônegos, relatando-lhe a resposta que deles obtivera ⁸. ¹⁰ O abade, compadecido, depois de se aconselhar com os seus monges, resolveu com eles, como foi da vontade de Deus, entregar ao bem-aventurado Francisco e seus frades a igreja de Santa Maria da Porciúncula, a mais pobre que eles possuíam. ¹¹ Era na verdade a mais pobre em todo o território de Assis. Para o bem-aventurado Francisco era tudo quanto de há muito desejava.

¹² O abade propôs depois ao bem-aventurado Francisco: «Irmão, satisfizemos o teu pedido, mas nós queríamos que, se o Senhor vier a aumentar a vossa Ordem, este lugar seja tido por cabeça de toda a Ordem». Ao bem-aventurado Francisco e demais Irmãos agradou este discurso.

¹³ O bem-aventurado Francisco não cabia em si de contente, com o benefício recebido: porque a igreja era dedicada à Mãe de Cristo; porque era muito pobre; e também pelo apelido por que era conhecida. ¹⁴ Era, com efeito, chamada de Porciúncula, presságio seguro de que viria a ser cabeça e mãe dos pobres frades menores. ¹⁵ O nome de Porciúncula tinha sido dado a esta igreja, por ter sido construída numa porção acanhada de terreno, que de há muito assim era chamada.

¹⁶ Dizia o bem-aventurado Francisco: «O Senhor não quis que aos frades fosse dada qualquer outra igreja, nem que os primeiros frades construíssem ou possuísem outra, porque esta é como que uma profecia cumprida com a chegada dos frades menores».

¹⁷ Ao tempo, a gente daqueles arredores e da cidade de Assis nutriam grande devoção para com aquela igreja, embora pobre e arruinada; devoção que tem crescido até aos nossos dias.

¹⁸ Desde que os frades aí se estabeleceram, o Senhor os multiplicava de dia para dia e a sua fama corria pelo vale de Espoleto. Antigamente, antes de se chamar Santa Maria da Porciúncula, era conhecida por Santa Maria dos Anjos. ¹⁹ Mesmo depois de ter sido

⁸ Ao referir esta resposta, S. Francisco não pretende insinuar qualquer censura ao Bispo e aos cônegos, mas simplesmente, chamar a atenção para a providência de Deus, que presidiu à escolha da igreja da Porciúncula para «casa-mãe» da Ordem.

restaurada pelos frades, os homens e as mulheres da região diziam: «Vamos a Santa Maria dos Anjos».

²⁰ O abade cedeu esta igreja ao bem-aventurado Francisco e seus frades sem condição alguma; nem paga, nem imposto de qualquer espécie. ²¹ Todavia, o bem-aventurado Francisco, como bom e avisado mestre, que quer construir a sua casa sobre rocha firme, ou seja, a sua Ordem na austera pobreza, mandava todos os anos ao abade, por sua iniciativa, um cestinho de peixes, de nome alcaboz. ²² Fazia isto em sinal de altíssima pobreza e humildade, para que os frades não tivessem como próprio qualquer lugar, nem o habitassem, senão como sendo propriedade de outrem, de tal maneira que não fosse possível vendê-lo ou aliená-lo.

²³ Quando os frades iam levar anualmente os peixes aos monges, estes, em sinal de apreço pelo espontâneo gesto de humildade do bem-aventurado Francisco, ofereciam-lhes uma vasilha de azeite.

9. ¹ Nós, que vivemos com o bem-aventurado Francisco, damos testemunho de que ele afirmava, com insistência, que naquele lugar lhe tinha sido revelado: «Entre todas as igrejas do mundo, que a Santíssima Virgem ama, esta é a que Ela prefere». Assim falava por causa das numerosas prerrogativas ali concedidas por Deus, e porque nesse mesmo lugar isso lhe tinha sido revelado.

² Durante toda a sua vida testemunhou para com aquela igreja grande devoção e grande respeito; e, para que ficasse como memorial gravado para sempre no coração de seus frades, quis, ao aproximar-se a morte, escrever no seu testamento⁹, que os frades deviam agir como ele. ³ Com efeito, pouco antes da sua morte, disse perante o Ministro Geral e outros frades:

³ «Recomendo-vos o lugar de Santa Maria da Porciúncula e deixo-vos como testamento que este lugar seja tratado por meus frades sempre com grande reverência e devoção.

⁴ O que os antigos frades fizeram. Com efeito se aquele lugar já de si era santo, eles lhe conservaram a santidade, aí rezando

⁹ O testamento de S. Francisco não traz nada sobre isto. O nosso texto diz que ele *quis*. Teria tido a intenção de o fazer escrever, mas não chegou a ficar escrito.

continuamente de dia e de noite, e guardando constante silêncio. ⁴Se por vezes tinham de falar, depois da hora do silêncio, era sempre com a máxima devoção e seriedade, em coisas da glória de Deus e do bem das almas. Se acontecia – o que era raro – alguém proferir palavra ociosa ou inútil, era logo repreendido pelo companheiro.

⁵Maceravam o corpo não só com o jejum, mas também com vigílias frequentes, frio, nudez e trabalhos manuais. ⁶Muitas vezes, para não ficarem ociosos, iam ajudar os pobres lavradores nos seus campos, e estes de vez em quando davam-lhes comida por amor de Deus. ⁷Com estas virtudes e outras mais, santificavam-se eles e santificavam o lugar. Os que vieram depois, seguiram-lhes o exemplo, sem contudo irem tão longe; e isto durante muito tempo.

⁸Pouco a pouco, crescendo a multidão dos frades e fiéis que ali acorriam, mais do que era costume, principalmente porque se tornou ponto de encontro de todos os frades da Ordem e centro de acolhimento dos postulantes que queriam entrar nela; ⁹e como, por outro lado, os frades de hoje são menos fervorosos na oração e outras boas obras, mais inclinados à tagarelice inútil e mais curiosos das vaidades mundanas, aquele lugar deixou de ser tratado pelos frades que aí moram e pelas outras pessoas com aquele respeito e devoção que lhe convém e eu desejava ali reinasse.

10. ¹Quero, portanto, que aquele convento esteja sempre sob a autoridade do Ministro Geral, a fim de que ele o possa vigiar com cuidado e, sobretudo, aí reúna uma boa e santa família de religiosos. ²Que os clérigos sejam escolhidos entre os mais santos e mais honestos em toda a Ordem e que melhor saibam cantar o ofício, para que não só os outros fiéis, mas também os frades gostem de os ouvir com devoção. ³Para os servir, escolham-se frades e leigos santos, discretos e virtuosos.

⁴Quero também que a entrada ali seja vedada a qualquer frade ou outra pessoa, salvo o Ministro Geral e os que servem os frades; ⁵e que estes não falem senão com os companheiros ou com o Ministro Geral, quando os visita.

⁶Quero que os Irmãos leigos que os servem não lhes levem palavras ou novidades do mundo que não sejam úteis às suas almas. ⁷Se proíbo a entrada doutras pessoas naquele lugar, é para

facilitar aos frades a guarda da sua pureza e santidade;⁸ e para que não se ouçam lá palavras inúteis ou prejudiciais à alma, e o lugar se conserve puro e santo, ao som de hinos e louvores do Senhor.

⁹Quando morrer um dos frades¹⁰ deste convento, escolherá o Ministro Geral para ocupar o lugar do falecido, outro santo frade, qualquer que seja o convento em que ele se encontre.

¹⁰Porque, se os frades e os conventos onde moram, se afastarem um dia da pureza de vida e da santidade que lhes é própria, quero que ao menos este lugar permaneça como espelho de toda a Ordem, e como candelabro diante de Deus e da Santíssima Virgem, que mereça do Senhor que perdoe os defeitos e pecados dos frades, e proteja e conserve sempre a Ordem, Sua plantazinha¹¹».

11. ¹Certa ocasião aproximando-se um dos Capítulos, que naqueles tempos se realizavam anualmente em Santa Maria dos Anjos, ²os assisienses, ao verem que os frades, pela graça de Deus, já eram muitos e que, para tanta gente, ³não havia senão uma pequena casa coberta de colmo, feita de barro e vimes, tal como os frades a haviam construído ao fixarem-se ali, reuniram-se em conselho e deliberaram sobre o assunto. ⁴Tomados de entusiasmo, em poucos dias ergueram uma grande casa de alvenaria, sem o consentimento do bem-aventurado Francisco, que se encontrava ausente.

⁵Quando chegou da província em que se encontrava, para assistir ao Capítulo, e viu a casa construída naquele lugar, ficou muito admirado. ⁶Pensando que ela ia servir de pretexto aos frades para construírem grandes casas nos lugares onde moravam ou onde viessem a morar,⁷ quando todo o seu desejo era que aquele convento permanecesse sempre como norma e modelo dos outros, um

¹⁰ A partir daqui há uma lacuna no manuscrito de Perúsia que vai até às palavras «*que estão a fazer os frades?*» do n. 12. O texto do n.º10 foi restituído a partir do *Tractatus de Indulgentia* c. 3, e o dos n.11 e 12, a partir do manuscrito de Little.

¹¹ Esta imagem que aqui nos dá do conventinho da Porciúncula, muito perto da vida contemplativa, contradiz o radicalismo de alguns, que pretendem identificar a primitiva vida franciscana com a itinerância evangélica. Temos aqui uma fraternidade praticamente estável. O ideal de Francisco abria-se a um pluralismo muito grande de formas de vida.

dia, antes de terminar o Capítulo, ⁸ sobe com alguns Irmãos ao telhado do edifício, e começa com eles a arrancar as telhas atirando-as para o chão, com o intuito de levar a cabo a demolição.

⁹ Os cavaleiros e outros homens de Assis, ali postos pela comuna para guardarem o convento dos forasteiros que tinham acorrido para observar o Capítulo dos frades, vendo que o bem-aventurado Francisco ia destruir a construção, ¹⁰ apressaram-se a dizer-lhe: «Irmão, esta casa pertence à comuna de Assis, e nós estamos aqui como representantes dela. Por isso te dizemos que não continues a desfazer a casa que é nossa». ¹¹ O bem-aventurado Francisco respondeu-lhes:

– «Pois bem, se ela é vossa, não quero tocar-lhe».

¹² Sem mais demoras, desceu acompanhado dos Irmãos.

¹³ Por este motivo, decidiu o povo de Assis que, todos os anos, ficaria a seu cargo a reparação do telhado ou de qualquer estrago na casa, fosse quem fosse o Podestá. Assim fizeram, por muitos anos.

Admoestações quanto à construção de conventos

12. ¹ Noutra altura, o Ministro Geral quis mandar construir lá uma pequena casa para os frades daquele convento, para lhes proporcionar melhor abrigo para o repouso, e mais recato para recitar o ofício. ² Principalmente porque todos os frades da Ordem e todos os postulantes ali vinham ter, com o que, os que lá habitavam, eram perturbados quase diariamente. ³ Além disso, por causa da muita gente que afluía, careciam de lugar para dormir e recitar as horas, pois deviam ceder aos hóspedes as celas que habitavam. ⁴ Daí a contínua perturbação daqueles que, após os trabalhos do dia, se viam impossibilitados de prover às necessidades do corpo e do espírito.

⁵ Estava quase terminada a construção, quando voltou o bem-aventurado Francisco àquele convento. Uma manhã, da cela onde tinha passado a noite, ouviu o ruído do trabalho dos frades.

⁶ Interrogava-se com espanto o que poderia ser; e inquiriu do companheiro: «Que barulho é este? O que estão a fazer os frades?»

⁷ Contou-lhe o companheiro o que se passava.

⁷ O bem-aventurado Francisco mandou logo chamar o Ministro e disse-lhe: «Irmão, este convento é modelo e espelho da nossa Ordem. ⁸ Por isso, a fim de que os frades de toda a Ordem, vindos aqui, levem para os seus conventos o bom exemplo da pobreza, eu quero que os frades deste convento suportem, por amor de Deus, privações e desconforto, de preferência a consolações e tranquilidade. ⁹ Senão, os outros frades da Ordem sentir-se-ão autorizados por este exemplo a pensar em semelhantes construções nos seus conventos, e dirão: ¹⁰ “No convento da Porciúncula, primeiro convento da Ordem, fazem-se tais e tão belos edifícios; nós podemos também fazê-los nos nossos, pois vivemos mal instalados”».

Como o Santo queria a sua cela

13. ¹ Um Irmão, homem de grande santidade e íntimo do bem-aventurado Francisco, vivia num eremitério. ² Considerando que se o Santo aí viesse não teria onde ficar, tratou de construir num recanto solitário, próximo do convento dos frades, uma cela onde o bem-aventurado Francisco pudesse rezar.

³ Passados poucos dias, chegou o bem-aventurado Francisco. ⁴ Quando o Irmão o conduziu à dita cela para ver, disse-lhe o Santo: ⁵ «É muito boa esta cela. Mas se tu queres que eu aqui more alguns dias, fâ-la revestir, por dentro e por fora, de seixos e ramos de árvore». ⁶ Ora esta cela não era de alvenaria, mas feita de madeira, ⁷ aparelhada apenas a machado e enxó; o bastante para parecer demasiado bela ao bem-aventurado Francisco. ⁸ E imediatamente o Irmão a fez adaptar, como o bem-aventurado Francisco mandara. ⁹ Quanto mais pobrezinhas e recatadas eram as celas e conventos dos frades, tanto de mais bom grado as visitava e lá se hospedava.

¹⁰ Passados eram alguns dias de repouso e oração nesta cela, quando, em passeio, um tanto afastado dela, perto do convento dos frades, ¹¹ se encontrou com um deles e lhe perguntou: «Donde vens, irmão?»

– «Da tua cela», responde o Irmão.

– ¹² «Uma vez que a esta cela chamas minha cela, outro, que não eu, a vá habitar de hoje em diante», retorquiu imediatamente o bem-aventurado Francisco.

¹³ Nós, que vivemos com ele, muitas vezes lhe ouvimos repetir esta palavra do Santo Evangelho: «As raposas têm as suas covas, e os pássaros os seus ninhos, mas o Filho do Homem não tem onde reclinar a cabeça».

¹⁴ Dizia também: «Quando o Senhor estive no deserto para jejuar e orar quarenta dias e quarenta noites, não mandou construir cela nem casa, mas abrigava-se nas lapas da montanha». ¹⁵ Assim, a seu exemplo, não queria casa nem cela, nem as mandava construir para si. ¹⁶ Se acontecia, por inadvertência, dizer «preparai-me assim ou assim uma cela», depois não a habitava, por respeito para com aquela palavra do Evangelho: «Não vos preocupeis».

¹⁷ Perto da morte, mandou escrever no seu testamento que todas as celas e habitações dos frades deviam ser construídas unicamente de barro e estacas, para melhor salvaguardar a pobreza e a humildade¹².

Como queria que fossem as habitações dos frades

14. ¹ Quando se encontrava em Sena, onde fora para tratamento dos olhos, morou numa cela, que depois, em sua memória, foi transformada em oratório. O senhor Boaventura, que tinha dado aos frades o terreno para edificação do seu convento, perguntou ao bem-aventurado Francisco:

– «Que pensas tu deste “convento”?»

– ² «Queres que te diga como devem ser construídos os conventos dos frades?» – interroga por sua vez o santo.

– «Pois sim, Padre» – respondeu ele.

³ Então o bem-aventurado Francisco disse-lhe:

– «Quando os frades chegarem a uma cidade, onde ainda não tenham morada, se encontrarem alguém que lhes queira oferecer terreno para construir um convento, com horta e espaço necessário, devem calcular primeiro quanta terra precisam, sem ultrapassar o estritamente necessário. ⁴ Jamais percam de vista a santa pobreza que prometemos observar, nem o bom exemplo que temos de dará os outros».

¹² Cf. T 24.

⁵ Assim falava o santo Pai, porque queria tirar a seus frades todo o pretexto de violar a Regra da pobreza nas suas casas, igrejas, hortas ou outras coisas a seu uso. Nem queria que fossem proprietários de qualquer convento, mas que lá morassem sempre como peregrinos e estrangeiros. ⁶ Não queria senão um pequeno número de frades em cada casa, por julgar difícil, a grandes comunidades, guardar a pobreza. ⁷ Desde o princípio da sua conversão até à morte, a sua constante vontade foi que se guardasse perfeitamente a santa pobreza.

15. ¹ «Depois, devem procurar o Bispo da cidade e dizer-lhe: “Senhor, tal pessoa resolveu, por amor de Deus e salvação de sua alma, conceder-nos o terreno necessário para a construção de um convento. ² A vós recorreremos primeiro, porque sois senhor e pai das almas de todo o rebanho que vos foi confiado, tal como das nossas e dos frades que vão habitar este lugar. ³ Com a bênção do Senhor e vossa, queremos fundar aqui uma casa”».

⁴ Dizia isto o Santo, porque o bem das almas que os frades pretendiam, mais facilmente o alcançavam na paz com os prelados e clérigos, conquistando-lhes a estima e a do povo, do que escandalizando-os, embora convertessem o povo. ⁵ Dizia também: «O Senhor chamou-nos para reavivar a fé e ajudar os prelados e clérigos da santa mãe Igreja. Temos pois obrigação, na medida do possível, de os amar sempre, honrar e venerar. ⁶ Têm os frades o nome de “menores”, porque, tal como no nome, também pelo exemplo e atitudes devem ser sempre muito humildes nas relações com todos os homens deste mundo.

⁷ «Quando, no princípio da minha conversão, me separei do mundo e de meu pai segundo a carne, o Senhor pôs a sua palavra nos lábios do Bispo de Assis para me dar conselho e coragem no serviço de Cristo. ⁸ Por esta razão, e tantas outras prerrogativas eminentes que considero nos prelados, quero amar e venerar e ter como meus senhores, não só os Bispos, como os pobrezinhos sacerdotes.

16. ¹ «Obtida a bênção do Bispo, vão e tracem um sulco¹³ em volta do terreno recebido para construir o convento; aí, em vez de muro, plantem uma sebe, em sinal de pobreza e humildade. ² Em seguida, mandem fazer casinhas pobres, de barro e estacas, e algumas celas¹⁴ onde possam orar e trabalhar, evitando as conversas ociosas. ³ Mandem também construir uma igreja, mas acautelem-se de construir igrejas grandes, sob o pretexto de pregação ao povo ou qualquer outro motivo.

⁴ «Será maior a humildade e melhor o exemplo, se forem os frades pregar às outras igrejas, observando assim a santa pobreza, a humildade e o honesto decoro. ⁶ E, se forem visitados por prelados ou clérigos – religiosos ou seculares –, a pobreza dos seus conventinhos, celas e igrejas servirá a estes de pregação verdadeira e motivo de edificação».

⁶ Mais dizia: «Muitas vezes, os frades mandam construir grandes edifícios. Com isso violam a nossa santa pobreza, com detrimento e mau exemplo do próximo. ⁷ Depois, com a desculpa de irem à procura de «convento» melhor e mais santo, abandonam os seus conventinhos, dando azo a que se escandalizem e fiquem muito perturbados os que para eles deram as suas esmolas e os que isto vêem e ouvem¹⁵.

⁸ «É, pois, melhor que os frades mandem edificar conventinhos pequenos e pobres, consoante a sua profissão religiosa e o dever de dar bom exemplo, do que, procedendo contra a sua profissão, darem mau exemplo ao povo. ⁹ Fazendo assim, quando, para procurar lugar mais conveniente, tiverem de abandonar as suas moradas

¹³ O original tem *carbonariam*. Com este termo designava-se na Idade Média o fosso que se fazia em volta das muralhas. Não se trataria disso no pensamento de S. Francisco, mas dum sulco para plantar a sebe de que fala a seguir. Os conventinhos franciscanos nem sequer tinham muros.

¹⁴ Vê-se que, além do edifício principal, faziam construir também celas isoladas, para a oração e para o trabalho individual.

¹⁵ Os frades deviam pregar nas igrejas comuns. Construir igrejas próprias e grandes, a pretexto de nelas pregarem, era um perigo de estabilização, de isolamento e de independência (isenção) em relação à hierarquia. Há aqui um remoque, posto na boca de S. Francisco, contra as grandes igrejas conventuais, que começavam a ser construídas no tempo em que o autor escreve.

pobrezinhas, menos prejudicial será o exemplo e menor o escândalo».

O Testamento de Sena

17. ¹Naquele tempo, e na mesma cela em que o bem-aventurado Francisco disse estas coisas ao senhor Boaventura, começou uma tarde a sentir vômitos provocados pelas dores de estômago. Os esforços que fazia eram tão violentos, que passou a vomitar sangue toda a noite, até ao amanhecer. ²Os companheiros, vendo a sua fraqueza e as dores causadas pela doença, pensaram que ia morrer. ³Com muita dor e lágrimas, disseram-lhe: «Pai, que será de nós? Abençoa-nos, assim como a todos os outros frades. ⁴Além disso, deixa-nos as tuas últimas vontades, para que se o Senhor quiser levar-te deste mundo, possam os Irmãos relê-las e dizer: “Eis as palavras que nosso Pai deixou a seus filhos e Irmãos na hora da sua morte”». ⁵Disse-lhes o Santo:

⁶«Ide chamar o Fr. Bento de Piratro¹⁶». Era este Irmão um sacerdote, experimentado e santo, já antigo na Ordem. Celebrava por vezes a santa missa nesta mesma cela para o bem-aventurado Francisco, o qual, se bem que enfermo, sempre que podia, ouvia a santa missa, com todo o gosto e fervor. ⁷Quando o bem-aventurado Francisco o viu aproximar-se, disse-lhe: «Escreve que abençoo todos os meus frades, os que estão na Ordem e todos os que nela entrarem, até ao fim do mundo».

⁸Tinha o bem-aventurado Francisco por costume, quando os frades se reuniam em Capítulo, no fim, abençoar e absolver os presentes e os ausentes, mesmo os que haviam de entrar na Ordem. ⁹Não era só por altura dos Capítulos, mas com frequência abençoava todos os frades, os que estavam na Ordem e os que viessem a entrar nela.

¹⁰Disse então o bem-aventurado Francisco: «Como a minha fraqueza e sofrimentos me impedem de falar, resumirei em três palavras a minha vontade: ¹¹Em memória do meu testamento e da

¹⁶ É a única vez que nas biografias de S. Francisco aparece menção deste frade. Fr. Leão, secretário, confessor e capelão de S. Francisco devia estar ausente. À cena assistiu, porém, Fr. Pacífico (Cf. 2C 137).

minha bênção, que eles se amem sempre entre si e se respeitem uns aos outros; ¹²que eles amem e respeitem sempre nossa senhora, a santa pobreza; ¹³que sejam sempre fiéis e submissos aos preladados e clérigos da nossa santa mãe Igreja». Recomendou em seguida aos frades que temessem e evitassem dar mau exemplo; ¹⁴e amaldiçoou os que, com seus maus exemplos, ¹⁵eram motivo de descrédito da Ordem e dos bons e santos frades que, com isso, se envergonhavam e sofriam.

Como queria as igrejas varridas e limpas

18. ¹Quando o bem-aventurado Francisco estava em Santa Maria da Porciúncula e eram poucos ainda os fades, saía por vezes pelas aldeias e visitava as igrejas dos arredores de Assis, anunciando e pregando a penitência. ²Costumava levar consigo uma vassoura para varrer as igrejas. ³Muito lhe custava ver uma igreja suja! Por isso, quando acabava de pregar ao povo, reunia todos os sacerdotes que lá se encontrassem e levava-os para lugar à parte, para não ser ouvido pelos leigos; ⁴falava-lhes da salvação das almas e lembrava-lhes, sobretudo, que deviam manter limpas as igrejas, os altares e tudo o que serve à celebração dos mistérios divinos.

Vocação de Fr. João, o Simples

19. Um dia, o bem-aventurado Francisco tinha entrado na igreja duma aldeia do território de Assis e andava a varrê-la. Logo se espalhou a notícia, porque os habitantes gostavam muito de o ver e ouvir.

²Um certo João ¹⁷, homem de admirável simplicidade, que lavrava o seu campo, perto da igreja, foi à procura dele e encontrou-o a varrer a igreja. ³Aproximou-se e disse: «Irmão, quero ajudar-te; dá-me a tua vassoura». Pegou na vassoura e acabou de varrer a igreja. ⁴Assentaram-se para conversar um pouco e começa este homem a dizer ao bem-aventurado Francisco: «Há muito tempo que o meu desejo é servir a Deus, sobretudo depois que ouvi falar

¹⁷ Ficou conhecido na Ordem sob o nome de Fr. João Simples.

de ti e de teus frades; ⁵ mas não sabia como encontrar-te. Já que o Senhor dispôs o nosso encontro, quero fazer tudo o que achares bem».

⁶ Ao ver tanto fervor, o bem-aventurado Francisco alegrou-se no Senhor, sobretudo, porque tinha ainda poucos frades e porque este homem, com a sua simplicidade, dava mostras de vir a ser muito bom religioso. ⁷ Volveu-lhe o Santo: «Irmão, se queres partilhar da nossa vida e associar-te a nós, deves desfazer-te de tudo o que possas ter adquirido honestamente e dá-lo aos pobres, conforme o conselho do santo Evangelho. É o que costumam fazer, os que o podem fazer».

⁸ Correu logo o homem ao seu campo, onde tinha deixado os bois. Desamarrou-os e levou um ao bem-aventurado Francisco.

⁸ «Irmão – disse ele –, já levo muitos anos ao serviço de meu pai e de todos os que vivem em minha casa. Este boi não é senão uma pequena parte da herança que me compete. Quero ficar com ele como meu quinhão e dá-lo aos pobres, da maneira que, segundo Deus, te pareça melhor».

⁸ Os pais e os irmãos, que eram ainda pequenos, vendo que ele queria abandoná-los, puseram-se a chorar em altas vozes. O bem-aventurado Francisco, comovido, porque era uma família numerosa e sem recursos, disse-lhes: ⁹ «Preparai uma refeição para comermos todos juntos. Não vos lamenteis, porque vou dar-vos uma alegria».

¹⁰ Preparada a refeição, nela participaram todos, com grande alegria. ¹¹ Depois de comer, o bem-aventurado Francisco falou-lhes: «Este vosso filho quer servir a Deus. Não deveis entristecer-vos com isso, mas antes alegrar-vos. ¹² É para vós uma honra, não só aos olhos de Deus, mas ainda aos olhos do mundo, da qual tirareis proveito para as vossas almas e vossos corpos. Deus será glorificado com o vosso sangue; e de futuro, todos os nossos frades serão também vossos filhos e vossos irmãos. ¹³ Porque é uma criatura de Deus e quer servir o seu Criador, ao qual servir é reinar, eu não posso nem devo devolver-vos o vosso filho. Mas, para que recebais dele alguma consolação e a conserveis, e por serdes pobres, quero que ele vos entregue este boi que, segundo o conselho evangélico, devia ser dado aos outros pobres». ¹⁴ Todos ficaram

consolados com estas palavras, e mais ainda por lhes ter sido restituído o boi.

¹⁵ O bem-aventurado Francisco, que amou sempre a pura e santa simplicidade, em si e nos outros, sentia particular afecto por João. Depois de lhe dar o hábito, levava-o consigo por companheiro. ¹⁶ Era este Irmão de tal simplicidade que se considerava obrigado a fazer tudo o que via fazer ao bem-aventurado Francisco. ¹⁷ Quando este entrava numa igreja ou lugar remoto para orar, o Irmão procurava sítio donde o pudesse observar bem, para lhe imitar todos os gestos: se ele fazia uma genuflexão, se erguia as mãos ao céu, se cuspiu ou tossia, em tudo o imitava. ¹⁸ Interpelado pelo Santo, encantado com tamanha simplicidade, respondeu: «Padre, prometi fazer tudo o que tu fazes. Portanto...». ¹⁹ E no bem-aventurado Francisco crescia a admiração e a alegria de tanta pureza e simplicidade.

²⁰ Progrediu tanto este Irmão em todas as virtudes e na santidade, que o bem-aventurado Francisco e os outros Irmãos se sentiam arrebatados diante de tanta perfeição. ²¹ Morreu pouco depois, sem se haver afastado da santa perfeição. O bem-aventurado Francisco, com grande alegria interior e exterior contava a sua vida aos Irmãos; e, quando falava dele, não dizia: «Frei João»; mas «São João».

Recusa a entrada na Ordem a um postulante

20. ¹ Naquele tempo, andava o bem-aventurado Francisco em pregação pela província da Marca. ² Um dia em que pregava numa povoação, veio ter com ele um homem.

— ³ «Irmão, disse ele, quero deixar o mundo e entrar na tua família religiosa». O santo respondeu:

— ⁴ «Irmão, se tu queres entrar na nossa fraternidade, é preciso primeiro, segundo a perfeição do santo Evangelho, distribuir os teus bens pelos pobres e depois, renunciar completamente à tua vontade».

⁵ Ouvindo estas palavras, o homem foi logo distribuir os bens pelos seus familiares, guiado pela carne e não pelo espírito. ⁶ Ao voltar para junto do Santo, disse:

— «Irmão, fiz o que disseste».

— ⁷ «Como o fizeste?», perguntou o bem-aventurado Francisco.
 — ⁸ «Irmão, dei os meus bens a alguns dos meus parentes necessitados».

⁹ O bem-aventurado Francisco, instruído pelo Espírito Santo de que este era um homem carnal, replicou:

— ¹⁰ «Vai-te embora, irmão mosca. Depois de dares os bens aos teus, querias viver entre os frades à custa de esmolas».

O homem seguiu seu caminho sem demora, recusando entregar seus bens aos outros pobres.

Como o bem-aventurado Francisco venceu uma demorada tentação

21. ¹ Na mesma altura, quando o bem-aventurado Francisco estava na Porciúncula, para bem da sua alma, foi assaltado por uma terrível tentação espiritual. Sentia-se fortemente perturbado, interior e exteriormente, no espírito e no corpo, ² a ponto de evitar a companhia dos Irmãos, por não poder, devido à tentação, mostrar o seu habitual sorriso. ³ Mortificava-se com a privação da comida e no falar. ⁴ Procurava refúgio no bosque próximo da igreja para orar; aí podia dar largas à sua dor e derramar abundantes lágrimas diante do Senhor, para que o Senhor, que tudo pode, lhe enviasse do céu remédio para seu mal. Durante mais de dois anos, dia e noite, foi atormentado por esta tentação.

⁵ Um dia em que ele estava em oração na igreja de Santa Maria, ouviu em espírito esta palavra do Evangelho: «Se tiveres fê como um grão de mostarda e disseres a este monte que se afaste de um lugar para outro, ele obedecerá».

— ⁶ «Qual é essa montanha?», pergunta o bem-aventurado Francisco.

— «Essa montanha é a tua tentação».

— ⁷ «Então, Senhor, faça-se em mim como dizeis».

⁸ No mesmo instante sentiu-se aliviado, de tal maneira que lhe parecia nunca ter sofrido a tentação.

Come com um leproso na mesma escudela

22. ¹ Um dia em que o bem-aventurado Francisco regressava à igreja de Santa Maria da Porciúncula, deparou com Fr. Tiago o

Simples acompanhado de um leproso, coberto de chagas, que naquele dia viera à igreja. ²O santo Pai tinha-lhe recomendado, com muito interesse, este leproso, juntamente com os outros que estavam mais roídos da lepra. ³Naquele tempo os frades serviam nas leprosarias¹⁸. ⁴Frei Tiago fazia de enfermeiro dos mais chagados; e de bom ânimo lhes tocava nas feridas, mudava os pensos, e os tratava.

⁶O bem-aventurado Francisco disse a Frei Tiago, em tom repreensivo: «Não deves agir dessa maneira com os nossos irmãos cristãos, porque não é bom, nem para ti nem para eles». ⁷⁷ «Irmãos cristãos», era o nome que ele dava aos leprosos. Admoestou o Irmão, não obstante a alegria de o ver a ajudá-los e a servi-los: primeiro, porque não queria que saísse do hospital com os mais chagados; ⁸depois, porque o Irmão era muito simples e costumava levar com frequência alguns leprosos para a igreja de Santa Maria; enfim, porque os homens geralmente evitavam, horrorizados, estes infelizes cobertos de chagas.

⁹Apenas pronunciou estas palavras, logo se sentiu arrependido e confessou a sua culpa a Frei Pedro Catânio, Ministro Geral, na altura. Sobretudo, porque pensou que a repreensão dada a Frei Tiago desgostava o leproso. ¹⁰Sentiu-se, pois, obrigado a dar uma satisfação a Deus e ao doente.

¹¹Volta-se para Frei Pedro e diz: «Peço-te que me aproves e, sobretudo, não me recuses a penitência que quero fazer». Frei Pedro respondeu: – «Irmão, como queiras». ¹²Sentia Fr. Pedro para

¹⁸ O facto de se dizer aqui que os Irmãos, naquele tempo, moravam e trabalhavam nas leprosarias, faz pensar que o episódio terá ocorrido nos primórdios da Ordem; mas é difícil admitir que Fr. Pedro Catânio, a quem pouco adiante S. Francisco se dirige como Ministro Geral, o tenha sido antes de 1220. É mais admissível que tenha sido Vigário Geral mais cedo, aí por 1213, o que ajudaria a resolver a dificuldade. A assistência aos leprosos – doença mais espantosa daquele tempo – foi o primeiro apostolado de S. Francisco e seus companheiros. O Santo nutriu sempre uma dedicação especial para com eles. É a primeira experiência espiritual que recorda no seu *Testamento*.

Fr. Pedro Catânio (ou de Cattanio), jurista de Assis, e talvez cônego da Catedral, foi o segundo companheiro de S. Francisco, depois de Fr. Bernardo de Quintavale. Acompanhou S. Francisco na viagem ao Oriente, foi nomeado Ministro Geral em 29 de Setembro de 1220, mas morreu pouco depois, em 10 de Março de 1221, na Porciúncula.

com o Santo tal veneração, temor e submissão, que jamais ousava modificar em nada o que lhe ordenasse, embora nesta circunstância, como em muitas outras, ficasse preocupado interior e exteriormente. Diz-lhe o bem-aventurado Francisco:

¹³ «A minha penitência vai ser esta: comer no mesmo prato, com o meu irmão cristão». Quando o bem-aventurado Francisco e os Irmãos se assentaram à mesa com o leproso, foi colocada uma escudela entre os dois. ¹⁴ Ora o leproso era todo chagas e úlceras; os dedos, de que se servia para comer, estavam contorcidos e escorrendo sangue, que caía na escudela sempre que lá os metia. ¹⁵ À vista disto, Frei Pedro e os Irmãos sentiam grande tristeza, mas nada se atreviam a dizer, por respeito para com o santo Pai.

Aquele que isto escreve, viu e dá testemunho.

Visão de Frei Pacífico na Igreja de Bovara

23. ¹ Andava uma ocasião o bem-aventurado Francisco pelo vale de Espoleto na companhia de Frei Pacífico, natural da Marca de Ancona e que no século era conhecido por «Rei dos versos», de nobre estirpe, mestre de coro e gentil-homem. ² Hospedaram-se na leprosaria de Trevi. ³ Disse o Santo a Frei Pacífico: «Vamos a Bovara, à igreja de S. Pedro, porque quero passar lá a noite». ⁴ Esta igreja não era distante da leprosaria e encontrava-se abandonada, porque nessa altura Trevi tinha sido destruída e não havia lá quase ninguém¹⁹.

⁵ Pelo caminho, disse a Frei Pacífico²⁰: «Volta para a leprosaria. Esta noite quero ficar só. Vem procurar-me amanhã, de manhã cedo». ⁶ A sós, rezou completas e demais orações, deitando-se em seguida, quis dormir. Em vão, porém, porque sua alma foi assal-

¹⁹ Trevi foi destruída por Diebold de Sweinspeunt, duque de Espoleto, em Setembro de 1213. Cedida a Folino em 1215, foi reconstruída nessa altura. A visão de Fr. Pacífico ter-se-á dado, portanto, em 1214, antes da reconstrução.

²⁰ Fr. Pacífico da Marca, antes de entrar na Ordem chamava-se Guilherme Divini e era poeta de corte, donde lhe veio depois o nome de «rei dos versos». Como tal, foi muito estimado por S. Francisco, que terá pedido certamente o seu retoque polido para as poesias que ele mesmo compôs. Em 1217 foi enviado para a França como ministro provincial, onde morreu em 1235. Mas em 1223 estava de novo em Itália, tendo acompanhado S. Francisco em algumas das suas viagens.

tada pelo medo e por espantosas tentações diabólicas. ⁷ Levantou-se logo, saiu da igreja, persignou-se e disse: «Demónios, da parte de Deus Todo-Poderoso vos ordeno que descarregueis sobre o meu corpo todo o vosso poder, na medida que vos for concedido pelo Senhor Jesus Cristo. ⁸ Estou pronto a suportar tudo. O corpo é o meu maior inimigo; vós me vingareis assim deste adversário e deste inimigo». ⁹ Logo cessaram as tentações e, regressando ao lugar onde queria passar a noite, deitou-se e dormiu tranquilamente.

¹⁰ De manhã, Frei Pacífico veio ter com ele. Encontrou o bem-aventurado Francisco em oração diante do altar, no interior do coro. Frei Pacífico esperou por ele, fora do coro, em oração diante do Crucifixo. ¹¹ Assim que começou a rezar, foi arrebatado em êxtase. Dentro do corpo ou fora do corpo, Deus o sabe. E viu no céu muitos tronos, dos quais se destacava um, mais elevado e mais luminoso, ornado de pedras preciosas. ¹² Admirando o seu esplendor, perguntava que assento era aquele e para quem estaria destinado, quando ouviu uma voz: «Este era o assento de Lúcifer, nele se sentará Francisco»²¹.

¹³ O bem-aventurado Francisco, ao aproximar-se dele, notou que ele tivera uma visão. O Irmão lançou-se a seus pés, de braços em cruz, porque o considerava já habitante celeste, devido à visão, e disse: «Pai, perdoa-me os meus pecados e pede ao Senhor que me perdoe e tenha piedade de mim». ¹⁴ O Santo deu-lhe a mão, ergueu-o e viu bem que ele tinha tido uma visão durante a oração: ¹⁵ parecia todo transfigurado e falava ao bem-aventurado Francisco, não como a ente carnal deste mundo, mas como a um eleito na glória do Céu.

¹⁶ Procurando dissimular, porque não queria revelar a sua visão, perguntou Fr. Pacífico ao Santo:

– «Irmão, que pensas tu de ti mesmo?»

– ¹⁷ «Eu penso que sou mais pecador que qualquer homem deste mundo», respondeu o bem-aventurado Francisco.

²¹ O tema da *cadeira perigosa* é frequente nas lendas do Santo Graal. Tema da mística medieval é também o da décima ordem (em relação aos nove coros dos anjos), que seria a dos eleitos que viriam a ocupar os tronos dos anjos que caíram, seguindo a Lúcifer.

¹⁸ Imediatamente Fr. Pacífico ouviu no seu coração uma voz que dizia: ¹⁹ «Por este sinal reconhecerás a verdade desta visão: assim como Lúcifer foi precipitado do trono por causa do seu orgulho, assim o bem-aventurado Francisco, por sua humildade, será exaltado e ocupará o lugar daquele».

Em Rieti, um anjo toca-lhe cítara durante a noite

24. ¹ Na altura em que o bem-aventurado Francisco estava em Rieti, hospedou-se²² por alguns dias em casa de Teobaldo o Sarra-ceno, enquanto fazia tratamento aos olhos. Disse um dia a um dos seus companheiros, que no século era tocador de cítara: ² «Irmão, os filhos deste mundo não compreendem nada das coisas de Deus. Outrora serviam-se os santos dos instrumentos de música, como cítaras, saltérios, etc., para louvor de Deus e recreio de suas almas; agora estão ao serviço da vaidade e do pecado, contrariamente à vontade do Senhor. ³ Gostaria que fosses, em segredo, pedir a pessoa honesta uma cítara emprestada, na qual me tocases boa música para acompanhar orações e louvores do Senhor. O meu corpo padece agora grande sofrimento; queria, por este meio, mudar a dor em alegria e consolação espiritual». ⁴ Durante a sua doença, tinha o bem-aventurado Francisco composto os *Louvores do Senhor*. Era frequente mandar cantá-los a seus frades, para glória de Deus, consolação de sua alma e edificação do próximo.

⁵ O Irmão respondeu-lhe: «Padre, tenho vergonha de ir à procura desse instrumento. Os habitantes desta cidade sabem que, no mundo, eu fui tocador de cítara; e tenho receio de os escandalizar, fazendo-lhes pensar que estou tentado a voltar ao meu ofício».

– ⁶ «Está bem, Irmão, diz-lhe o Santo, não se fala mais nisso».

⁷ Na noite seguinte, perto da meia-noite, estando Francisco acordado, começou a ouvir, próximo da casa, a mais bela e suave melodia, que até então ouvira, nas cordas de uma cítara. ⁸ O tocador afastava-se, até quase não se ouvir, depois voltava, dedilhando

²² Está provado que existiu por aquele tempo, em Rieti, um cónego de nome Teobaldo Sarraceno (Cf. SACHETI - SASSETTI, *Anecdota Franciscana*). Este episódio deve ter acontecido em 1225, pelo fim da Primavera, ou no Outono, por ocasião da operação aos olhos em Fontecolombo.

sempre o doce instrumento; ⁹ e assim esteve pelo espaço de uma longa hora. ¹⁰ O bem-aventurado Francisco, considerando que era obra da mão de Deus e não do homem, sentiu extrema alegria; com a alegria de seu coração, louvava enleado o Senhor, que se dignara conceder-lhe tão grande e rara consolação.

¹¹ De manhã, ao levantar, disse ao companheiro: «Irmão, pedi-te e não me ouviste; mas o Senhor, que consola os amigos nas suas tribulações, dignou-se consolar-me esta noite». ¹² E contou-lhe o que se tinha passado. Os frades, na sua admiração, levavam o facto à conta de grande milagre. ¹³ Estavam certos que Deus mesmo interviera para consolação do bem-aventurado Francisco, porque, por decreto do governador, ninguém podia circular na cidade, não só à meia-noite, como a partir do terceiro toque do sino²³. ¹⁴ Além disso, como referiu o Santo, era em meio do silêncio geral e sem se ouvir voz humana, que a melodia da cítara se aproximava e afastava, para consolação de sua alma.

Milagre da vinha, em Rieti

25. ¹ No tempo em que o bem-aventurado Francisco andava a tratar a doença dos olhos, morava perto da igreja de S. Fabião, às portas da cidade, assistida por um pobre padre secular. ² O Senhor Papa Honório residia então nesta cidade, com os Cardeais ²⁴. ³ Muitos destes, acompanhados de clérigos, vinham quase diariamente, por respeito e veneração, visitar o Santo.

⁴ Pertencia à igreja uma pequena vinha, ao pé da casa onde morava o bem-aventurado Francisco. Como a casa não tinha senão uma porta, a qual dava para a vinha, esta era atravessada por todos os que iam visitar o Santo. As uvas estavam maduras; o lugar, ameno, convidando ao repouso. ⁵ Em pouco tempo ficou a vinha quase toda vindimada. Porque uns apanhavam e comiam ali, outros apanhavam e levavam, e outros pisavam tudo com os pés.

²³ Esta referência precisa à lei de recolher, então em vigor na cidade de Rieti, é um pormenor que não se inventa facilmente e denota um conhecimento directo do facto.

²⁴ O Papa Honório esteve em Rieti de 23 de Junho de 1225 a 31 de Janeiro de 1226.

⁶Escandalizado e aflito, lamentava-se o padre: «Lá se foi a minha colheita deste ano! A minha vinha é pequena, mas dela tirava todos os anos o suficiente para o meu consumo». ⁷Sabendo disto, o bem-aventurado Francisco mandou chamar o padre e disse-lhe: «Acaba com as tuas lamentações e escândalos, porque não há nada a fazer. ⁸Confia no Senhor, que Ele, em vez deste seu pobre servo, te pagará todos os prejuízos causados. ⁹Diz-me cá: quantas cargas²⁵ dá a tua vinha nos melhores anos?»

– «Treze», responde o padre.

– ¹⁰«Não te aflijas mais, replicou o Santo, nem andes a incomodar as pessoas com essas queixas e recriminações. Tem confiança no Senhor e nas minhas palavras. Se colheres menos de vinte cargas, prometo completar o que faltar».

¹¹O padre concordou e calou-se daí em diante. Ora aconteceu que, graças à bondade do Senhor, não colheu menos de vinte cargas, segundo a promessa do Santo. ¹²Este padre ficou cheio de admiração, tal como todos os que tiveram conhecimento do facto, que consideravam grande milagre, devido aos merecimentos do bem-aventurado Francisco. Realmente, a vinha estava devastada; e, ainda que estivesse carregada de uvas, era impossível dar vinte cargas de vinho.

¹³Nós, que vivemos com ele, damos testemunho que, quando dizia: «É assim» ou «será assim», a sua palavra cumpria-se sempre. Vimos muitas destas promessas realizadas, quer durante a sua vida, quer depois da morte.

Em Fonte Colombo, o médico aceita comer à mesa dos frades

26. ¹Naquele tempo, morava o bem-aventurado Francisco, para tratamento dos olhos, no eremitério dos Irmãos de Fonte Colombo, perto de Rieti. ²Um dia, o médico veio visitá-lo e entreteve-se com ele, como de costume, pelo espaço de uma hora. Já se dispunha a sair, quando o Santo diz a um dos seus companheiros: «Vai preparar uma boa refeição para o nosso médico».

²⁵ No latim *salma*. No italiano *somo* i. e., a carga que se põe sobre um burro ou outro animal. Quantidade, portanto, difícil de precisar.

— ³ «Padre, responde o companheiro, custa-me dizê-lo, mas neste momento estamos tão desprevenidos, que temos vergonha de o convidar e oferecer-lhe de comer».

— ⁴ «Homens de pouca fé, não me façais repetir o que disse».

⁵Interveio o médico, dizendo-lhes: «Precisamente porque são pobres os frades, quero comer com eles». ⁶Era muito rico este médico, e, convidado já em muitas outras ocasiões pelo bem-aventurado Francisco e seus frades, nunca tinha aceitado partilhar da sua refeição.

⁷Os frades, envergonhados, foram pôr a mesa, guarnecida com algum pão e vinho, e os legumes que para eles tinham preparado.

⁸Começavam a comer, quando se ouviu bater à porta. ⁹Foi um dos frades atender. Era uma mulher, carregada de grande cesta cheia de lindo pão, peixes, pastéis de camarão, mel e belas uvas, que pareciam colhidas de fresco; tudo mandado pela dama de um castelo, distante do eremitério, cerca de sete milhas. ¹⁰Perante isto, os frades e o médico foram tomados de grande admiração e meditavam na santidade do Pai.

¹¹O médico disse aos frades: «Nem vós nem eu conhecemos devidamente a santidade deste homem».

A uma Dama do Castelo de Limisiano prediz a conversão do marido

27. ¹Um dia, ao ir o bem-aventurado Francisco para Celle di Cortona, seguia o caminho que passa ao pé do Castelo chamado Limisiano. Ia a chegar ao convento dos frades em Pregio, quando vem no seu encalço uma nobre dama deste Castelo, para lhe falar.

²Um dos companheiros, voltando-se, reparou como a dama, muito fatigada, vinha avançando à pressa. Correu e suplicou: ³«Padre, por amor de Deus, esperemos esta dama, que tanto se afadiga para falar contigo».

⁴O bem-aventurado Francisco, homem de coração cheio de piedade, esperou. ⁵Quando a viu aproximar-se, cansada e com grande fervor e devoção, perguntou-lhe:

— «Que desejais, senhora?»

— ⁵«Padre, peço-te que me dês a bênção».

— ⁶«Sois casada ou livre?»

— ⁷ «Padre, diz ela, há muito que o Senhor me suscitou um grande desejo de O servir. ⁹ Tive e tenho ainda a melhor vontade de salvar a minha alma; mas meu marido é tão cruel para comigo e para com ele, que se tornou um obstáculo no serviço de Cristo; a dor e a angústia afligem mortalmente a minha alma».

¹⁰ O Santo, olhando ao fervor, à juventude e à fragilidade da senhora, sentiu-se tocado de compaixão para com ela. Abençoou-a e disse: ¹¹ «Ide; encontrareis o vosso marido em casa; dir-lhe-eis da minha parte que vos peço, a ele e a vós, que salveis a vossa alma em vossa casa, por amor de Nosso Senhor que, para nos salvar, sofreu a Paixão e a Cruz».

¹² Ao chegar a casa, encontrou o marido, como predissera o Santo.

— ¹³ «Donde vens?», perguntou ele.

— ¹⁴ «Venho de um encontro com o bem-aventurado Francisco. Ele abençoou-me, e as suas palavras encheram de alegria e consolação a minha alma no Senhor. ¹⁵ Também me mandou dizer-vos, de sua parte: salvemos as nossas almas, continuando em nossa casa».

¹⁶ Ditas estas palavras, a graça de Deus desceu sobre ele, por mérito do bem-aventurado Francisco. ¹⁷ Respondeu com muita bondade e doçura, repentina e completamente mudado pelo Senhor: «Senhora, de hoje em diante, serviremos a Cristo, segundo os vossos desejos, e salvaremos as nossas almas, como vos disse o Santo». ¹⁸ A dama respondeu: «Senhor, parece-me que seria bom vivermos em castidade, porque é virtude tão agradável a Deus e nos alcança grande recompensa». ¹⁹ Confirmou o marido: «Se vós o quereis, também eu, porque nisto, como em qualquer outra boa obra, quero conformar minha vontade à vossa».

²⁰ A partir deste dia e durante muitos anos, viveram em castidade, distribuindo muitas esmolas pelos frades e outros pobres. Muitas pessoas, tanto seculares como religiosas, ficavam admiradas com a santidade deste homem, assim feito espiritual, de mundano que era. ²¹ Marido e mulher perseveraram até ao fim, nestas e noutras boas obras. Morreram com poucos dias de intervalo.

²² Foram muito chorados, por causa do brilho da sua vida e pelo bom exemplo que tinham dado, louvando e bendizendo o Senhor,

que lhes concedera, entre outras graças, a de O servir em perfeita união de corações.

²³ Ainda hoje, os que os conheceram, se recordam e falam deles como de dois santos.

Recusa a entrada na Ordem a um jovem de Lucca movido por motivos humanos

28. ¹No tempo em que ninguém era admitido na Ordem sem a permissão do bem-aventurado Francisco, o filho de um habitante de Lucca, que era nobre, veio ter com ele, na companhia de outros pretendentes à Ordem. O Santo estava então doente, no palácio do bispo de Assis. ²Ao serem apresentados ao bem-aventurado Francisco, o jovem nobre inclinou-se e com abundantes lágrimas suplicou-lhe que o admitisse.

³O Santo fixou-o e disse: «Homem miserável e carnal, porque mentes ao Espírito Santo e a mim? É a carne e não o Espírito que te fazem chorar». ⁴Palavras não eram ditas, eis que chegam os seus parentes a cavalo, para o apanharem e levá-lo para casa. ⁵Este, ouvindo o estrépito dos cavalos, espreitou pela janela; percebendo que eram seus parentes, logo se levantou e foi com eles para o mundo, como o Espírito Santo havia dado a conhecer ao bem-aventurado Francisco.

⁶Os frades e todos os que isto viram, ficaram muito admirados, exaltando e louvando a Deus no seu Santo.

Como satisfez, na sua doença, o desejo de comer peixe

29. ¹Naquele tempo, estando muito doente no Palácio do Bispo de Assis, pediam-lhe os Irmãos, com insistência, que tomasse algum alimento. ²Mas ele respondia: «Não, Irmãos, não tenho apetite nenhum. Se tivessem aí daquele peixe chamado lúcio, talvez comesse qualquer coisa». ³Ele a dizer isto, e alguém que aparece com uma cestinha, e nela três grandes lúcios, bem preparados, com gambas, que o santo Padre comeu de boa von-

tade; e que tinham sido mandados por Fr. Gerardo, Superior de Rieti ²⁶.

⁴ Os frades estavam admirados com a virtude do Santo, e louvavam o Senhor que contentava seu servo, dando-lhe o gosto que não estava a seu alcance, porque era Inverno e, portanto, impossível encontrar tais peixes naquela terra.

Penetração das consciências

30. ¹ Um dia, o bem-aventurado Francisco viajava com um Irmão de Assis, homem de vida interior, oriundo de nobre e poderosa parentela. ² O Santo, que andava fraco e doente, cavalgava um jericó. O Irmão, cansado da viagem, pensava lá consigo: «A família dele não podia comparar-se com a minha; e agora é ele que cavalga o animal e eu aqui, a pé, tangendo-lhe a cavalgadura».

³ Ia o frade neste pensar, quando, de repente, o bem-aventurado Francisco desce do burro e diz-lhe: «Nem é justo nem conveniente que eu siga montado, enquanto tu, a pé, me acompanhavas; porque no mundo, tu eras mais nobre e mais rico do que eu».

⁴ O frade, cheio de confusão e de vergonha, lançou-se-lhe aos pés, chorando; confessou os seus pensamentos secretos e reconheceu a sua falta. ⁵ Admirou-se muito da santidade do bem-aventurado Francisco, que tinha imediatamente penetrado o seu pensamento. ⁶ Mais tarde, quando os Irmãos, em Assis, pediram ao Senhor Papa Gregório e aos Cardeais para canonizarem o bem-aventurado Francisco, testemunhou diante deles a autenticidade do facto.

Em Greccio, da sua cela, abençoa um frade, cujo desejo conheceu em espírito

31. ¹ Um frade, homem espiritual e amigo de Deus, morava no convento de Rieti. ² Um dia, levado pelo desejo de ver o bem-

²⁶ Parece difícil que de Rieti pudessem mandar peixe fresco a Assis. O episódio seria de situar no palácio episcopal de Rieti. O compilador, levado pela expressão *no mesmo Palácio*, sem advertir no conteúdo da narrativa, copiou os papéis de Fr. Leão, sem se dar ao cuidado de ver se estavam por ordem ou não. *Lúcio* é um peixe de água doce, na altura muito apreciado.

-aventurado Francisco e receber a sua bênção, com grande devoção, meteu-se a caminho do ermitério de Greccio, onde estava nessa altura o Santo.

³O bem-aventurado Francisco já tinha tomado a sua refeição e regressado à cela, que estava à sua disposição para descansar e rezar. ⁴Estava-se na Quaresma, e o Santo não saía da cela senão para tomar um pouco de alimento, voltando logo para lá. Portanto, o Irmão não o encontrou.

⁵Contristado, sobretudo por ter de regressar esse mesmo dia ao seu convento, atribuíu o contratempo aos seus pecados.

⁶Consolado pelos Irmãos, lá se meteu a caminho do convento.

⁷Não tinha ele andado a distância duma pedrada, quando o bem-aventurado Francisco, pela vontade do Senhor, sai da cela e chama um dos Irmãos que iam a acompanhar aquele frade até à Fonte do Lago; e ordena-lhe: ⁸«Diz a esse Irmão que olhe cá para mim».

⁹O Irmão voltou o rosto para o Santo, que o abençoou com o sinal da cruz. ¹⁰Cheio de alegria interior e exterior, o Irmão louvou o Senhor, que tinha atendido o seu desejo. E maior era a sua consolação por ver que fora da vontade de Deus receber esta bênção, sem a ter pedido e sem qualquer intervenção humana.

¹¹Os companheiros do Santo e os outros frades do convento ficaram cheios de admiração. ¹²Para eles era caso miraculoso, porque ninguém tinha prevenido o bem-aventurado Francisco da chegada deste Irmão. ¹³Aliás, nem os companheiros do Santo nem os outros frades ousavam ir ter com ele, sem serem chamados.

¹⁴Aonde quer que ele se retirasse para rezar, tanto ali, como em qualquer outro convento, queria ficar só; e ninguém podia aproximar-se sem ser chamado.

Lição de pobreza em Greccio

32. ¹Uma vez, neste mesmo convento de Greccio, um Ministro Provincial veio ali, para celebrar o Natal do Senhor com o bem-aventurado Francisco ²⁷.

²⁷ A *Vita II* de Celano coloca este facto por altura da Páscoa e não do Natal.. Delorme nas suas notas à *Legenda Perusina* pensa que Celano terá corrigido a fonte

² Os frades, já pela festa, já pela visita do Ministro, trataram de preparar uma boa mesa, ornada de belas toalhas brancas, para o efeito adquiridas, e guarnecida com copos de vidro para beber.

³ Quando o bem-aventurado Francisco desce da sua cela para vir comer, e depara com a mesa preparada com tanto esmero, ⁴ retira-se em segredo, pega no chapéu e no cajado dum pobre, que nesse dia estava de passagem no convento, faz sinal a um companheiro, e com ele sai para fora do eremitério, sem que ninguém desse conta.

⁵ Entretanto sentaram-se os frades à mesa, porque, como era hábito, deviam começar a comer, quando ele se atrasava para o início da refeição. ⁶ O companheiro fechou-lhe a porta, ficando da parte de dentro, por detrás dela. ⁷ Bate o Santo, e apressa-se o Irmão a abrir. Entra de chapéu caído para as costas, cajado na mão, como um peregrino.

⁸ À porta da sala onde estavam os frades a comer, começa a dizer em voz alta, como costumam fazer os pedintes: «Por amor do Senhor Deus dai uma esmola a este peregrino, pobre e doente». ⁹ O Ministro, que logo o reconheceu, assim como os outros frades, diz-lhe: ¹⁰ «Nós aqui também somos pobres, e como somos muitos, precisamos das esmolas que estamos a comer. Mas, por amor de Deus, que acabas de invocar, aproxima-te, que nós te daremos das esmolas que o Senhor nos concedeu».

¹¹ Entrou o Santo, e ficou de pé junto à mesa. O Ministro ofereceu-lhe a própria escudela e um bocado do seu pão. ¹² Pegou neles, e foi sentar-se no chão, junto ao lume, em frente dos frades, que ocupavam os seus lugares à mesa, sentados nos bancos. Então, suspirando, começou a dizer: ¹³ «Quando vi esta mesa aparatosa, entendi que não era mesa de pobres religiosos que vão todos os dias pedir esmola, de porta em porta; ¹⁴ nós temos que seguir o exemplo da humildade e da pobreza, mais que os outros religiosos, porque para isto fomos chamados e o prometemos, diante de Deus e dos homens. ¹⁵ Aqui, sim, me parece que estou sentado como um verdadeiro frade menor».

de que se serviu. É de notar que era costume chamar ao Natal «*Pascha nativitatis*» Páscoa do Natal.

¹⁶ Todos se sentiam confundidos, por verem que esta era a verdade. Alguns derramavam lágrimas de dor, por o verem sentado no chão, compreendendo bem com quanta santidade e discrição lhes dera aquela correcção.

Visita do Cardeal Hugolino à Porciúncula

33. ¹ Dizia o bem-aventurado Francisco que os frades deviam ter mesas humildes e próprias de pobres, que pudessem edificar os homens do mundo; que, se um pobre fosse convidado pelos frades, devia sentar-se à mesa com eles, e não no chão, estando eles nas suas cadeiras.

² O Senhor Papa Gregório, ao tempo em que era Bispo de Óstia, veio um dia ao convento de Santa Maria da Porciúncula. Encontrou na casa dos frades, e quis ver onde eles dormiam. Acompanhava-o um grande séquito de cavaleiros, religiosos e outros clérigos. ³ Ao ver que os frades dormiam no chão, em cima de uma pouca de palha, sem travesseiro, e apenas com uns leves e esfarrapados cobertores, não se conteve e, com abundantes lágrimas, exclamou:

— ⁴ «Eis como dormem os frades! E nós, miseráveis, que nos regalamos com tanto conforto supérfluo, o que será de nós?» ⁵ Saiu muito edificado, e os outros também. Não havia mesa nenhuma, porque os frades comiam no chão.

⁶ Se bem que aquele convento, desde a sua fundação, fosse sempre mais frequentado que qualquer outro da Ordem, pois era lá que tomavam hábito todos os que entravam, os frades daquele convento comiam sempre sentados no chão, quer fossem muitos, quer fossem poucos. ⁷ E, enquanto viveu o santo Pai, por seu exemplo e vontade, os frades daquele convento comiam assim.

Milagre dos lobos e do granizo em Greccio

34. ¹ Vendo o bem-aventurado Francisco que aquele convento de Greccio era humilde e pobre; e como a gente do lugar, apesar de muito simples e carecida de bens, era a sua gente preferida em toda a província; aqui vinha com frequência, umas vezes com mais demora, outras com menos. ² Além disso, havia lá uma cela que ele

muito estimava, por ser pobre e solitária, da qual fazia o seu refúgio habitual.

³O seu exemplo, a sua pregação e a de seus frades, levaram, com a graça de Deus, muitos habitantes a entrar na Ordem; muitas donzelas fizeram voto de virgindade, permanecendo entretanto nas próprias casas, vestidas de hábito religioso. ⁴Embora vivendo cada uma em sua casa, levavam vida comum, castigando o corpo com jejuns e orações, parecendo aos seculares e aos frades que o viver delas não se passava no meio do mundo e dos familiares, mas entre pessoas religiosas e santas, que de há muito servissem ao Senhor, embora elas fossem muito jovens e simples.

⁵Falando dos homens e das mulheres desta terra, dizia o bem-aventurado Francisco a seus frades: «Nem entre as grandes cidades há uma onde tantas pessoas se tenham convertido à penitência, como em Greccio, que é bem pequena terra».

⁶À tarde, quando os frades cantavam os louvores do Senhor, como era costume naquele tempo fazerem em muitos conventos, os homens e mulheres daquela terra, grandes e pequenos, saíam de casa e, mesmo da rua, salmodiavam com os frades, acompanhando-os no refrão: «Seja louvado o Senhor Deus». Até as crianças que mal sabiam falar, ao verem os frades, louvavam o Senhor, como podiam ²⁸.

⁷Havia anos que estavam a ser flagelados por duras calamidades. Enormes lobos chegavam a devorar pessoas; e todos os anos as vinhas e os campos eram devastados com a queda de granizo.

⁸Um dia, quando pregava, o bem-aventurado Francisco disse-lhes: «Eis o que vos anuncio, para honra e glória de Deus: Se cada um de vós se converter dos seus pecados, voltando-se para Deus com todo o coração, e com o propósito de perseverar, ⁹espero que o Senhor Jesus Cristo, na sua misericórdia, vos livrará do flagelo dos lobos e do granizo, que há muito vos aflige. Ele aumentará e multiplicar-vos-á os bens espirituais e temporais. ¹⁰Eu, porém, previno-vos que, se retornardes às vossas obras depravadas – Deus

²⁸ Passagem importante para a história da Ordem Terceira, com a qual se pode relacionar também o número 27.

vos livre de tal – voltará de novo este castigo e este flagelo, acompanhado de outras catástrofes, ainda mais terríveis».

¹¹ E aconteceu que, por disposição da divina Providência e pelos méritos do santo Pai, a partir daquele dia, desapareceram aquelas calamidades. ¹² E, o que é verdadeiramente miraculoso é que o granizo, quando se abatia sobre os campos dos vizinhos, detinha-se nos limites dos de Greccio.

¹³ Durante dezasseis ou vinte anos foram assim cumulados de bens espirituais e temporais. ¹⁴ Mas a abundância gerou o orgulho e o ódio: combatiam entre si à espada, mesmo até à morte, matavam animais às ocultas, roubavam e pilhavam pela calada da noite e cometiam muitos outros crimes.

¹⁵ Vendo o Senhor a ruindade das suas obras, e que deixavam de observar as condições ditadas por seu servo, sua cólera se inflamou contra eles e suspendeu a acção da sua bondade: ¹⁷ o flagelo dos lobos e do granizo voltou, como os prevenira o santo Pai; maiores e mais pesadas calamidades caíram sobre eles. ¹⁸ O lugar foi incendiado, perderam todas as suas coisas; e apenas puderam salvar a vida.

¹⁹ Os frades e todos os que se lembravam da predição do santo Pai, ficavam admirados com a sua santidade ao verificar que tudo se cumprira à letra.

Maldição de Perúcia

35. ¹ Quando, um dia, o bem-aventurado Francisco pregava na praça de Perúcia, perante uma grande multidão, ² foi perturbado por um grupo de cavaleiros que, com armas e cavalos, se entretinham em jogos de cavalaria, ³ desdenhando os protestos de homens e mulheres que ouviam atentamente o Santo.

⁴ Voltando-se para eles, disse-lhes com todo o ardor da sua alma: «Ouvi e guardai bem o que vos anuncia o Senhor pela boca do seu servo; e não digais: aquele sujeito é um assisiense». ⁵ O Santo falava assim, porque outrora um grande ódio dividira os de Perúcia e os de Assis.

⁶ E continuou: «O Senhor vos exaltou e favoreceu acima dos vossos vizinhos. Por isso, devíeis ser muito reconhecidos para com o vosso Criador e humilhar-vos, não só perante o Todo-Poderoso,

como perante o vosso próximo. ⁷No entanto, o vosso coração inchou-se de arrogância, audácia e orgulho. Vós saqueais os vossos vizinhos e cometeis morticínios entre eles. ⁸Pois eu digo-vos: se não vos arrependeis bem depressa, e não reparais os prejuízos por vós praticados, o Senhor, que não deixa nenhuma injustiça sem castigo, vos prepara uma terrível vingança, para vossa humilhação. ⁹Lançar-vos-eis uns contra os outros; discórdias e guerras fraticidas levantar-se-ão no meio de vós; com elas recebereis tantas calamidades, quantas não poderíeis receber dos vossos vizinhos».

¹⁰O bem-aventurado Francisco, de facto, na sua pregação, não calava os vícios do povo, quando se ofendia publicamente a Deus ou ao próximo. ¹¹Mas o Senhor tinha-lhe dado graça tão grande que, todos aqueles que o ouviam ou o viam, não tinham por ele senão temor e veneração, por causa desta riqueza de dons que tinha recebido de Deus. Assim, embora os repreendesse, sentiam-se envergonhados, mas também edificadas. ¹²Por vezes, com tais pregações, e porque intercedia a Deus por eles com mais fervor, convertiam-se ao Senhor.

¹³Passados poucos dias, por permissão divina, rebentou a guerra entre os cavaleiros e o povo. Este expulsou da cidade os cavaleiros, que tinham apoio e colaboração da Igreja.

¹⁴Exasperados, os cavaleiros invadiram os campos, destruindo árvores e vinhas, e causando os maiores danos ao povo que, ¹⁵por sua vez, procedeu de igual modo nas propriedades dos cavaleiros.

¹⁶Assim, os habitantes de Perúcia, para seu castigo, vieram a sofrer mais do que tinham feito sofrer aos vizinhos. ¹⁷Era, à letra, o cumprimento do que tinha sido predito pelo bem-aventurado Francisco.

Encontro com um piedoso Abade

36. ¹Durante uma das suas viagens, o bem-aventurado Francisco encontrou-se com o abade de um mosteiro ²⁹, o qual tinha para com ele muita amizade e veneração. ²O Abade desmontou do seu cavalo e, por espaço de uma hora, entreteve-se com ele a falar

²⁹ O Abade do mosteiro de S. Justino de Val d'Arna, na diocese de Perúcia (2C 101).

da salvação da sua alma. ³ Ao despedir-se, rogou o Abade com todo o empenho, que pedisse ao Senhor pela sua salvação. Responde o Santo: «Vou fazê-lo com todo o gosto».

⁴ Mal se afastou o abade um pouco, volta-se para o companheiro que ia consigo e diz: «Irmão, espera um bocadinho; quero rezar por este abade, como lhe prometi». ⁵ Porque, era seu hábito, se alguém lhe pedia para rezar pela salvação da alma, fazia esta prece o mais cedo possível, com receio de se esquecer depois.

⁶ O abade, entretanto, seguia seu caminho. Não tinha andado grande distância, quando recebeu no coração a visita do Senhor; um suave calor lhe subiu ao rosto; e, por momentos, sentiu-se como que em êxtase. ⁷ Quando voltou a si, reconheceu que o bem-aventurado Francisco rezara por ele. Cheio de grande alegria, pôs-se a louvar o Senhor.

⁸ Desde então, dedicava ao Santo maior devoção, porque, por si mesmo, provar a excelência da sua santidade. Enquanto viveu, falava disso como sendo um grande milagre; e com frequência contava aos frades e a outros o que lhe tinha acontecido.

Meditação da Paixão e da humildade de Cristo

37. ¹ O bem-aventurado Francisco, durante muito tempo, até à morte, sofreu do fígado, do baço e do estômago. ² E quando foi ao Oriente para pregar ao Sultão de Babilónia e do Egipto³⁰, contraiu uma doença de olhos muito grave, causada pela fadiga e, sobretudo, pelo excessivo ardor do sol, que teve de suportar na ida e na volta. ³ Não quis, porém, ser tratado de qualquer daquelas doenças, não obstante os rogos dos frades e de outras pessoas, movidas de compaixão para com ele, por causa do apaixonado amor que desde o princípio da sua conversão teve a Cristo.

³⁰ Terminado o Capítulo Geral de 26 de Maio de 1219 (dito das Esteiras), o Santo preparou-se para partir logo para o Oriente. Recomendado pela bula «*Cum delecti*», embarcou em 24 de Junho, em Ancona, com outros companheiros. Em Damietta assistiu à derrota dos Cruzados, em 29 de Agosto. Seguiu-se um mês de tréguas e de tentativas de paz, durante as quais se situará a visita de S. Francisco ao Sultão. Reacesa a luta em 26 de Setembro, S. Francisco retirou-se desgostoso para a Síria e daí regressou à Itália no verão de 1220.

⁴Pela doçura e compaixão que todos os dias tirava da meditação da humildade e exemplos do Filho de Deus, considerava como grande doçura o que era amargo para o corpo. ⁵De tal modo se condoía, interior e exteriormente, das dores e amarguras que Cristo sofreu por nós, que não se importava dos sofrimentos que ele mesmo padecia.

⁶Um dia, pouco depois da sua conversão, ia só pela estrada que passa junto de Santa Maria da Porciúncula e, pelo caminho, lamentava-se e gemia em altas vozes. ⁷Encontrou-se com um homem espiritual, que nós conhecemos muito bem e nos relatou o sucedido. Este homem tinha valido muito ao Santo, quando ele ainda não tinha frades, e assim continuou depois. Perguntou-lhe:

— ⁸«Que tens, Irmão?», julgando que ia atormentado com alguma enfermidade. O Santo respondeu:

— ⁹«Assim devia eu percorrer o mundo inteiro, gemendo e chorando sobre a Paixão do meu Senhor». E este homem pôs-se a chorar com ele, no meio de abundantes lágrimas.

Como respondeu a um irmão que o aconselhava a ouvir uma página da Sagrada Escritura para seu conforto

38. ¹A doença dos olhos fê-lo passar por tais sofrimentos que, um dia, um Ministro lhe disse: ²«Irmão, porque não pedes a um companheiro para te ler algumas passagens dos Profetas ou outros capítulos da Sagrada Escritura? A tua alma exultaria no Senhor; e receberias assim imensa consolação». ³Sabia que o Santo experimentava grande alegria no Senhor, quando lhe eram lidas as divinas Escrituras.

⁴Mas ele respondeu: «Irmão, encontro cada dia tal doçura e consolação na memória e meditação sobre a humildade dos passos do Filho de Deus neste mundo, que poderia viver até ao fim do mundo sem que me fosse muito necessário ouvir ler ou meditar outras passagens da Sagrada Escritura».

⁵Repetia a miúdo, e lembrava aos frades, aquele versículo de David: «Minha alma recusou a consolação». ⁶Por isso, querendo ser, como dizia sempre, exemplo e modelo de todos os frades, recusava não só os remédios, como a alimentação própria para a sua doença. ⁸Em conformidade com este propósito, foi sempre

rigoroso com o corpo, quando parecia de boa saúde, embora sempre débil e adoentado; e mesmo no decurso das suas doenças.

Severidade para consigo mesmo durante as doenças

39. ¹Uma vez, tendo melhorado um pouco após uma grave enfermidade, pareceu-lhe que tinha tomado alguma comida delicada no tratamento da mesma, embora muito pouco tivesse comido. Devido às numerosas, diferentes e persistentes enfermidades, quase nada podia tomar de alimento.

²Um dia, sai de casa, ainda a contas com uma febre quartã, e manda reunir todo o povo na praça, para lhe pregar. ³Terminada a pregação, pediu-lhes que não se retirassem enquanto ele não voltasse. ⁴Entrou na igreja de S. Rufino, desceu à cripta ³¹ com Fr. Pedro Catânio, o primeiro Ministro Geral, escolhido por ele mesmo e outros frades. Ordenou a Fr. Pedro que lhe obedecesse e não se opusesse ao que lhe ia dizer. ⁵Frei Pedro respondeu: «Não posso nem devo querer nada senão o que te aprouver, no que respeita a mim e a ti».

⁶O bem-aventurado Francisco despiu a túnica e mandou a Fr. Pedro que o levasse assim, em calções, de corda ao pescoço, para o meio do povo. A outro frade disse que pegasse numa escudela de cinza e fosse com ele ao púlpito onde tinha pregado, e lha despejasse sobre a cabeça; ⁷mas este frade, aflito e ao mesmo tempo compadecido, recusou-se a obedecer. ⁸Então Fr. Pedro, conforme prometera e lhe fora ordenado, lavado em lágrimas, como os outros frades, lá foi com o Santo naquele preparo.

⁹Quando chegou assim nu diante do povo, na praça onde ele tinha pregado, o Santo falou nestes termos: «Pensais que eu sou santo, como pensam também aqueles que, a meu exemplo, deixaram o mundo e entraram na Ordem, e seguem a vida dos frades.

¹⁰Pois bem, aqui confesso diante de Deus e de vós todos que, durante a minha doença, fui alimentado a carne e molho de carne».

³¹ No latim *confessione*. A *confissão* era o sepulcro do santo a quem era dedicada a igreja. Ficava situada quase sempre por debaixo do altar-mor. Às vezes tinham acesso fácil através duma cripta. A referência a Fr. Pedro Catânio, Ministro Geral, permite situar este episódio aí por 1220-1221.

¹¹ Toda a gente chorava compadecida e admirada, tanto mais que era Inverno, o frio intenso, e ele, não restabelecido de todo da febre quartã. Batiam no peito e acusavam-se a si mesmos, dizendo: «Se este Santo, cuja vida conhecemos, com tanta humildade se acusa da concessão feita ao corpo, por justa e manifesta necessidade, ¹² ele, que com os seus excessos de abstinência e austeridade desde que se converteu a Cristo, se transformou num ser vivo em carne morta; que faremos nós, desgraçados, ¹³ que temos vivido, e queremos viver toda a vida, ao sabor dos nossos desejos carnaís?»

Como detestava a hipocrisia

40. ¹ Outra vez, estando num eremitério onde passou a Quaresma de S. Martinho³², os frades, por causa da sua doença, condimentaram-lhe a comida com banha, porque o azeite lhe fazia muito mal. Ao terminar a Quaresma, pregando perante grande multidão, reunida perto do eremitério, começou assim a falar: ² «Vindes a mim com grande devoção e considerais-me homem santo; mas confesso a Deus e a vós que, durante a Quaresma, ali naquele eremitério, comi legumes adubados com banha».

³ Acontecia por vezes, quando comia com os frades ou amigos dos frades, estes lhe preparavam comida mais delicada por causa das enfermidades; mas logo a seguir, em casa ou fora de casa, proclamava perante os frades ou mesmo dos seculares que ignoravam o pormenor: ⁴ «Olhem que comi tal ou tal coisa». Não queria esconder aos homens o que era conhecido de Deus.

⁵ Se na presença de religiosos ou seculares sentia dentro de si qualquer tentação de vanglória, de orgulho ou outro vício, logo o confessava abertamente e sem atenuantes.

⁶ Um dia disse aos companheiros: «Quero viver diante de Deus, no ermo ou em qualquer parte onde estiver, como se sentisse sobre mim o olhar dos homens. ⁷ Pois tendo-me eles por santo, seria hipócrita se não levasse a vida que a santo convém».

³² A Quaresma de S. Martinho era a que começava na festa de Todos os Santos e se estendia até ao Natal, como preparação para esta solenidade. Vem preceituada na 2 Regra (2R 3).

⁸ Num dia de inverno, por causa da sua doença do baço e dores do estômago, um dos companheiros, seu guardião, arranjou uma pele de raposa ⁹ e pediu que lhe deixasse coser por dentro da túnica, sobre o estômago. Fazia muito frio. ¹⁰ Desde que começou a servir a Cristo, o bem-aventurado Francisco nada mais vestia além da túnica, remendada, quando a queria remendar.

¹¹ O Santo respondeu: «Se queres que ande com essa pele debaixo da minha túnica, manda coser também um pedaço pelo lado de fora, para que se saiba que ando com a minha túnica forrada de peles». ¹² Assim se fez, mas o Santo não andou muito tempo com ela, embora lhe fosse bem necessário, por causa das enfermidades.

Como se acusava de vanglória por ter dado o manto a uma pobre

41. ¹ Certo dia, quando atravessava a cidade de Assis, seguia-o grande multidão. Uma pobre velhinha pediu-lhe esmola por amor de Deus. Deu-lhe imediatamente o manto que trazia pelos ombros; ² mas, de seguida, confessou diante de todos que este gesto lhe provocara um sentimento de vanglória.

³ Nós, que estivemos com ele, vimos e ouvimos muitos episódios semelhantes, mas seria muito longo escrevê-los todos aqui.

⁴ O seu principal e supremo cuidado foi sempre o de não ser hipócrita diante de Deus. ⁵ A doença requeria-lhe determinados cuidados com o corpo, mas ele considerava-se obrigado a dar bom exemplo aos frades e aos outros homens, para lhes tirar todo o motivo de murmuração e escândalo. ⁶ Preferia suportar pacientemente as necessidades do corpo, o que fez até à morte, a dar-lhe a satisfação exigida, se bem que o pudesse fazer sem ofensa a Deus nem diminuição do bom exemplo.

O Cardeal Hugolino exorta-o a tratar-se

42. ¹ Vendo que o Santo persistia, como sempre na dureza para com seu corpo e recusava tratar-se da doença dos olhos, quando começava a perder a vista, o Bispo de Óstia, que mais tarde foi Papa, fez-lhe esta admoestação, com muito amor e compaixão: ² «Irmão, não é bom que te negues ao tratamento dos olhos, porque a tua vida e a tua saúde são muito necessárias a ti e aos outros.

³Tu, que foste sempre compassivo e misericordioso para com os Irmãos doentes, não devias ser tão cruel para contigo, na grave e preocupante situação em que te encontras. ⁴Por isto te ordeno que te sujeites aos tratamentos necessários».

⁵Dois anos antes da morte, já muito doente, sobretudo dos olhos, morando numa cela feita de esteiras perto de S. Damião, também o Ministro Geral, vendo que o caso era grave, o obrigou a deixar-se tratar, ⁶dizendo que queria estar presente quando o médico iniciasse o tratamento, para ver se tudo ia bem, e consolá-lo, pois sofria muito. ⁷Mas nessa altura fazia muito frio e o tempo não era propício para o tratamento.

O cântico do Irmão Sol

43. ¹Neste convento passou o bem-aventurado Francisco mais de cinquenta dias ³³, sem poder suportar a luz do sol durante o dia, nem a do lume durante a noite. Permanecia constantemente na obscuridade, no interior da sua cela. ²Era tanto o sofrimento causado pela doença, que não podia descansar nem dormir, o que lhe era prejudicial, tanto para a doença dos olhos, como para o estado geral de saúde.

³Às vezes ia para dormir um pouco, mas nessa casa, e na cela de esteiras que lhe fizeram (numa parte da casa), eram tantos os ratos, correndo dum lado para o outro, à sua volta e por cima dele, que não conseguia descansar. Até durante a oração o perturbavam. ⁴Não era só durante a noite; mesmo de dia o atormentavam também, a ponto de saltarem para cima da mesa quando estava a comer.

⁵Tanto ele como os companheiros, persuadiram-se que estavam perante uma perseguição diabólica, como realmente era.

⁶Uma noite, reflectindo em tantas tribulações, teve piedade de si mesmo e disse interiormente: «Senhor, socorrei-me nas minhas enfermidades, para que consiga suportá-las com paciência». Em seguida ouviu em espírito uma voz dizer: ⁷«Responde-me, Irmão: se em recompensa de teus sofrimentos e tribulações recebesse

³³ S. Francisco deixou S. Damião após a estadia de «pouco mais de 50 dias», portanto pelo fim do mês de Março, e partiu para Fonte Colombo.

este precioso tesouro: toda a terra transformada em ouro puro; as pedras, em gemas preciosas; e a água dos rios, em perfume, não te parece que levarias à conta de nada os teus sofrimentos, como se fossem terra, pedras e água desprezíveis, comparados a tal tesouro? Que alegria não sentirias tu?»

— ⁸ «Senhor, respondeu o bem-aventurado Francisco, mui grande e precioso seria esse tesouro; para além do que se possa desejar e amar».

— ⁹ «Pois bem, Irmão, disse a voz, alegra-te e rejubila no meio de teus sofrimentos e tribulações: de hoje em diante vive em paz, como se participasses já do meu reino».

¹⁰ Ao levantar-se, no dia seguinte, disse a seus companheiros: «Se o Imperador desse parte do reino a um dos seus servos, qual não seria a alegria deste? Mas, se lhe desse todo o Império, não seria muito maior ainda?

¹¹ Eu devo, portanto, viver com toda a alegria nas minhas enfermidades e tribulações, confortado no Senhor; e dar graças a Deus Pai, a Seu único Filho Nosso Senhor Jesus Cristo e ao Espírito Santo. Porquanto, Deus deu-me tal graça e bênção, que se dignou, na Sua misericórdia, certificar-me a mim, seu pobre e indigno servo, vivendo ainda neste mundo, de que participaria do seu Reino. ¹² Por isso, quero, em seu louvor, para minha consolação e edificação do próximo, compor um novo *Louvor do Senhor*, pelas suas criaturas que nos servem todos os dias, e sem as quais não podíamos viver. Com elas, o género humano ofende muito o Criador; e nós, ingratos, deixamos de reconhecer tão grandes benefícios, porque não agradecemos, como devíamos, ao Criador e Dador de todos os bens».

¹³ Sentou-se, concentrado por momentos, depois entoou: «*Altíssimo, Onnipotente, Bom Senhor*»³⁴. Para estas palavras compôs a melodia que ensinou aos companheiros. ¹⁴ Com o coração inundado de tanta doçura e consolação, queria mandar chamar Frei Pacífico, conhecido no mundo por «Rei dos versos», hábil mestre de coro; e que escolhesse alguns frades piedosos e observantes, que fossem pelo mundo a pregar e a cantar os louvores de Deus.

³⁴ Em italiano, no original.

¹⁵ Queria e dizia que fizessem assim: primeiro, falaria ao povo o mais competente para pregação; depois cantariam todos os *Louvores do Senhor*, como jograis de Deus. ¹⁶ Acabado o cântico, o pregador diria ao povo: «Nós somos os jograis de Deus, e a única recompensa que nós queremos é que leveis uma vida verdadeiramente penitente». ¹⁷ «Que são, na verdade, os servos de Deus, senão jograis que procuram comover o coração dos homens, até os levar às alegrias do espírito?» ¹⁸ Ao falar assim de «servos de Deus», tinha em mente os frades menores, postos ao serviço do povo para sua salvação.

¹⁹ A estes *Louvores do Senhor*, que começam: «*Altíssimo, Omnipotente, Bom Senhor*», chamou ele *Cântico do Irmão Sol*, porque o sol é a mais bela de todas as criaturas e a melhor imagem de Deus. Dizia ele: «Ao nascer do sol, deviam todos louvar a Deus por ter criado este astro, que durante o dia fornece luz aos nossos olhos; assim também, quando anoitece, todos deviam louvar a Deus por essoutra criatura, o nosso irmão fogo, que nos alumia no meio das trevas. ²⁰ Somos todos cegos, e o Senhor, por estas duas criaturas, ilumina os nossos olhos. Por isso, nós devíamos, por estas e pelas outras criaturas que usamos todos os dias, louvar sempre o seu glorioso Criador».

²¹ Ele próprio o fazia, com todo o coração, quer estivesse doente quer de boa saúde; e exortava os outros a cantarem de bom grado a glória do Senhor. ²² Quando se sentia mais atormentado pelas enfermidades, ele mesmo começava os *Louvores do Senhor*, pedindo aos companheiros que o continuassem, para, com a consideração da glória do Senhor, esquecer a violência das dores e dos males. Assim continuou, até à hora da morte.

Restabelece a Paz entre o Bispo e o Podestá de Assis

44. ¹ Na altura em que se encontrava muito doente, depois de compor os *Louvores*, o Bispo de Assis excomungou o Podestá. ² Como vingança, este mandou anunciar, ao som da trombeta, pelas ruas da cidade, um curioso pregão: ninguém podia fazer comércio com o Bispo nem ter com ele qualquer espécie de trato legal. Assim nasceu entre ambos feroz contenda. ³ O bem-aventurado Francisco, doente como estava, interessou-se vivamente. Mais o

preocupava ver que ninguém, religioso ou leigo, se mexia para restabelecer a paz e a concórdia entre eles. ⁴Então disse aos companheiros: «Para nós, servos de Deus, é uma vergonha, quando o Bispo e o Podestá se odeiam assim, não haver ninguém que vá restabelecer entre eles a paz e a concórdia».

⁵E para esta circunstância, ajuntou aos *Louvores* esta estrofe:

«Louvado sejas tu, meu Senhor,
Por quem perdoa por teu Amor;
Por quem sofre provações e doença;
Porque será por Ti, Altíssimo, coroado!»³⁵

⁶«Vai, – disse a um dos seus companheiros – e diz, em meu nome, ao Podestá, que reúna os grandes da cidade e outros que possa convocar; e se dirijam ao palácio do Bispo».

Wg Tendo este partido, disse a outros dois companheiros: «Ide, e na presença do Bispo, do Podestá, e de quem lá estiver, entoareis o *Cântico do Irmão Sol*. Espero que o Senhor lhes tocará o coração com a humildade e a paz; e hão-de voltar à antiga amizade e concórdia».

⁸Reunida a assembleia no largo do claustro do Bispo, os dois frades levantaram-se. Um deles tomou a palavra e disse: «O bem-aventurado Francisco, na sua doença, compôs os *Louvores do Senhor* por todas as criaturas, para glória de Deus e edificação dos homens. Ele vos pede que os ouçais agora, com muita devoção».

⁹Começaram os frades a cantar. O Podestá ergueu-se e juntou as mãos, como se faz para ouvir o Evangelho do Senhor, e escutava com o maior recolhimento e devoção, irrompendo em soluços e lágrimas, porque tinha para com o bem-aventurado Francisco muita confiança e devoção.

³⁵ Em italiano no original.

Laudato si, miu Signore
Per quilli ke perdonano per lo tuo amore
E sustengu enfirmitate et tribulatione;
Beati quilgli kel sosteranno en pace:
Ka da te, Altissimo, siranno coronati.

¹⁰ Terminado o cântico, disse o Podestá perante todos: «Na verdade vos digo que perdoo ao Senhor Bispo, que reconheço como meu senhor, como até perdoaria a alguém que me matasse um irmão ou filho». E lançando-se aos pés do Senhor Bispo, disse: «Por amor de Nosso Senhor Jesus Cristo e do bem-aventurado Francisco, seu servo, estou pronto a dar-vos toda a satisfação que vos aprouver».

¹² O Bispo ajudou-o a levantar-se, dizendo: «Por meu cargo deveria ser humilde, mas por natureza tenho um coração demasiado pronto para a cólera; tendes que me perdoar». E com muita cordialidade se abraçaram e beijaram.

¹³ Os frades, admirados, viam que a santidade do bem-aventurado Francisco havia realizado, à letra, o que ele tinha dito da paz e concórdia renascidas entre as duas personagens. ¹⁴ As testemunhas da cena consideravam milagre, devido aos méritos do Santo, a graça tão prontamente concedida aos dois adversários que, sem se magoarem com palavras, passaram de tão grande escândalo a tão grande concórdia.

¹⁵ Nós, que vivemos com o bem-aventurado Francisco, podemos testemunhar que, se ele dizia: «Tal coisa acontece ou acontecerá assim», sua palavra cumpria-se à letra. Vimos muitos exemplos, cuja descrição seria demasiado longa.

Envia palavras de conforto às Senhoras Pobres, filhas de Clara

45. ¹ Encontrando-se ainda no mesmo convento, o bem-aventurado Francisco, depois de compor os *Louvores do Senhor* pelas suas criaturas, ditou também um cântico, letra e música, para consolação das Senhoras Pobres do convento de S. Damião ³⁶.

² Bem sabia quanto elas se afligiam com a sua doença. Como não

³⁶ Este Cântico foi encontrado (em 5/10/1976) pelo P. GIOVANNI BOCALLI Ofm, num códice pertencente ao convento de Santa Clara de Verona. Dele existem duas cópias: uma do séc. XV e outra do séc. XVII. É impressionante a coincidência entre o conteúdo do cântico e aquele que a nossa legenda lhe atribui. Cf. ut supra, p. 184

podia ir lá pessoalmente visitá-las, enviou-lhes companheiros, com a mensagem.

³Nela lhes recomendou, então como sempre, que de coração e de vida, deviam ser unânimes na caridade e no trato fraterno, lembrando-se que, pelo exemplo e pregação dele, se tinham voltado para Cristo, quando os frades ainda eram poucos. ⁴Eram elas como que uma pequenina planta da Ordem, e sua conversão e vida alegravam e edificavam tanto a Ordem como a Igreja inteira.

⁵Sabia o bem-aventurado Francisco que, desde que se tinham convertido, tinham elas observado (e observam ainda) a mais estreita pobreza, por vontade e por necessidade. Por isso sentia-se sempre movido de piedade para com elas.

⁶Na mesma mensagem lhes pedia que, pois de diversas partes tinham sido chamadas pelo Senhor à vida comum, unidas pela santa caridade, pobreza e obediência, assim vivessem até à morte.

⁷Recomendava-lhes em particular que, para as necessidades materiais, se servissem com alegria e discrição das esmolas que o Senhor lhes concedesse. ⁸Às Irmãs com saúde recomendava que suportassem pacientemente os trabalhos no tratamento das Irmãs doentes; e a estas, que, com igual paciência, levassem a doença e dores.

Em Fonte Colombo deixa que lhe tratem os olhos por meio de cautério

46. ¹Aproximando-se o tempo favorável para o tratamento dos olhos, o bem-aventurado Francisco partiu deste convento, ainda muito doente. ²Os Irmãos fizeram-lhe um grande capucho para cobrir a cabeça, e, como não podia suportar a luz do dia, que lhe causava enormes dores, levava uma venda de lã e linho, cosida ao capelo diante dos olhos. ³Os companheiros conduziram-no a cavalo ao eremitério de Fonte Colombo, perto de Rieti, onde havia um médico especialista de doenças de olhos. ⁴Tendo-o observado, concluiu o médico que era necessário cauterizar o espaço superior da cara até à sobrancelha, no lado da vista mais atingida pela doença. Mas o Santo não queria dar início ao tratamento, sem que chegasse Frei Elias. ⁵Como ele se demorava, retido pelos muitos afazeres, duvidava se devia começar ou não. ⁶Finalmente cedeu, a

instâncias do Senhor Bispo de Óstia e do Ministro Geral, sem deixar de mostrar viva repugnância por tantos cuidados para consigo. ⁷Por isso, queria que a última decisão viesse do seu Ministro.

47. ¹Uma noite, em que as dores não o deixavam dormir, sentiu compaixão para consigo mesmo e disse aos companheiros: ²«Irmãos caríssimos e meus filhinhos, suportai sem enfado o desconforto e a fadiga que vos dá a minha doença. O Senhor, por mim, seu pobre servo, vos recompensará neste mundo e no outro, das boas obras que tivestes de abandonar para cuidar de mim; ³vós tereis maior recompensa do que aqueles que estão em seus serviços em toda a Ordem. ⁴Haveis de dizer-me assim: “É contigo que fazemos os gastos, mas é o Senhor que nos há-de pagar as dívidas”».

⁵Falava assim o santo Pai, para animar a fraqueza deles e afastar a tentação de pensarem: «Não podemos rezar; e este acréscimo de fadiga está acima das nossas forças». Queria preveni-los contra a tristeza e falta de coragem, para que não perdessem o mérito das suas canseiras.

48. ¹Finalmente chegou o médico com o seu cautério para o tratamento dos olhos. Manda acender o lume, e mete nele o ferro. ²O bem-aventurado Francisco, para confortar o seu espírito e para acalmar a emoção, dirigiu ao fogo estas palavras: «Meu irmão fogo, o Senhor criou-te nobre e útil entre todas as criaturas; sê delicado para comigo nesta hora, porque te amei sempre, e continuarei a amar pelo Senhor que te criou. ³Peço ao nosso comum Criador que tempere a tua ardência, de maneira que eu te possa suportar». Ditas estas palavras, fez o sinal da cruz sobre o fogo.

⁴Nós, que estávamos com ele, fugimos todos, devido ao amor que lhe tínhamos; e deixámo-lo a sós com o médico. ⁵Terminada a operação, recebeu-nos com estas palavras: «Cobardes! Homens de pouca Fé! Porque fugistes vós? ⁶Na verdade vos digo, não senti dor alguma, nem sequer o calor do fogo. Se não estiver bem queimado, queimem ainda melhor».

⁷O médico, notando que quase não dera o menor sinal de dor, achava que só podia ter sido por milagre; e dizia aos Irmãos: ⁸«E tão enfraquecido como ele está! Mesmo num homem robusto e

são, hesitaria eu fazer este tratamento, receando que o não suportasse, conforme a experiência me diz». Era muito extensa a queimadura, apanhando desde a orelha até à sobrancelha.

⁹Já havia anos que se lhe acumulavam sobre os olhos os humores e líquidos que, dia e noite, escorriam. Foi essa a razão que levou este médico a cauterizar as veias entre a orelha e a sobrancelha. ¹⁰Outros médicos havia de opinião diferente: consideravam desnecessária a operação, como depois se veio a verificar, pois não lhe trouxe qualquer alívio. ¹¹Outro médico perfurou-lhe as duas orelhas, sem resultado algum.

Seu amor para com o «irmão fogo»

49. ¹Não é para admirar que o fogo e outras criaturas lhe tenham manifestado as suas deferências. Nós, que vivemos com ele, fomos testemunhas. ²Tributava-lhes tal amor e simpatia, que ficava perturbado, quando as via tratadas sem cuidado; falava-lhes com uma grande alegria, como se elas fossem seres inteligentes e compreendessem o que lhes dizia de Deus. Muitas vezes, estas conversas terminavam em êxtase.

³Estando um dia sentado, junto de uma fogueira, o fogo pegou numas ligaduras de linho que lhe cobriam uma das pernas, sem que ele desse conta. ⁴Já lhe sentia o calor, quando o Irmão que viu as chamas saltarem para a roupa fazia o que podia para as extinguir. ⁵Impedia-o o Santo e dizia: «Não, Irmão caríssimo, não faças mal ao nosso irmão fogo». ⁶Teve de chamar o Irmão guardião e trazê-lo para conseguir apagar o fogo, com relutância da parte do Santo.

⁷Nem queria que se apagasse lâmpada, candeia ou outro lume, como se faz, quando é preciso; tal a ternura e estima que tinha para com esta criatura. ⁸Também proibía o Irmão de atirar pela porta fora, brasas ou tições: queria que fossem colocados delicadamente no chão, por respeito para com Aquele que criou o Fogo.

No Monte Alverne não quis servir-se duma pele por tê-la retraído do fogo

50. ¹Durante uma Quaresma, no Monte Alverne, sucedeu que o seu companheiro acendeu o lume na cela onde costumava comer.

Aceso o lume, foi ter com o Santo à cela onde costumava orar e repousar, para lhe ler, como de costume, o evangelho da missa do dia; ² porque, quando não podia assistir à missa, queria que lhe lessem o evangelho do dia, antes da refeição. ³ Quando iam para comer, na cela onde tinha sido aceso o lume, as chamas subiam até ao tecto, que começava já a arder. O companheiro tentou apagar o fogo, mas em vão, porque estava só. ⁴ O bem-aventurado Francisco não o queria ajudar; pegou na pele com que se cobria de noite e afastou-se para o bosque. ⁵ Os Irmãos do convento, que ficava um tanto afastado do lugar em que se encontrava a cela, quando viram as chamas, acudiram apressados e conseguiram apagar o fogo. ⁶ O Santo voltou depois para comer; e depois de comer, disse ao companheiro: ⁷ «Não voltarei a cobrir-me com esta pele, porque pequei por avareza, não querendo que o irmão fogo a queimasse».

Como mostrava o seu amor para com todas as criaturas

51. ¹ Quando lavava as mãos, escolhia um lugar onde a água das abluções não viesse a ser calcada aos pés. ² Quando caminhava sobre pedras, fazia-o com temor e respeito, por amor d' Aquele que é chamado a Pedra angular. ³ Quando recitava esta passagem do Salmo: «exaltaste-me sobre a rocha», modificava-a assim: «exaltaste-me sob os pés da Pedra». ⁴ Ao Irmão que ia cortar a lenha para o lume, recomendava que não cortasse a árvore toda, mas que deixasse alguns ramos. ⁵ A um Irmão do convento onde se hospedou, deixou a mesma ordem. ⁶ Ao Irmão hortelão dizia que não ocupasse todo o terreno com plantas comestíveis, mas deixasse parte para produzir plantas que, a seu tempo, dessem as irmãs flores. ⁷ Mais ainda dizia que o Irmão hortelão devia em qualquer parte da horta fazer um canteiro e plantar todo o género de plantas de cheiro e flores, para que na estação própria convidassem os homens ao louvor de Deus, ⁸ porque toda a criatura diz e clama: «Foi Deus que me criou por causa de ti, ó homem!»

⁹ Nós, que vivemos com ele, víamos que todas as criaturas eram para ele motivo de alegria interior e exterior; acariciava-as e contemplava-as com delícia, parecendo que sua alma vivia no Céu e não na terra. ¹⁰ É isto tão certo que, para agradecer tantas consolações que das criaturas recebia, perto da morte, compôs os *Louvo-*

res do Senhor por todas as criaturas. Ele queria, por este meio, incitar o coração dos homens, que ouvissem o Cântico, a dar glória a Deus, a fim de que por toda a gente fosse louvado o Criador, por causa das suas criaturas.

Em Rieti socorre uma pobre, doente dos olhos

52. ¹Naquele tempo, veio a Rieti uma pobre mulher de Machilone, para se tratar dos olhos. ²O médico que a tratava veio um dia visitar o bem-aventurado Francisco e disse-lhe: «Irmão, veio ter comigo uma mulher doente dos olhos; mas é tão pobre, que tenho de a ajudar por amor de Deus e pagar-lhe mesmo as despesas com a comida». ³Comovido com a notícia, manda chamar o guardião³⁷ e diz-lhe: «Irmão guardião, temos de restituir aquilo que não nos pertence».

– «De que se trata?», pergunta o guardião.

– ⁴«É este manto, que recebemos por empréstimo daquela pobre mulher, que é doente dos olhos. Temos de lho restituir».

– «Como queiras», concluiu o guardião.

⁵O bem-aventurado Francisco, cheio de alegria, chama um homem honesto muito seu amigo e diz-lhe: ⁶«Pega neste manto e doze pães, e vai e diz o seguinte a uma pobre doente, que o médico que a trata te há-de indicar: ⁷«Um pobre a quem emprestaste este manto manda agradecer o favor, e pede que recebas o que te pertence».

⁸Lá foi o homem e fez o que o bem-aventurado Francisco lhe recomendara. ⁹A pobre, pensando que estava a ser ludibriada, replicou, receosa e envergonhada: «Deixa-me em paz. Não percebo o que queres dizer com isso». ¹⁰O homem deixa-lhe o manto nas mãos e os doze pães e vai-se. Ela, desconcertada, mas satisfeita, guardou a oferta. Depois, com receio de ser roubada, foi de

³⁷ Provavelmente seria Fr. Ângelo de Rieti, guardião de S. Francisco e Ministro Provincial da Úmbria, que é de distinguir de Fr. Ângelo Tancredo, antigo cavaleiro de Assis. As fontes primitivas falam ainda dum terceiro frade com o nome de Ângelo de Borgo S. Sepolcro. Destes, o mais íntimo do Santo, foi, provavelmente Fr. Ângelo de Rieti, que o acompanhou em muitas peregrinações, esteve com ele no Monte Alverne, por ocasião da impressão dos estigmas, e presente também na hora da sua morte. (Ver adiante o n.100).

noite, às escondidas, levar tudo para casa. ¹¹ Além disto, recomendou o bem-aventurado Francisco ao guardião que, por amor de Deus, pagasse todos os dias a comida a esta pobre.

¹² Nós, que vivemos com ele, podemos testemunhar que, estivesse doente ou com saúde, imperava sempre nele a caridade, não só para com os frades, como para com os outros pobres, doentes ou sãos. ¹³ Chegava a privar-se do necessário que os Irmãos lhe arranjavam com solicitude e muito gosto. Primeiro falava-nos com palavrinhas brandas para que não ficássemos com desgosto, depois dava com a maior alegria interior e exterior, por vezes o que mais falta fazia a seu corpo.

¹⁴ O Ministro Geral e o guardião tiveram que se impor, proibindo-lhe que desse a túnica a qualquer frade, sem a licença de um deles. ¹⁵ É que, alguns frades, por devoção, pediam-lha e ele logo a dava. ¹⁶ Ou então, ele mesmo, quando encontrava um frade adoentado ou mal servido de roupas, dava-lhe a túnica ou cortava-a ao meio e dava metade ao Irmão, ficando ele com a outra metade, porque não tinha, nem queria ter, mais que uma só túnica.

Para socorrer os pobres cedia a própria túnica

53. ¹ Outra vez, andando a pregar, encontrou-se com dois frades naturais da França, que ficaram maravilhados com o encontro. ² Por devoção, pediram-lhe a túnica, por amor de Deus. Mal ouviu as palavras: «por amor de Deus», despiu logo a túnica, ficando nu por um espaço de tempo ³⁸.

³ Era certo e sabido que, se alguém dizia: «Por amor de Deus dá-me a túnica, ou o cordão, ou outra coisa», imediatamente a entregava, por amor daquele Senhor que é a caridade em pessoa.

⁴ Já não lhe agradava, e disso repreendia por vezes os Irmãos, se por qualquer ninharia era invocado o amor de Deus. Dizia: ⁵ «É coisa tão grande e nobre o amor de Deus, que só em grande necessidade e com muito respeito, se deve pronunciar».

³⁸ Fr. Tomás d'Eccleston diz que S. Francisco deu a sua túnica a Fr. Lourenço de Beauvais, que depois foi mandado para a Inglaterra. Poderia ser um destes dois frades franceses a quem se refere a nossa *Legenda*. Cf. *Cronistas Franciscanos*, o.c., p. 77.

⁶Então, um daqueles frades franceses despiu a sua túnica e deu-lha em troca.

⁷Muitas vezes passava necessidades e embaraços, quando assim dava a túnica ou parte dela. Nem sempre era fácil encontrar ou confeccionar outra. ⁸Tanto mais que ele a queria sempre muito pobre, de pedaços, e às vezes remendada por dentro e por fora. ⁹Só muito raro ou quase nunca, consentiu vestir uma túnica de pano novo. Preferia pedir uma a um Irmão que a tivesse usado por muitos dias. Às vezes recebia parte da túnica de um Irmão, e doutro, o resto. ¹⁰Do lado de dentro, por causa das enfermidades e da sensibilidade ao frio, juntava por vezes um bocado de pano novo. ¹¹Esta prática da pobreza no vestir guardou-a até ao ano em que voltou para o Senhor. ¹²Apenas nos últimos dias de vida, por causa da hidropisia, da magreza e muitas enfermidades, lhe fizeram os frades várias túnicas, que lhe eram mudadas, de dia e de noite, consoante o necessário.

54. ¹Um dia um pobre, coberto de farrapos, chegou a um eremitério dos frades, pedindo, por amor de Deus, roupa de vestir. ²O bem-aventurado Francisco mandou procurar por toda a casa um pedaço de pano ou peça de roupa que servisse. ³Voltou o Irmão, dizendo que nada tinha encontrado.

⁴Para que o pobre não se fosse embora de mãos vazias, o bem-aventurado Francisco, às escondidas, para que o guardião o não impedisse, pega numa faca e descose o pedaço de pano que trazia por dentro da túnica, para o dar secretamente ao pobre. ⁵Mas o guardião, que tudo notara, não permitiu, porque o frio era muito e o Santo andava muito doente. ⁶Então disse ao guardião: «Se não queres que eu dê este pedaço ao nosso irmão pobre, terás que arranjar outro pano». ⁷Como puderam, os frades, das próprias roupas, lá conseguiram dar ao pobre um pedaço de pano.

⁸Por vezes os frades emprestavam-lhe um manto, quando andava de um lugar para outro na pregação, a pé ou montado num jumento. ⁹À medida que a doença se agravava, mais dificuldade tinha em andar a pé. Servia-se então de um burro, porque cavalo não queria montar, a não ser em caso urgente e de absoluta necessidade. O que aconteceu pouco antes da sua morte, quando o seu estado de saúde começou a ser muito grave. ¹⁰Quando permanecia

nalgum sítio e os Irmãos lhe ofereciam um manto feito para ele, não o queria aceitar, a não ser na condição de o poder dar a um pobre ou a alguém que lhe parecesse manifestamente necessitado.

Ordena a Frei Egídio que dê o manto a uma pobre

55. ¹Nos princípios da Ordem, quando o Santo estava em Rivotorto só com os dois primeiros frades, aquele que viria a ser o terceiro, deixou o mundo e juntou-se a eles para abraçar a mesma vida. ²Por alguns dias continuou vestido com as roupas que trouxera do século.

³Tendo aparecido um pobre a pedir esmola ao bem-aventurado Francisco, este disse ao que devia ser o terceiro frade: ⁴«Dá o teu manto ao nosso irmão pobre». ⁵Sem demora, aquele tira dos ombros o manto e dá-o ao pobre. Ao mesmo tempo, pareceu-lhe sentir no coração uma graça nova do Senhor, por dar com alegria o seu manto.

Na Porciúncula, manda dar uma Bíblia à mãe de dois frades que veio pedir-lhe esmola

56. ¹Outra vez, estando em Santa Maria da Porciúncula, uma pobre mulher idosa que tinha dois filhos na Ordem, veio ao convento pedir esmola ao bem-aventurado Francisco, porque nesse ano ela não tinha de que viver. ²O Santo perguntou a Frei Pedro Catânio, que era então Ministro Geral: «Podemos encontrar alguma coisa para esta nossa mãe?» ³Ele dizia que a mãe dum frade era mãe dele e de todos os frades da Ordem.

⁴Frei Pedro respondeu: «Em casa não temos nada para lhe dar, sobretudo porque é necessário esmola considerável para a livrar das suas dificuldades. ⁵Na igreja temos só um Novo Testamento, por onde lemos as lições de matinas». ⁶Naquele tempo os frades não tinham breviários; e saltérios, apenas alguns.

⁷«Pois bem, replicou o bem-aventurado Francisco, dá à nossa mãe o Novo Testamento; que o venda, para prover às suas necessidades. Estou certo que dá-lo é mais do agrado do Senhor e da Santíssima Virgem, do que lê-lo». E deram-lhe o livro.

⁸Do bem-aventurado Francisco pode-se dizer e escrever o que se diz de Job: «Desde o ventre de minha mãe, nasceu e cresceu comigo a caridade».

⁹A nós, que vivemos com ele, ser-nos-ia difícil escrever e narrar, não só o que nos foi contado por outros, como o que vimos com os nossos olhos, no que respeita à sua bondade para com os pobres.

Cura da peste bovina com a água em que o santo lavou as mãos estigmatizadas

57. ¹Naquele tempo, estando o Santo no eremitério de S. Francisco ³⁹, em Fonte Colombo, surgiu a peste bovina na aldeia de Santo Elias, que fica perto daquele eremitério, de tal modo que todos os bois começaram a ficar doentes e a morrer. ²Uma noite, um bom homem da aldeia ouviu em sonhos uma voz: ³«Vai ao eremitério onde está o bem-aventurado Francisco. Traz a água em que ele lava as mãos e os pés; e asperge com ela os animais, que eles ficarão curados».

⁴De manhã cedo dirigiu-se ao eremitério e falou com os frades. À hora da refeição, eles guardaram a água com que o bem-aventurado Francisco lavou as mãos. ⁵À tarde também, pediram que os deixasse lavar-lhe os pés, sem dizerem o motivo. ⁶Depois, entregaram a água das abluções ao homem, que a levou e aspergiu com ela os animais, como se fosse água benta. ⁷Deste modo aspergiu os bois que jaziam quase mortos, e os que ainda andavam de pé. Imediatamente os animais começaram a dar sinais de saúde, por graça de Deus e mérito do bem-aventurado Francisco. ⁹O Santo trazia já os estigmas nas mãos, nos pés e no lado.

³⁹ Parecerá estranho que se diga: «estando S. Francisco no eremitério de S. Francisco». É preciso notar que o autor escreve uns 20 anos depois da morte do Santo. Nessa altura já o conventinho de Fonte Colombo seria conhecido como «eremitério de S. Francisco», e o autor ao empregar o nome que se usava então, nem reparou no anacronismo que assim criava.

Cura do Cónego Gedeão de Rieti e seu triste fim

58. ¹No tempo em que o bem-aventurado Francisco, por causa da doença dos olhos, descansou algum tempo em casa do Bispo de Rieti, um clérigo da diocese, homem muito mundano, chamado Gedeão, sofria de grave doença que o prendia ao leito havia muito tempo. Sofria sobretudo de rins. ²Nem podia voltar-se no leito sem ajuda de outrem, nem podia levantar-se ou dar alguns passos sem ser amparado, e mesmo assim, ia todo curvado e encolhido por causa das dores.

³Um dia pediu que o levassem à presença do bem-aventurado Francisco. Lançou-se-lhe aos pés e, com abundantes lágrimas, pediu que fizesse sobre ele o sinal da cruz. ⁴O bem-aventurado Francisco respondeu: «Como posso eu fazer sobre ti o sinal da cruz, sobre ti que tens vivido ao sabor dos teus desejos carnaís, sem pensar nem temer os juízos de Deus?»

⁵Mas, compadecido à vista das suas enfermidades e padecimentos, disse-lhe: «Eu te assinalo com o sinal da cruz em nome do Senhor; mas, se for do agrado de Deus curar-te, acautela-te e não voltes a fazer a mesma vida. ⁶Porque, na verdade te digo, se não mudares de vida, maiores sofrimentos te esperam e incorrerás em terrível castigo, por causa dos teus pecados, ingratidão e desprezo da bondade de Deus».

⁷Feito o sinal da cruz sobre ele, logo se endireitou e levantou-se, completamente são. ⁸Quando se pôs de pé, ouviam-se os ossos das costas estalar, como a madeira seca quando a partimos com as mãos. ⁹Mas, alguns anos mais tarde, voltou aos seus pecados, desprezando as recomendações que o Senhor lhe fizera pelo seu servo Francisco. Ora aconteceu que, um dia, indo cear a casa dum cónego seu colega, ficou lá para dormir. De repente o tecto da casa ruuiu. ¹⁰Todos os outros se salvaram, excepto ele que, desgraçado, morreu esmagado⁴⁰.

⁴⁰ O que está entre parênteses é tomado da 2C 41, porque o códice de Perúsia tem aqui uma lacuna.

Ensina os cavaleiros de Assis a pedir esmola

59. ¹Depois de estar em Sena⁴¹ e Celle di Cortona, o bem-aventurado Francisco voltou a Santa Maria da Porciúncula, e de lá passou a Bagnara, acima de Nocera, para aí permanecer por algum tempo. ²Acabava de ser construída lá uma casa para os frades; e ficou lá vários dias.

³Começavam já a inchar-lhe as pernas e os pés, por causa da hidropisia. O seu estado era muito grave. ⁴Ao saberem disso os cidadãos de Assis, mandaram à pressa cavaleiros para o trazerem para lá. Com o agravamento da doença, temiam que o Santo morresse fora da sua cidade, e que ficassem outros na posse do seu santíssimo corpo. Os cavaleiros levaram o doente consigo.

⁵No decorrer da viagem, pararam numa povoação do condado de Assis para comer. ⁶O bem-aventurado Francisco com os companheiros hospedou-se em casa de um homem da terra, que o recebeu com grande alegria e caridade. ⁷Os cavaleiros percorreram toda a aldeia para comprar provisões, mas nada encontraram. ⁸Ao aproximarem-se do bem-aventurado Francisco, disseram-lhe como de brincadeira: «Irmão, só faltava que tivesses de nos dar das tuas esmolas! Andámos por todo o lado, e não conseguimos arranjar nada».

⁹Com grande fervor de espírito, voltou-lhes Francisco:

«Não encontrastes nada, porque depositastes a vossa confiança nas moscas, ou seja, no vosso dinheiro, e não em Deus. ⁹Ide de novo, sem vergonha, pelas mesmas casas onde fostes para comprar. Pedi esmola, por amor de Deus. O Espírito Santo agirá neles, e encontrareis de tudo em abundância».

¹⁰Foram eles pedir esmola como lhes ensinou o santo Pai. Homens e mulheres entregavam-lhes com grande festa daquilo que possuíam. ¹¹Eles, felizes, regressaram para junto de Francisco, narrando como as coisas se passaram. ¹²Viram nisso um milagre, porque tudo foi como o Santo predissera.

⁴¹ Depois de ter consultado, sem fruto, os médicos da corte papal em Rieti, Francisco foi levado a Sena para ser visto por outro clínico (1C 105); mas também esta diligência não surtiu melhos efeito.

60. ¹Pedir esmola por amor de Deus, era aquilo que o bem-aventurado Francisco considerava mais nobre, digno e senhoril aos olhos de Deus e dos homens. ²Com efeito, tudo o que o Pai Celeste criou para utilidade do homem, continua Ele a ministrar, depois do pecado, gratuitamente e a título de esmola, aos dignos e aos indignos, pelo amor que Ele tem a seu Filho bem amado.

³Dizia igualmente o bem-aventurado Francisco que o servo de Cristo, que vai pedir esmola, deve ir mais descontraído e alegre do que alguém que, querendo comprar alguma coisa, para dar mostras da sua magnanimidade e riqueza, proclamasse: ⁴«A quem me der uma coisa no valor de um dinheiro, ofereço cem peças de prata ou mil até. ⁵Na realidade, o servo de Deus oferece o amor divino, que pode ser ganho por aquele que faz a esmola, em comparação do qual, nada são todas as coisas da terra nem as do Céu».

⁶Quando eram ainda poucos os frades, e mesmo depois, quando se multiplicaram, ia o bem-aventurado Francisco pelo mundo pregar; ⁷e, se acontecia algum homem notável convidá-lo a sentar-se à sua mesa, ou dar-lhe hospedagem, porque não havia ainda conventos de frades, em muitas cidades e lugares; ⁸embora soubesse que, lhe tinham preparado tudo em abundância, antes de comer, ia pedir esmola por amor de Deus, para dar bom exemplo aos frades, e por causa da nobreza e dignidade da Senhora Pobreza. ⁹Dizia às vezes ao seu hospedeiro: «Não quero renunciar à minha dignidade real, à minha herança, à minha vocação e profissão, minha e dos frades menores: pedir esmola. Ainda que não recebesse mais que três nacos de pão, iria mesmo assim, para cumprir o meu ofício de mendicante». E, contra a vontade do hospedeiro, lá ia pedir esmola de porta em porta. ¹⁰Este, por vezes, acompanhava-o e ajudava-o na recolha das esmolas, guardando algumas, como relíquias.

Quem escreve estas coisas, viu repetirem-se tais factos e deles dá testemunho.

Em casa do Cardeal Hugolino foi pedir esmola antes da refeição

61. ¹Um dia em que era hóspede do senhor Bispo de Óstia, que mais tarde foi Papa, saiu furtivamente, pouco antes da

refeição, para pedir esmola. ²Quando regressou, já o Bispo estava à mesa, porque tinha também como convidados alguns cavaleiros, seus parentes. ³O bem-aventurado Francisco colocou o fruto do peditório sobre a mesa do Bispo, indo depois sentar-se junto dele, porque era o lugar que lhe reservava, quando recebia o Santo em casa. ⁴O facto de ter ido pedir esmola provocou no Bispo um certo ressentimento, todavia nada disse, por causa dos comensais.

⁵A meio da refeição, o bem-aventurado Francisco pegou nas esmolas e começou a distribui-las pelos cavaleiros e fâmulos do Bispo. ⁶Cada um recebia a sua parte com muita devoção para com o Santo: uns comiam-na e outros guardavam-na religiosamente. ⁷Alguns, ao recebê-las, até se descobriam, por respeito a S. Francisco. ⁸O senhor Bispo estava muito contente com estas demonstrações de veneração, tanto mais que o pão das esmolas não era de trigo.

⁹Terminada a refeição, o Bispo levou o bem-aventurado Francisco para os seus aposentos, abraçou-o com transbordante alegria, dizendo: ¹⁰«Ó meu Irmão tão simples ⁴², porque me fizeste esta afronta? Nesta casa, que é a casa dos teus frades, sair a pedir esmola!» ¹¹O bem-aventurado Francisco respondeu: «Ao contrário, senhor, muita honra lhe prestei, porque quando um súbdito cumpre fielmente o seu dever, honra o seu senhor e o seu prelado». E acrescentou:

¹²«Eu devo ser o modelo e o exemplo dos vossos pobres. Sei que na Ordem há e haverá frades, verdadeiros frades menores, no nome e no comportamento, que, por amor do Senhor Deus e unção do Espírito Santo, que os instrui e instruirá em todas as coisas, se hão-de inclinar com toda a submissão e humildade ao serviço dos seus Irmãos. ¹³Mas também há e haverá os que, por respeito humano e mal acostumados, desdenham e desdenharão humilhar-se a pedir esmola e submeterem-se aos trabalhos servis. ¹⁴Por isso, devo eu, com o meu comportamento, instruir os que são e serão na Ordem, para que não tenham desculpa diante de Deus, neste mundo e no outro. ¹⁵Portanto, estando em vossa casa, que sois

⁴² O latim tem «frater mi simpliçone». «Simpliçone» dever-se-ia traduzir por «simplesão». Na verdade é intraduzível.

nosso Senhor e Papa ⁴³, ou em casa dos grandes e poderosos deste mundo, que, por amor de Deus, me oferecem e impõem mesmo, com tanta devoção, a sua hospitalidade, não quero esquivar-me à obrigação de ir pedir esmola. ¹⁷ Antes, considero isso um título de nobreza, uma dignidade real e uma honra d'Aquele Rei Soberano que, sendo senhor e dono do universo, se quis fazer por nós servo de todos; e, embora rico e glorioso na sua majestade, encarnou, pobre e desprezado, na nossa humanidade.

¹⁹ «Quero que saibam os frades, de hoje e de amanhã, que eu sinto maior consolação interior e exterior à mesa pobre dos frades, ²⁰ sobre a qual vejo as míseras esmolos recolhidas de porta em porta por amor de Deus, do que em sentar-me à vossa mesa ou à dos outros senhores, guarnecida das melhores iguarias, se bem que seja por devoção e deferência para comigo. ²¹ O pão da esmola é na verdade pão sagrado, santificado pelo louvor e pelo amor de Deus, visto que o frade que vai pedir esmola deve dizer primeiro “Bendito e louvado seja o Senhor Deus”; e depois: “Dai-nos esmola por amor do Senhor Deus!”».

²² O senhor Bispo, muito edificado deste colóquio com o santo Pai, disse-lhe: «Meu filho, faz como quiseres, porque o Senhor está contigo e tu com Ele».

Como repreende um frade preguiçoso

62. ¹ Queria o bem-aventurado Francisco, e insistia frequentemente, que um frade não ficasse muito tempo sem ir pedir esmola, para que não começasse mais tarde a ganhar vergonha de o fazer. ² Quanto mais distinto tivesse sido o Irmão no século, pela nobreza ou grandeza de vida, mais contente e edificado ficava o santo Pai ao vê-lo a mendigar de porta em porta e dedicar-se, para bom exemplo, aos trabalhos servis. Assim se fazia antigamente.

³ No início da Ordem, quando os frades habitavam Rivotorto, havia ali um, que rezava pouco e, por vergonha, nunca ia pedir esmola, mas comia bem. ⁴ O bem-aventurado Francisco, preocu-

⁴³ No original: *Dominus et Apostolicus*. Traduzimos *Apostolicus* por Papa. Porque Francisco, ao pedir ao Papa um Cardeal protector, queria que este fosse como que o Papa da sua Ordem.

pado com o comportamento deste Irmão, foi advertido pelo Espírito Santo de que se tratava de homem carnal. ⁵ Por isso, falou-lhe assim: «Vai-te embora, irmão mosca, porque tu queres comer o fruto do trabalho dos frades e ficas ocioso no jardim de Deus, como o irmão zangão que não colhe nada, não trabalha e vive à custa das canseiras das diligentes abelhas». ⁶ Voltou o frade para o mundo e, carnal como era, nem sequer pediu perdão.

Como beijou a um frade o ombro, sobre o qual transportava a saca das esmolas

63. ¹ Numa ocasião em que o bem-aventurado Francisco estava em Santa Maria da Porciúncula, um frade, homem piedoso, regressava de Assis, onde tinha ido pedir esmola. ² Ao aproximar-se da igreja, pôs-se a louvar o Senhor em alta voz, com muita alegria. ³ Ouviu-o o bem-aventurado Francisco e saiu-lhe ao encontro; levado pela alegria, beijou-lhe o ombro em que carregava a saca cheia de esmolas. ⁴ Depois pô-la ele às costas e levou-a para o convento. Aí, declarou diante de todos: ⁵ «É assim que quero ver o meu Irmão ir ao peditório, e voltar contente e feliz!»

Serenidade e alegria na expectativa da morte

64. ¹ Na altura em que se encontrava no palácio do Bispo de Assis retido no leito muito doente, depois de ter vindo do convento de Bagnara, os assisienses, temendo que morresse durante a noite e que os frades, às ocultas, lhes levassem o corpo para o sepultarem noutra cidade, decidiram montar um apertado serviço de vigilância, à volta de todo o palácio.

² Embora muito enfraquecido pela doença, o Santo, para consolo de seu espírito e para não se deixar abater no meio das suas graves e numerosas enfermidades, mandava cantar repetidas vezes durante o dia os Louvores do Senhor, que compusera tempos antes, durante a doença. ³ Pedia também que os cantassem durante a noite para edificação e recreio daqueles que, por sua causa, faziam a vigilância do palácio.

⁴ Frei Elias, ao ver o bem-aventurado Francisco mostrando sempre alegria e coragem no Senhor no meio de tanto sofrimento, disse-lhe um dia: ⁵ «Irmão caríssimo, muito me consola e muito me

edifica ver a alegria que procuras cultivar, para ti e para teus companheiros, em semelhante aflição e doença. ⁶ Sem dúvida que os homens desta cidade te veneram como Santo, na vida e na morte, mas estando eles certos que a tua grave e incurável doença em breve te vai levar às portas da morte, poderiam pensar e dizer: ⁷ Como se explica tanta alegria, quando se aproxima o trespasse? Não seria melhor pensares na morte?» ⁸ O bem-aventurado Francisco respondeu-lhe:

⁹ «Lembras-te da visão que tiveste em Folinho, na qual, segundo me disseste, uma voz te advertiu que eu não viveria mais de dois anos? ¹⁰ Já antes da tua visão, graças ao Espírito Santo que inspira toda a boa obra ao coração e toda a boa palavra aos lábios dos fiéis, muitas vezes, de dia e de noite, pensava eu na morte. ¹¹ Depois da tua visão, mais cuidado tive eu em pensar nela». ¹² Em seguida, com grande fervor de espírito, acrescentou: «Irmão, deixa-me rejubilar no Senhor e cantar os seus louvores no meio das minhas enfermidades: ¹³ pela graça do Espírito Santo, estou tão unido ao meu Senhor que, por sua bondade, posso na verdade gozizar-me no Altíssimo».

«Bem-vinda seja a minha irmã morte»

65. ¹ Outra vez, por aqueles dias, um médico de Arezzo, chamado Bomjoão, amigo e frequentador do bem-aventurado Francisco, veio ao palácio do Bispo para o ver. ² Francisco indagou do médico acerca da sua doença, perguntando: «Que pensas tu, Fini-atu, da minha hidropisia?» ³ O Santo não tratava pelo nome aos que tinham o apelido de «Bom», por respeito para com o Senhor, que disse: «Ninguém é bom, senão Deus unicamente». ⁴ Também, a ninguém chamava «Pai» ou «Mestre», nem o escrevia nas suas cartas, por respeito para com o Senhor, que disse: «A ninguém chameis pai, e não permitais que vos tratem por mestre, etc.».

⁵ O médico respondeu-lhe: «Irmão, com a graça de Deus, tudo caminhará bem». ⁶ Com efeito, não queria dizer-lhe que a morte estava próxima.

⁷ O bem-aventurado Francisco retorquiu:

– «Irmão, diz-me a verdade. Qual é o teu prognóstico? Não tens medo, porque, graças a Deus, não sou um cobarde que tema a

morte. O Senhor, por sua graça e bondade, tem-me de tal modo unido a Si, que para mim, viver ou morrer, é a mesma alegria». Então o médico disse:

– ⁸ «Pai, segundo a nossa ciência médica, o teu mal é incurável, e pelos fins de Setembro ou por 4 de Outubro morrerás».

⁹ O bem-aventurado Francisco, prostrado sem forças no seu leito, ergueu os braços e, de mãos postas para o Senhor, com grande devoção e respeito, exclamou com transbordante alegria: «Bem-vinda seja a minha irmã morte».

Manifesta a Frei Ricério as suas últimas vontades

66. ¹ Frei Ricério, da Marca de Ancona, nobre de nascimento e mais nobre pela santidade, bem querido do bem-aventurado Francisco, veio um dia visitá-lo àquele palácio. ² No decorrer da conversa, fez-lhe estas perguntas acerca da Ordem e observância da Regra: ³ «Pai, quais foram as tuas intenções, quando começaste a reunir os frades, e qual a intenção que tens hoje e pensas conservar até ao dia da tua morte? ⁴ Eu queria ter a certeza da tua primeira e última intenção e vontade, para saber se nós, Irmãos clérigos, que possuímos tantos livros, os podemos guardar, embora digamos que pertencem à Ordem».

⁵ O bem-aventurado Francisco respondeu: «Eis, Irmão, a minha primeira e última vontade: se os meus frades me quisessem ouvir, não teriam mais que o hábito, com o cordão e os calções, como permite a Regra».

O título de Frades Menores

67. ¹ Disse um dia o bem-aventurado Francisco a seus frades: «A Ordem e vida dos frades menores é um pequeno rebanho que o Filho de Deus nestes últimos tempos pediu a seu Pai Celeste, dizendo: ² «Pai, eu quero que reúnas e me concedas um povo novo e humilde que, pela sua pobreza e humildade, se distinga, no presente, de todos os que o precederam; e que, como sua riqueza, não tenha senão a mim». ³ E o Pai respondeu ao Filho amado: “O que pediste foi-te concedido”.

⁴ «O Senhor, acrescentou o Santo, quis que os frades tivessem o nome de “menores”, ⁵ porque são esse povo que o Filho de Deus

requereu ao Pai, e do qual Ele mesmo diz no Evangelho: “Não temas pequenino rebanho, porque aprovou a vosso Pai dar-vos o Reino”; ⁶ e mais: “O que fizestes a um destes meus irmãos menores, a mim o fizestes”. ⁷ Sem dúvida que o Senhor falava assim de todos os que têm o espírito de pobreza, mas tinha em vista principalmente a Ordem dos Frades Menores, que havia de aparecer na Igreja».

⁸ Como foi revelado ao bem-aventurado Francisco que devia chamar aos seus religiosos «Frades Menores», assim o fez escrever na primeira Regra que levou ao senhor Papa Inocêncio III, que a aprovou e outorgou, antes de a apresentar oficialmente no Concílio ⁴⁴. ⁹ O Senhor revelou também ao Santo a saudação que os frades deviam usar, como mandou escrever no Testamento: «O Senhor me revelou que, como saudação, devíamos dizer: “O Senhor te dê a Paz”»⁴⁵.

¹⁰ No início da Ordem, andando o bem-aventurado Francisco com um Irmão, que foi dos primeiros doze companheiros, este saudava homens e mulheres pelos caminhos e nos campos, dizendo: «O Senhor vos dê a Paz». ¹¹ As pessoas ficavam admiradas, porque nunca tinham ouvido tal saudação da parte de religioso algum; ¹² não faltando quem comentasse com alguma indignação: «Que significa esta maneira de saudar?»

¹³ O Irmão, muito envergonhado, disse ao bem-aventurado Francisco: «Permite que saúde as pessoas de outra maneira». ¹⁴ O Santo respondeu: «Deixa-os falar. Eles não têm o sentido das coisas de Deus. ¹⁵ E não te envergonhes, porque os nobres e príncipes deste mundo, por esta saudação, ainda hão-de prestar grande reverência a ti e aos outros frades». E continuou: ¹⁶ «Não é maravilhoso que o Senhor haja querido um pequeno povo, diferente daqueles que o precederam, que se contenta com ter a Ele só, altíssimo e glorioso Senhor?».

⁴⁴ Provavelmente o Concílio de Latrão IV, em 1215. A não ser que se deva entender o Conselho particular do Sumo Pontífice, ou consistório. Alguns manuscritos trazem precisamente esta palavra.

⁴⁵ Cf. T 23.

Dificuldades na interpretação da Pobreza

68. ¹ Se algum frade perguntar, porque é que o bem-aventurado Francisco, em vida, não impôs com toda a autoridade a estrita pobreza, no estilo da resposta a frei Ricério, ² nós que vivemos com ele responderemos com as próprias palavras que lhe ouvimos da sua boca. Porque o que disse a Frei Ricério, disse-o também a muitos outros frades; assim como outras muitas prescrições; e muitas mandou inserir na Regra. ³ Em assídua oração e meditação tinha pedido ao Senhor que lhas revelasse, para utilidade da Ordem; e afirmava que elas eram totalmente conformes com a vontade de Deus.

⁴ Mas, ao apresentá-las depois a seus frades, eles achavam-nas insuportáveis e duras, porque ignoravam o que se ia passar depois na Ordem, após a sua morte. ⁵ Não quis entrar em conflito com eles, por temor do escândalo entre si e seus frades; e, contrafeito, submeteu-se à vontade deles, escusando-se para com o Senhor. ⁶ Mas, para que não ficasse infrutuosa a palavra que o Senhor pusera em seus lábios para bem dos frades, esforçava-se ele por cumpri-la, para obter do Senhor a recompensa. E por fim, nisto encontrava o seu espírito conforto e paz.

Consulta de um Ministro Provincial acerca do uso dos livros

69. ¹ Ao voltar da viagem ao Oriente, veio consultá-lo um Ministro Provincial acerca do capítulo da pobreza, querendo saber o seu parecer e a sua vontade sobre este ponto da Regra. ² Sobretudo porque havia então na Regra um capítulo com a proibição do Evangelho: «*Nada leveis convosco em viagem*, etc.» ⁴⁶.

³ Disse o bem-aventurado Francisco: «Eis como eu interpreto: os frades não devem ter outra coisa senão a túnica, o cordão e panos menores, como está escrito na Regra, e sandálias, se a necessidade os obrigar». ⁴ O Provincial insistiu: «Que farei eu então que tenho tantos livros, no valor de mais de cinquenta libras?» ⁵ Falava assim, porque queria possuí-los de consciência tranquila, e tinha escrúpulos de ficar com eles, sabendo que o bem-

⁴⁶ Trata-se da 1R 14.

-aventurado Francisco interpretava rigorosamente o capítulo da pobreza. Respondeu o Santo:

⁶ «Irmão, eu não posso nem devo ir contra a minha consciência, e contra a obediência ao Santo Evangelho, do qual nós fizemos profissão». ⁷ Ao ouvir isto, o Ministro mostrou-se triste. Vendo-o assim perturbado, o bem-aventurado Francisco, com a voz embargada pelo fervor do espírito, dirige-se a ele, e, na sua pessoa, a todos os frades: ⁸ «Vós quereis passar aos olhos dos homens por frades menores, e ser tidos por fiéis observantes do Evangelho, mas na prática, o que quereis é conservar as vossas bolsas» ⁴⁷.

⁹ Os Ministros bem sabiam que, segundo a Regra, os frades eram obrigados a observar o Santo Evangelho; no entanto, tinham suprimido da Regra o capítulo que dizia: «*Nada leveis convosco para o caminho*, etc.», ¹⁰ pensando que não estavam obrigados a observar a perfeição do Evangelho.

¹¹ O bem-aventurado Francisco, avisado disto pelo Espírito Santo, disse a alguns frades: «Pensam os Ministros que enganam a Deus e a mim! Para que saibam todos os frades, que estão obrigados à perfeição do Evangelho, quero que se escreva no princípio e no fim da Regra: “Os frades estão obrigados a observar o Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo”». ¹² E para que os frades fiquem para sempre sem escusa perante Deus, quero eu, com a ajuda de Deus, pôr em prática e observar sempre as prescrições que Deus pôs na minha boca, para salvação e utilidade da minha alma e da alma dos meus Irmãos». ¹³ Assim observou o Santo Evangelho, à letra, desde que começou a ter frades, até à hora da morte.

⁴⁷ As bolsas com tudo o que esta palavra implicava no espírito de S. Francisco: a bolsa de Judas, a apropriação das riquezas, o espírito de independência, a ciência que incha, etc..

O noviço que queria um Saltério. Perfil dos primeiros frades.

70. ¹ Havia uma vez um noviço ⁴⁸ que sabia ler o saltério, mas não muito bem. Pelo gosto que fazia nesta leitura, pediu ao Ministro Geral licença de ter um saltério. O Ministro concedeu-lha. ² Mas o noviço não queria ficar com o saltério, sem primeiro ter autorização do bem-aventurado Francisco. Tinha, com efeito, ouvido dizer que o Santo não queria ver os seus frades cobiçosos de ciência e de livros; ³ mas queria vê-los, como tantas vezes recomendava, apaixonados pela pura e santa simplicidade, a santa oração e a Senhora Pobreza. Assim se formaram os primeiros frades, que eram santos; e esta lhe parecia a via mais segura para a sua salvação.

⁴ Não quer dizer que ele desprezasse ou pusesse de lado a ciência das coisas santas. Pelo contrário, para com os doutos da Ordem, e outros sábios, dedicava o maior apreço, como diz no Testamento: ⁵ «A todos os teólogos e àqueles que nos ministram as santas palavras de Deus, devemos honrar e reverenciar, como a quem nos comunica Espírito e Vida».

⁶ Mas, prevendo o futuro, sabia pelo Espírito Santo, e repetia-o frequentemente, que muitos, a pretexto de edificar os outros, abandonariam a sua vocação, ou seja, a pura e santa simplicidade, a santa oração e a Senhora Pobreza; ⁷ julgar-se-iam mais fervorosos e mais inflamados no amor de Deus por causa da inteligência das Escrituras, quando, precisamente com o crescer da ciência, ficariam, por dentro, frios e vazios; ⁸ e assim, não poderiam regressar à sua antiga vocação, porque teriam deixado passar o tempo que lhes fora concedido para nela viverem. ⁹ «E temo, dizia ele, que lhes seja tirado o que eles julgavam possuir, por se terem afastado da sua vocação».

71. ¹ Também dizia: «Muitos há que se entregam apaixonadamente, dia e noite, com toda a solicitude, à busca da ciência, aban-

⁴⁸ O noviciado foi introduzido na Ordem com a Bula de Honório III «*Cum secundum consilium*» de 22 de Setembro de 1220. Portanto, o episódio aqui narrado, e os que com ele se relacionam (n.72-74) são de colocar depois desta data.

donando assim a oração e a sua santa vocação. ²E quando instruem os outros Irmãos ou pregam ao povo, se vêem que alguns ficam edificadas ou se convertem à penitência, começam a ficar inchados e orgulhosos com o proveito de trabalho alheio. ³Porque aqueles que eles julgam ter edificado e convertido com a sua palavra, na realidade foi Deus que os moveu pela oração dos santos frades, que nada sabem do efeito da sua prece. Pois tal é a vontade do Senhor, para daí não colherem motivo de orgulho.

⁴Estes últimos, são os meus santos frades, cavaleiros da Távola Redonda, que vivem escondidos em lugares solitários e nos desertos; para se entregarem com todo o empenho à oração e à meditação, chorando os pecados próprios e alheios; cuja santidade, conhecida de Deus, raramente o é dos outros Irmãos e do mundo.

⁵E quando os Anjos apresentarem as suas almas ao Senhor, Ele lhes revelará a multidão de almas que a sua prece salvou, fruto e mercê dos seus trabalhos, dizendo-lhes: ⁶“Meus filhos, eis as almas que salvastes com as vossas orações. *Por terdes sido fiéis no pouco, grandes coisas vos confiarei*”».

⁷A propósito, o bem-aventurado Francisco comentava assim o versículo que diz: *«A estéril teve muitos filhos, mas a que tinha muitos filhos tornou-se estéril: “Estéril” é o religioso bom que se edifica a si e aos outros com a oração e demais virtudes*».

⁸Repetia muitas vezes este comentário na sua conversa com os frades, sobretudo nos Capítulos, junto da igreja de Santa Maria da Porciúncula, na presença dos Ministros e dos outros frades.

⁹Instruía assim todos os frades, tanto os Ministros como os pregadores, no exercício dos seus cargos, dizendo-lhes que o governo dos Irmãos, os ofícios e o zelo da pregação, de modo algum lhes poderia tirar o devido tempo: para a oração, para irem pedir esmola e para trabalharem com suas mãos como os outros frades, tendo em vista o bom exemplo e a salvação da própria alma e a do próximo.

¹⁰Dizia mais: «Os Irmãos que são súbditos muito se edificam com o exemplo dos seus Ministros e pregadores, que de boa vontade se dedicam à oração, e se sujeitam a servir na humildade».

¹¹Fiel discípulo de Cristo, enquanto a saúde lho permitia, praticava tudo quanto recomendava aos outros.

Ainda o noviço e o seu saltério

72. ¹ Voltando um dia o bem-aventurado Francisco ao eremitério onde estava o noviço de que falámos antes, veio este ter com ele dizendo: ² «Pai, seria para mim uma grande consolação ter um saltério, mas embora tenha já licença do Ministro Geral, não o quero possuir sem a tua autorização».

³ A resposta do Santo foi assim: «O Imperador Carlos, Rolando e Olivério, todos os paladinos e cavaleiros valentes que foram valorosos na guerra, perseguindo os infiéis até à morte, não se poupando a suores e fadigas, alcançaram retumbante e famosa vitória; e por fim, também os próprios santos mártires, morreram em combate pela fê de Cristo. ⁴ Muitos há, que só com a narração dos seus feitos, querem daí tirar honra e glória humana».

⁵ A explicação desta parábola encontra-se nas suas «Admoestações», onde diz: «Os santos praticaram acções heróicas, nós com recitá-las e pregá-las, já daí querermos colher honra e glória». Por outras palavras: «A ciência incha, a caridade porém edifica» ⁴⁹.

73. ¹ Noutra altura, estando o bem-aventurado Francisco a aquecer-se à fogueira, voltou o mesmo noviço a falar-lhe do saltério. ² Respondeu-lhe o Santo: «E quando tiveres o saltério, vais querer um breviário. ³ Depois, instalado na tua cadeira, como um grande prelado, dizes ao teu Irmão: “Traz-me cá o breviário”». ⁴ Dizendo isto, com gesto arrebatado, pega numa pouca de cinza, leva-a à cabeça, esfregando-a com a mão, como que a lavá-la e falando para consigo: «É este o meu breviário! É este o meu breviário»⁵⁰. ⁵ E repetia gesto e palavras, muitas vezes. O noviço espantado, emudeceu.

⁶ Por fim, disse o bem-aventurado Francisco: «Irmão, também eu tive a tentação dos livros, mas para conhecer a vontade do Senhor peguei no livro dos Evangelhos, ⁷ e pedi que ma desse a conhecer na primeira página em que eu o abrisse. ⁸ Terminada a oração, abri o livro e deparei com este versículo: “*A vós é dado co-*

⁴⁹ Ex 6.

⁵⁰ No texto: «*Ego brevium*», que seria à letra: «eu, o breviário».

nhecer a Reino de Deus, mas os que estão de fora, tudo se lhes propõe em parábolas”». ⁹E acrescentou: «São tantos os que querem subir os degraus da ciência, que bem-aventurado será o que a ela renuncia, por amor do Senhor Deus».

74. ¹Alguns meses depois, estando o bem-aventurado Francisco em Santa Maria da Porciúncula, junto à sua cela que dá para o caminho, por detrás da casa, veio mais uma vez o dito noviço falar-lhe no saltério. ²O Santo despachou-o, dizendo: «Vai e faz o que te disser o teu Ministro». ³Ouvido isto, o Irmão voltou por onde tinha vindo.

⁴O bem-aventurado Francisco quedou-se no caminho a refletir no que tinha dito. ⁵De repente, gritou: «Espera, Irmão, espera!» ⁶Aproximou-se dele e disse: «Vem comigo e mostra-me o lugar onde te disse, a propósito do saltério, que fizesses o que te diz o teu Ministro». ⁸Chegados lá, o Santo pôs-se de joelhos diante do Irmão, dizendo: ⁹«Minha culpa, Irmão, minha culpa: quem quiser ser frade menor não pode ter senão a túnica, conforme a Regra, o cordão e panos menores; e em caso de manifesta necessidade ou doença, as sandálias».

¹⁰Sempre que um Irmão lhe vinha pedir conselho neste campo, dava a mesma resposta. E dizia: ¹¹«Tanto possui um homem de ciência, quanto aquilo que realiza nas suas obras; e tanto possui um religioso de oração, quanto aquilo que na vida põe em prática». ¹²Como se quisesse dizer: «Não se conhece a árvore boa, senão pelos frutos».

Como respondeu a um frade que o interrogou acerca de alguns abusos

75. ¹Quando o bem-aventurado Francisco se encontrava no palácio do Bispo de Assis, um de seus companheiros perguntou-lhe: «Pai, perdoa-me, mas o que te quero dizer já muitos o notaram. ²Tu sabes que dantes, pela graça de Deus toda a Ordem florescia na pureza da perfeição; ³sabes como os frades observavam com zelo e fervor a santa pobreza, em todas as coisas: casas pobrezinhas, mobília pobrezinha, livros pobrezinhos e vestidos pobrezinhos. ⁴Nisto, como em todo o seu comportamento

exterior eram unânimes, e solícitos em permanecer integralmente fiéis à nossa profissão, à nossa vocação e ao bom exemplo; e assim eram também de um só espírito no amor de Deus e dos homens. ⁵Ora, passado algum tempo, esta pureza e esta perfeição começaram a diminuir. Dizem muitas coisas e desculpam os frades, alegando que, por causa do grande número, não podem manter aquela observância. ⁶Muitos dizem até que a nova maneira de viver edifica mais o povo e o conduz melhor à santidade. Assim, estão votadas ao desprezo a simplicidade e a pobreza que, no entanto, foram o princípio e fundamento da nossa Ordem.

⁸Nós, ao vermos tudo isto, estamos convencidos de que te desagrada, mas intriga-nos ver que, descontente como deves andar, vais suportando tudo, sem uma palavra de correcção».

76. ¹Respondeu o bem-aventurado Francisco: «Que o Senhor te perdoe, Irmão, por te queres pôr contra mim e envolver-me em questões que não são do meu ofício. ²Enquanto tive o cuidado dos frades e eles permaneciam fiéis à sua vocação, bastavam-lhes meu exemplo e exortações, não obstante a minha debilidade desde o princípio da minha conversão. ³Mas, quando vi que o Senhor multiplicava dia a dia o número dos frades; e que, pela tibieza e falta de generosidade, começavam a desviar-se do caminho recto e seguro que tinham seguido primeiro, ⁴para tomarem, como dizes, estrada mais larga, sem respeito pela sua profissão, vocação e bom exemplo; ⁵quando dei conta de que nem os meus conselhos nem o meu exemplo os demoviam do caminho escolhido; então coloquei a Ordem nas mãos de Deus e dos Ministros. ⁶Renunciei ao meu cargo e demiti-me, dando, no Capítulo Geral, a minha doença como escusa para deixar o governo e cuidado dos Irmãos. ⁷No entanto, se eles tivessem seguido, e seguissem ainda, a minha vontade, não quereria, para sua consolação, que tivessem outro Ministro senão a mim, até ao dia da minha morte.

⁸Porque, quando o súbdito é bom e fiel e reconhece e observa a vontade de seu superior, este não anda em cuidados. ⁹Tanta seria a minha alegria na bondade de meus frades, e consolação no proveito espiritual, meu e deles, que, mesmo da cama, retido pela enfermidade, de bom grado os governaria.

¹⁰ «O meu encargo é de ordem espiritual, pois devo suprimir os vícios e corrigir os erros. ¹¹ Mas, se não consigo, com as minhas exortações, suprimi-los nem corrigi-los, não quero transformar-me em carrasco, que castiga e flagela, como faz um potentado secular. ¹² Confio no Senhor, porque os inimigos invisíveis – que são os esbirros do Senhor, designados para punir neste mundo e no outro os que transgridem os mandamentos de Deus – tirarão deles desforra e os farão castigar por homens deste mundo, para sua vergonha e confusão, e assim, hão-de voltar à primitiva profissão e vocação.

¹³ «Entretanto, até ao dia da minha morte, não cessarei de instruir os meus frades com o meu exemplo e a minha vida, mostrando-lhes o caminho que o Senhor me mostrou a mim, e que eu lhes mostrei e no qual os encaminhei, para que não encontrem desculpa diante de Deus, e eu não tenha que prestar outras contas a Deus por eles e por mim».

77. ¹ No seu Testamento mandou escrever o bem-aventurado Francisco que todas as casas dos frades se fizessem de barro e de madeira, como sinal da santa pobreza e humildade, e fossem pequenas as igrejas construídas para eles. ² Neste particular das construções de barro e estacas, como doutros bons exemplos, ³ queria que se comesçasse por Santa Maria da Porciúncula, o primeiro convento onde, depois que os frades lá se estabeleceram, o Senhor começou a multiplicá-los. Queria que este convento fosse para sempre modelo e memorial para os frades presentes e futuros.

⁴ Disseram-lhe alguns, que não seria de bom aviso fazerem-se casas de terra e paus, porque nalgumas províncias a madeira era mais cara do que a pedra. ⁵ O bem-aventurado Francisco não quis discutir com eles, porque estava então muito doente, mesmo à beira do túmulo, pois veio a falecer pouco depois. ⁶ Mas mandou escrever no seu Testamento: «Acautelem-se os frades de receber, de qualquer modo, igrejas, pobrezinhas moradas ou qualquer outra coisa que para eles seja edificada, se não forem conformes à santa pobreza que na Regra prometemos; hospedem-se nelas como peregrinos e estrangeiros».

⁷ Nós, que estivemos com ele, quando compôs a Regra e quase todos os seus escritos, certificamos que fez escrever na Regra e

noutros escritos muitas prescrições, às quais se opuseram alguns frades, superiores, sobretudo. ⁸Essas prescrições que durante a vida lhe acarretaram tantas contrariedades, agora, depois da sua morte, seriam tão necessárias para toda a Ordem!

⁹Mas, para evitar o escândalo, condescendia contrariado, à vontade dos frades. ¹⁰No entanto, dizia: «Ai dos frades que se opõem àquilo que sei ser a vontade de Deus para bem da Ordem, ainda que me vergue, desgostado, à vontade deles».

¹¹Repetia muitas vezes aos seus companheiros: «Este é o meu desgosto e a minha aflição: Aquilo que de Deus obtenho, por Sua bondade, à custa de longa oração e meditação, para o bem presente e futuro de toda a Ordem e sei que é do seu agrado, ¹²é contradito depois por alguns frades que, dominados pelo seu parecer e ciência, dizem: “Tais prescrições são de aceitar e observar, tais outras, não”». ¹³Todavia, temia de tal maneira o escândalo, como dissemos, que se acomodava e condescendia em muitos desejos deles que não tinham a sua aprovação.

Como se opunha às conversas ociosas

78. ¹Quando o santo Pai estava em Santa Maria da Porciúncula, costumava, depois da refeição, dedicar-se diariamente a um trabalho manual com seus frades, ²porque temia, por si e pelos seus, perder o benefício da oração, alcançado com a ajuda do Senhor, em conversas inúteis e ociosas. Para evitar essa espécie de conversas, eis o que determinou para todos cumprirem:

³«Se um frade, quer em tempo livre quer no trabalho com os outros, se der a conversas ociosas ou inúteis, seja obrigado a recitar o *Pai-Nosso* com os *Louvres de Deus* ⁵¹, antes e depois da oração. ⁴Se o faltoso se acusa espontaneamente, consciente da sua falta, reze por si o *Pai-Nosso* e os *Louvres do Senhor*; se for advertido por outro frade, é por este que reza o *Pai-Nosso* como se disse; se for advertido por um Irmão e se recusar com desculpas a recitar o *Pai-Nosso*, dirá dois por aquele que o advertiu, se pelo

⁵¹ Provavelmente o Santo refere-se só ao *Glória ao Pai*, à semelhança do que preceitua na *I Regra 3*: «Os leigos, porém, rezem (...) o *Pai-Nosso* com o *Glória ao Pai*.

testemunho deste ou doutro constar ser verdade que de facto disse da palavra inútil ou ociosa. ⁵O culpado recitará os *Louvores do Senhor* no princípio e no fim da oração em voz alta e audível, de maneira que todos os presentes possam ouvir e perceber. ⁶Estes, entretanto, devem escutar em silêncio.

⁷Se algum, em contradição do que aqui se manda, ouvir um Irmão dizer palavras inúteis e se calar, ele mesmo é obrigado a rezar um *Pai-Nosso* e os *Louvores de Deus* pela alma desse Irmão.

⁸Quando um Irmão entrar num convento, numa cela ou em qualquer lugar em que estiverem Irmãos, terá sempre o cuidado de louvar e bendizer o Senhor.

⁹O próprio santo Pai recitava estes *Louvores do Senhor*; era seu ardente desejo e vontade ver os seus frades, e mesmo os outros homens, a rezá-los com fervor e devoção.

Sua Devoção à Eucaristia

79. ¹Depois do Capítulo de Santa Maria da Porciúncula ⁵², em que pela primeira vez foram enviados frades para terra de infiéis, o bem-aventurado Francisco, que ficou neste convento com alguns Irmãos, disse-lhes: ²«Caríssimos Irmãos, eu devo ser modelo e exemplo de todos. ³Se mandei Irmãos para terras longínquas, onde terão que se sujeitar a fadigas, humilhações, fome e provas de toda a espécie, parece-me justo e bom que também eu vá a uma terra longínqua, ⁴para que meus frades aceitem com paciência suas provas e privações, sabendo que por minha vez tenho de suportar as minhas. ⁵Ide pedir ao Senhor que me mostre o país onde melhor trabalhe para sua glória, proveito e salvação das almas, e para o bom exemplo da Ordem».

⁵² Esta passagem é de grande interesse para determinar o tempo em que foram organizadas as grandes missões fora da Itália. O Capítulo Geral aqui mencionado é o de 1217, porque se conhece a bula com que o cardeal Hugolino foi mandado como legado do Papa a Florença, onde S. Francisco o encontra pouco depois, bula que é de 23 de Janeiro de 1217. O encontro deve ter-se dado pouco depois do Pentecostes desse ano, que foi em 14 de Maio.

⁶Costumava o santo Pai, quando tinha de ir pregar para longe, e mesmo para as províncias, rezar e mandar rezar para que o Senhor o levasse aonde, segundo Deus, fosse melhor.

⁷Os Irmãos recolheram-se, portanto, em oração; terminada esta, foram ter com ele, que lhes disse: ⁸«Em nome de Nosso Senhor Jesus Cristo e de sua gloriosa Mãe, e de todos os santos, eu escolho a França. ⁹É uma nação católica que, entre as nações católicas da santa Igreja, tributa o maior respeito ao Corpo de Nosso Senhor Jesus Cristo; e nada me é mais caro do que isso ⁵³. Irei para entre esse povo, com muito gosto».

80. ¹De facto, o bem-aventurado Francisco tinha o maior respeito e devoção para com o Corpo de Cristo. Por isso, quis que se escrevesse na Regra que os frades, nos lugares em que se encontrassem, ²promovessem o seu culto e recomendassem aos clérigos e sacerdotes que colocassem o Corpo de Cristo em lugares dignos e honrosos; ³se eles o não fizessem, os frades que tomassem a iniciativa. ⁴Mais ainda, uma vez mandou por todas as províncias frades com píxides, para que onde vissem que o Corpo de Cristo era guardado menos convenientemente, nelas com dignidade O colocassem.

⁵Por reverência ao Santíssimo Corpo e Sangue de Jesus Cristo, queria mandar inserir na Regra: ⁶«Os escritos com as palavras e nomes do Senhor com as quais se consagra o Santíssimo Sacramento, encontrados negligentemente abandonados ou em lugares impróprios, os recolham e guardem para honrar o Senhor, nas palavras que Ele pronunciou. ⁷Muitas coisas são santificadas pela palavra de Deus; e é pelo poder da palavra de Cristo, que se opera o Sacramento do altar».

⁷Não o escreveu na Regra, porque não pareceu conveniente aos Irmãos Ministros fazer disto um preceito; mas o santo Pai, no Testamento e noutros escritos, quis deixar aos frades a sua vontade

⁵³ Algumas formas desta piedade eucarística na França eram: a lâmpada acesa diante do sacrário (generalizada no séc. XII), o uso do ostensório (decretado em Paris, em 1197) e uma multiplicação extraordinária de tratados e milagres eucarísticos.

sobre este assunto. ⁹Quis igualmente mandar a diversos lugares alguns frades com bons e formosos ferros de fazer hóstias.

¹⁰Quando escolhia frades para o acompanhar, dizia-lhes: «Em nome do Senhor, ide dois a dois, modestamente, em grande silêncio pelos caminhos. Desde o alvorecer até à Hora de Tércia, guardai silêncio, orando a Deus em vossos corações. ¹¹Não digais palavras ociosas ou inúteis. ¹²Embora vades de viagem, seja santo o vosso conversar, como se estivésseis no vosso eremitério ou na vossa cela, visto que, onde quer que estejamos ou por onde andarmos, levamos connosco a nossa cela, que é o irmão corpo; ¹³e a alma, é o eremita, que mora lá dentro para orar e contemplar o Senhor. ¹⁴Se a alma não consegue descobrir o silêncio e recolhimento interior da sua cela, de pouco aproveita ao religioso a outra cela, construída pela mão dos homens».

Como o bem-aventurado Francisco restabeleceu a paz em Arezzo

81. ¹Quando chegaram a Arezzo, depararam com um grande escândalo: quase toda a cidade estava dividida em duas facções que, de tempos atrás, com ódio se digladiavam dia e noite. Abrigou-se o bem-aventurado Francisco num hospital dos arredores. ²Ao ouvir o tumulto e gritaria incessantes, parecia-lhe que os demónios exultavam com aquelas discórdias, e instigavam os habitantes a destruir a cidade pelo fogo e outras calamidades.

³Movido de compaixão para com aquela cidade, dirigiu-se a Frei Silvestre, homem de Deus, sacerdote de sólida fê, de admirável simplicidade e pureza, que ele venerava como santo, nestes termos: ⁴«Vai em frente da porta da cidade e, o mais alto que possas, ordena aos demónios que saiam todos dela».

⁵Dirigiu-se Frei Silvestre à porta da cidade e, a plenos pulmões, gritou: ⁶«Bendito e louvado seja Nosso Senhor Jesus Cristo! ⁷Da parte de Deus Todo-Poderoso e em virtude da obediência devida a nosso Pai Francisco, imponho a todos os demónios que abandonem esta cidade!»

⁸Assim foi que, pouco depois, graças à misericórdia de Deus e à oração do bem-aventurado Francisco, sem mais pregação, a paz e a concórdia voltaram a reinar entre os habitantes.

⁹Nesta altura, o bem-aventurado Francisco não lhes pôde pregar. Mais tarde, no decorrer duma pregação, disse-lhes na primeira prédica: ¹⁰ «Falo-vos como a homens prisioneiros do demónio. Éreis vós mesmos, ó miseráveis, que vos tínheis amarrado e vendido, como gado na feira; entregastes-vos ao poder dos demónios, quando vos abandonastes à vontade daqueles que a si mesmos se perderam e continuam a perder-se; e querem a vossa ruína e a de toda a cidade. ¹¹ Sois miseráveis, e ignorais os benefícios do Senhor, porque um dia – alguns de vós não o sabem –, Ele salvou esta cidade pelos méritos dum certo frade muito santo, chamado Silvestre».

Desiste de fazer a viagem a França

82. ¹ Ao chegar a Florença, o bem-aventurado Francisco encontrou-se com o Cardeal Hugolino, Bispo de Óstia, que mais tarde foi Papa. Tinha sido enviado pelo Papa Honório como Legado do Ducado de Espoleto, da Toscana, da Lombardia e da Marca Trevisina até Veneza. ² Para o senhor Bispo foi de grande alegria o encontro. ³ Quando soube que ele ia a caminho de França, opôs-se, dizendo: ⁴ Irmão, não quero que sigas para as terras transalpinas, porque na Cúria Romana andam lá prelados e outras pessoas influentes que estão a prejudicar a tua Ordem. ⁵ Outros Cardeais e eu, que a estimamos, protegê-la-emos mais eficazmente, se continuares dentro das fronteiras desta província». ⁶ A isto respondeu o Santo: «Seria para mim grande vergonha ficar aqui, quando enviei os meus frades a remotas e longínquas terras!» ⁷ O senhor Bispo insistiu, com ares de repreensão:

– ⁸ «Porque mandaste os teus frades para tão longe, ao encontro de tão variados perigos, inclusive o de morrer por lá?» Com grande fervor de espírito e palavras proféticas, respondeu o bem-aventurado Francisco:

– ⁹ «Julgais vós, Senhor, que Deus haja enviado os frades apenas a estas terras? ¹⁰ A verdade é que o Senhor escolheu e enviou os frades para proveito e salvação de todos os homens do mundo inteiro; não só as terras dos crentes os hão-de receber, como também as dos infiéis. ¹¹ Observem eles o que prometeram a Deus, e

Deus lhes ministrará o necessário, seja em terra de infiéis, seja em terra de crentes».

¹²No coração do senhor Bispo calou fundo este falar, que o fez concordar com o Santo. ¹³Mesmo assim, não consentiu que o bem-aventurado Francisco continuasse a viagem para França; ¹⁴mas, o bem-aventurado Francisco mandou seguir para lá a Frei Pacífico, com outros frades, regressando ele ao vale de Espoleto.

Retrato do verdadeiro frade menor

83. ¹Estando próximo um dos Capítulos convocado para Santa Maria da Porciúncula, o bem-aventurado Francisco disse a seu companheiro: «Não me consideraria verdadeiro frade menor, se não me visse dentro daquilo que te vou dizer».

²E disse: «Os frades, com grande devoção e respeito, convidam-me para assistir ao Capítulo; levado pela sua afectuosa insistência, consinto que me levem com eles; quando se reunirem, pedem-me que lhes anuncie a palavra de Deus; ³e eu digo-lhes aquilo que o Espírito Santo me ensinar. ⁴Suponhamos que, terminado o meu discurso, eles se lembram de se levantar contra mim, começando a dizer: ⁵«Não queremos mais o teu governo; és tartamudo e demasiado simplório; é uma vergonha ser-se governado por tão rude e desprezível superior! ⁶Não tenhas, pois, a presunção de considerar-te nosso superior daqui para o futuro». E assim me dimitem com grande desprezo.

⁸«Pois bem, acho que não me posso considerar verdadeiro frade menor, se não estiver disposto a aceitar, com a mesma alegria, que eles me desprezem, me rejeitem vergonhosamente, me tirem do meu cargo, como quando me honram e veneram, contanto que, para eles duma ou doutra atitude seja igual o proveito. ⁹Porque se me alegra a sua devoção e o seu proveito, quando me exaltam e me honram, o que faz perigar a minha alma, tanto mais me devo regozijar no proveito e salvação da minha alma, quando me vituperam, rejeitando-me vergonhosamente; pois, aí há para mim lucro verdadeiro».

A irmã cigarra

84. ¹ Era Verão. O bem-aventurado Francisco estava uma vez no mesmo convento ⁵⁴ e habitava a última cela, junto à sebe do jardim que fica por detrás da casa, na qual veio a morar Frei Rainerio, o jardineiro, depois da sua morte.

² Um dia, saindo da cela, viu ao alcance da mão uma cigarra colada a um ramo da figueira vizinha da sua cela. ³ Estendeu-lhe a mão e disse: «Anda cá, irmã cigarra». Imediatamente ela lhe saltou para a mão, passeando pelos dedos. ⁴ Com um dedo da outra mão acariciava-a, dizendo: «Canta, irmã cigarra». ⁵ Obediente, começou logo a cantar. Foi uma grande consolação para o Santo, que, deliciado, se pôs a louvar o Senhor. ⁶ Assim esteve por mais de uma hora, sempre com ela na mão. Depois colocou-a de novo no ramo donde a tirara.

⁷ Durante uma semana, sempre que o Santo saía da cela, encontrava-a no mesmo sítio, pegava nela, e, quando lhe pedia que cantasse, respondia sempre com o seu canto.

⁸ Passados oito dias, disse aos companheiros: «Vamos despedir a irmã cigarra, deixando-a ir para onde mais lhe agrade. Ela já nos alegrou bastante, e a nossa carne pode começar a vangloriar-se».

⁹ Dada a despedida, a cigarra levantou voo e não apareceu mais.

¹⁰ Ficaram admirados os companheiros com a sua delicadeza e obediência ao Santo.

¹¹ O bem-aventurado Francisco experimentava tanta alegria com as criaturas, por amor do Criador, que, para conforto de sua alma e corpo, aos animais que para os homens são selvagens, o Senhor os fazia para ele mansos e amigos.

Modelo e exemplo para todos os frades

85. ¹ Numa ocasião, encontrava-se o bem-aventurado Francisco no eremitério de Santo Eleutério, próximo de Contigliano, território de Rieti. ² Não tendo senão uma só túnica e fazendo

⁵⁴ Da Porciúncula. De notar os pormenores minuciosos que mais eloquentes se tornam completados com os dos nn. 65-67.

muito frio, viu-se obrigado a coser, por dentro da túnica, da sua e da do companheiro, uns panos que lhes deram um pouco de alívio.

³Pouco tempo depois, terminada um dia a oração, dirige-se ao companheiro em transportes de alegria: ⁴«Tenho obrigação de ser modelo e exemplo de todos os frades. Se bem que o meu corpo necessite da túnica remendada, devo pensar nos meus frades que passam por igual necessidade e não têm talvez com que a remendar. ⁵Devo, portanto, igualar-me a eles e sofrer as mesmas privações, para que eles, vendo isto, mais pacientemente as suportem».

⁶ Nós, que vivemos com ele, dificilmente poderíamos contar quantas e quais urgentes satisfações negou a seu corpo, no comer e no vestir, para dar a seus frades o bom exemplo e estimulá-los a suportar com a maior paciência as suas privações. ⁷E, depois que os frades cresceram em número e ele renunciou ao governo da Ordem, tornou-se ainda maior esta preocupação do bem-aventurado Francisco de os ensinar, então mais com o comportamento do que com a palavra, no que deviam fazer ou evitar.

«Diz-me, quem fundou a Ordem dos frades»

86. ¹Ouvindo um dia dizer que alguns andavam a dar escândalo na Ordem, e que os frades arrefeciam do primitivo fervor da perfeição, desabafou assim na oração, ²com o coração trespassado de dor: «Senhor, recomendo-te a família que tu me deste».

³E o Senhor respondeu-lhe: «Diz-me cá! Porque te afliges assim, quando um frade abandona a Ordem, ou aparecem alguns que não seguem o caminho que te mostrei? ⁴Diz-me lá ainda: quem plantou a Ordem dos frades? Quem converte o homem à penitência que se faz na mesma Ordem? Quem lhe dá a virtude da perseverança? Não sou eu, porventura?»

⁵E foi-lhe dito em espírito: «Não foi por seres homem letrado e eloquente que te escolhi para guarda da minha família, mas por seres um homem simples; ⁶para que saibas, tu e os outros, que sou Eu quem vela pelo meu rebanho. Coloquei-te no meio deles como um sinal, para que as obras que opero em ti, eles as vejam e as cumpram também.

⁷Aqueles que seguem o meu caminho têm-me a Mim e possuirão ainda outras coisas; mas aos que se afastam dele, ser-lhes-á

tirado o que julgam possuir. ⁸Por isso te digo, que não te entristeças assim; faz o que tens a fazer; aplica-te à tua obra; porque a Ordem dos frades plantei-a Eu em caridade perpétua.

⁹Saibas que tenho tanto amor a esta Ordem que, se um dos frades a abandonar e morrer fora dela, mandarei outro que em seu lugar receba a coroa que lhe era destinada; e se não for nascido, fá-lo-ei nascer. ¹⁰E para te mostrar até onde chega o meu amor pela vida e Ordem dos frades, mais te digo: supõe que em toda a Ordem não ficam mais que três frades; nem assim os abandonarei jamais».

87. ¹Com tais palavras colheu o bem-aventurado Francisco consolação de espírito, porque não era pequena a desolação em que andava, por causa dos maus exemplos de que lhe iam chegando notícias. ²Daí em diante, quando tomava conhecimento de algum escândalo, se bem que não conseguisse de todo vencer a tentação da tristeza, evocava as palavras consoladoras do Senhor, e falava delas em conversa com seus companheiros.

³Frequentemente dizia o bem-aventurado Francisco nos Capítulos e instruções a seus frades: «Eu obriguei-me com juramento e resolvi-me observar a Regra; do mesmo modo, todos os frades se obrigaram também. ⁴Portanto, desde que deixei o governo dos frades, aliás por causa das minhas enfermidades e para maior bem da minha alma e da deles, não tenho para com eles outra obrigação, senão a de dar exemplo. ⁵Isto me ensinou o Senhor e o tenho por certo: ainda que a doença não me obrigasse a renunciar, a melhor ajuda que posso dar à Ordem é a minha entrega à oração contínua, pedindo ao Senhor que a governa, conserve, proteja e a defenda. ⁶Nisto me comprometi perante o Senhor e os irmãos, a saber: que, se por meu mau exemplo algum deles se perde, terei de dar contas ao Senhor».

⁷Por vezes, quando lhe pediam que intervisse no governo da Ordem, ele respondia: ⁸«Os frades têm a Regra. Mais: prometeram-na em juramento. Para que eles não tenham desculpa, também eu prometi diante deles observá-la, quando aprouve ao Senhor fazer-me Superior deles; e quero continuar a observar, até ao fim da minha vida. ⁹Portanto, sabendo os meus frades o que devem fazer e evitar, nada mais me resta senão pregar-lhes com o exemplo, porque para isto lhes fui dado, na vida e depois da morte».

Envergonhava-se quando encontrava alguém mais pobre do que ele

88. ¹ Andando certo dia a pregar por uma província, encontrou-se com um pobre. Impressionado com a sua extrema pobreza, disse ao companheiro: ² «Muito nos confunde a miséria deste homem, e muito tem a dizer à nossa pobreza».

— ³ «Porquê, Irmão?», perguntou o companheiro.

— ⁴ «Sinto uma vergonha enorme, quando encontro alguém mais pobre do que eu, porque eu escolhi a santa pobreza para minha senhora e para minha delícia e riqueza espiritual e corporal; ⁵ e por toda a parte se diz que eu professo a pobreza diante de Deus e dos homens. ⁶ Devo corar de vergonha, quando encontro outro mais pobre do que eu».

Como corrigiu um frade que julgou mal de um pobre

89. ¹ Tendo ido o bem-aventurado Francisco a um eremitério dos frades, perto de Roccabrizia, para pregar ao povo da região, no mesmo dia em que ia falar ao povo, veio ao seu encontro um homem pobre e enfermo. ² Deteve-se o Santo a considerar, como-vi-do, a pouca saúde e indigência daquele pobre, e disto falou ao companheiro, cheio de pena.

³ Disse-lhe então o companheiro: «Certo é que ele é pobre, mas, talvez não haja em toda a província outro mais rico do que ele em ganância». ⁴ Logo o repreendeu o bem-aventurado Francisco por ter falado mal do pobre; e o Irmão confessou a sua culpa. Perguntou-lhe o bem-aventurado Francisco:

— «Queres fazer a penitência que te vou indicar?»

— «Da melhor vontade», respondeu o companheiro.

— ⁵ «Então despe a tua túnica, e vai assim, nu, prostrar-te aos pés daquele pobre, a quem dirás como pecaste contra ele, difamando-o; ⁶ e vais também pedir-lhe que interceda por ti a Deus para que Deus te perdoe». ⁷ O Irmão foi cumprir tudo o que o Santo lhe ordenou. Depois ergueu-se, vestiu a túnica e voltou para junto dele.

⁸ O bem-aventurado Francisco disse-lhe mais: «Queres que te diga a maneira como pecaste contra este pobre, ou antes, contra o

próprio Cristo? ⁹Quando tu vês um pobre, tens que pensar n'aquele, em nome do qual ele vem, ou seja, Cristo, que assumiu a nossa pobreza e a nossa enfermidade. ¹⁰A pobreza e enfermidade deste homem são como um espelho, onde devemos ver e considerar com respeito a pobreza e enfermidade que Nosso Senhor Jesus Cristo suportou para salvação do género humano».

A conversão dos ladrões de Borgo San Sepolcro

90. ¹Num eremitério que ficava acima de Borgo San Sepolcro, houve um tempo em que os ladrões vinham de vez em quando pedir pão aos frades.

²Viviam eles escondidos nos densos bosques da região, donde saíam para saquear e assaltar aos viandantes. ³Alguns frades murmuravam: «Não está certo que estejamos a dar esmola a esta casta de ladrões, que tanto mal fazem neste mundo». ⁴Havia outros frades que se deixavam comover pela humildade com que os ladrões pediam o pão, e pela evidente necessidade; e lá iam dando a esmola, sem deixar de lhes recomendar que mudassem de vida.

⁵Entretanto chegou ali o bem-aventurado Francisco, a quem os frades perguntaram se podiam continuar a dar-lhes o pão. ⁶Respondeu o Santo: «Se fizerdes como vos vou dizer, espero que ganhareis as suas almas. ⁷Ide procurar pão, do bom; e vinho, do melhor. Levai tudo convosco lá aos esconderijos da floresta, onde sabeis que eles estão refugiados. ⁸Chegando perto, gritai com força: “Irmãos ladrões, vinde cá. Nós somos irmãos e trazemo-vos bom vinho!” ⁹Eles hão-de acudir logo à vossa chamada. Vós então estendeis uma toalha no chão, sobre a qual pondeis o pão e o vinho. Com humildade e alegria haveis de servi-los, enquanto comerem. ¹⁰Depois de comerem, haveis de falar-lhes do Senhor e, à despedida, fareis este primeiro pedido: que, por amor de Deus, vos prometam não bater nem fazer mal a pessoa alguma. É que, se pedis tudo ao mesmo tempo, não vos darão ouvidos; ¹¹mas, em atenção à vossa caridade e humildade, eles vão prometer-vos. ¹²No dia seguinte fareis a mesma coisa; e como recompensa da promessa anterior que fizeram, além do pão e vinho, levareis também ovos e queijo, que lhes servireis, enquanto comem. ¹³Quando acabarem de comer, dizei-lhes: “Porque ficais aqui todo o dia a morrer de

fome, a sofrer tanto, e em desejo e em acções, fazeis sofrer os outros, perdendo as vossas almas, se vos não converterdes? ¹⁴ Seria para vós muito melhor que vos entregásseis ao serviço do Senhor, que vos dará neste mundo o necessário para o corpo; e por fim, salvará as vossas almas”. ¹⁵ E o Senhor, na sua misericórdia, os inspirará à conversão, pela caridade e humildade com que os tratardes».

¹⁶ Foram, pois, os frades e fizeram tudo o que o bem-aventurado Francisco lhes recomendou. ¹⁷ E os ladrões, por misericórdia e graça de Deus, ouviram e cumpriram à letra, ponto por ponto, todos os pedidos que os frades lhes fizeram.

¹⁸ Impressionados com a cordialidade e caridade dos frades, começaram até a carregar lenha para o eremitério, onde alguns deles, por graça de Deus, merecida com aquela familiaridade e caridade, deram entrada na Ordem; ¹⁹ outros converteram-se à penitência, jurando nas mãos dos frades, que não voltariam aos antigos crimes, mas que, de futuro, iam viver do trabalho de seus braços.

²⁰ Os frades, e quantos ouviram contar o sucedido, ficaram surpreendidos e admirados com a santidade do bem-aventurado Francisco, e da rápida conversão, por ele predita, destes homens sem fé nem lei.

Como desmascarou a impostura de um frade tido por santo

91. ¹ Havia um frade que levava uma vida toda santa e exemplar: dava-se à oração de dia e de noite; guardava tão rigoroso silêncio que, quando se confessava a um Irmão sacerdote, era só por sinais que o fazia, sem dizer uma palavra. ² Parecia tão devoto e fervoroso no amor de Deus que, quando se encontrava no meio dos Irmãos, mesmo sem falar, mostrava tal alegria interior e exterior, ao ouvir qualquer discurso piedoso, que a todos, frades e estranhos, atraía ao amor divino. E todos, de bom grado, o tinham por santo.

³ Levava já anos nesta prática, quando chegou o bem-aventurado Francisco ao convento onde ele estava. Ponderando o caso, disse aos Irmãos: «Olhem que isto não passa de tentação diabólica, e artimanha para se furtar à confissão dos pecados».

⁴ Chegou também a este convento o Ministro Geral para se encontrar com o bem-aventurado Francisco, e entrou logo nos habituais elogios do dito frade. ⁵ Disse-lhe o Santo: «Acredita, Irmão, este foi enganado e possuído do demónio». Retorquiu o Ministro:

– ⁶ «Muito me admira, e parece-me incrível, que um homem com tão evidentes sinais e obras de santidade tenha chegado ao que dizes».

– ⁷ «Põe-o à prova, insistiu o bem-aventurado Francisco, e diz-lhe que se confesse uma ou duas vezes por semana. Se não te obedecer, saibas que é verdade tudo o que te digo».

⁸ O Ministro Geral, na primeira oportunidade, em conversa com o mesmo frade, recomendou-lhe: «Irmão, mando-te que te confesses duas vezes, ou ao menos uma vez por semana». ⁹ O frade levou o dedo aos lábios, e, por sinais de cabeça fez sinal que não aceitava a imposição. ¹⁰ O Ministro não insistiu para evitar o escândalo. Passados poucos dias, aquele frade saiu espontaneamente da Ordem e vestiu de novo as roupas do mundo, para onde voltou.

¹¹ Um dia, dois companheiros do bem-aventurado Francisco encontraram pelo caminho este homem, que ia só, como pobríssimo peregrino. ¹² Compadecidos para com ele, disseram: «Ó infeliz, onde está a vida santa e simples que levavas? Recusavas-te encontrar com teus Irmãos, nem lhes falavas, gostavas tanto da solidão; ¹² e agora andas por aí vagabundo, como homem esquecido de Deus e dos seus servos!»

¹³ Ele então começou a falar com eles, proferindo blasfémias, como os seculares. ¹⁴ Disseram-lhe os frades: «Ó desgraçado, porque blasfemas como um mundano, tu que dantes, na Ordem, não só te abstinhas da conversa ociosa como da edificante?» Respondeu ele: «É o que tem de ser!»

¹⁵ E assim o deixaram. Poucos dias depois, morreu naquele estado. ¹⁶ Os frades e outras pessoas, ficaram muito admiradas, pensando na santidade do bem-aventurado Francisco, que predisse a sua queda, quando os frades e os outros o tinham por santo.

Perseguições diabólicas e consolações

92. ¹ Uma vez o bem-aventurado Francisco foi a Roma em visita ao Cardeal Hugolino, Bispo de Óstia, que mais tarde foi Papa,

com quem se demorou alguns dias. ² Daí, foi visitar o Cardeal Leão de Santa Cruz, homem muito acolhedor e cortês, que dispensava ao bem-aventurado Francisco especial estima e veneração. ³ Insistiu, com grande devoção, que ficasse alguns dias com ele, pois era Inverno, o frio insuportável, e a ventania e chuva quase diárias, como acontece nesta estação.

⁴ «Irmão, disse o Cardeal, com este tempo não te metas ao caminho. Espera aqui uns dias, até que ele amaine. Costumo dar de comer todos os dias a alguns pobres, e tu tomarás o lugar dum deles». ⁵ O Cardeal falava assim, porque sabia que o Santo queria ser sempre recebido como pobrezinho, onde quer que se lhe oferecesse hospitalidade, não obstante ser de tanta santidade que, tanto o Papa e Cardeais, como os grandes deste mundo que o conheciam, o veneravam como santo.

⁶ O Senhor Cardeal continuou: «Dou-te uma casa a teu gosto, retirada, onde poderás comer e rezar à tua vontade». Estava com o Senhor Cardeal Frei Ângelo Tancredo, um dos doze primeiros frades, que disse ao bem-aventurado Francisco: «Aqui perto, na muralha da cidade, há uma torre alta e espaçosa, com nove quartos, onde poderás ficar tão isolado como num ermo».

– ⁷ «Vamos lá vê-la», disse o bem-aventurado Francisco.

Agradou-lhe o lugar, e veio dizer ao Senhor Cardeal:

– «Senhor, sou capaz de ficar aqui alguns dias convosco».

A proposta deu grande satisfação ao Senhor Cardeal.

⁸ Frei Ângelo tratou de preparar o lugar, de maneira que o bem-aventurado Francisco e seu companheiro lá pudessem ficar, de dia e de noite; porque o Santo não queria sair de lá, enquanto fosse hóspede do Senhor Cardeal. Frei Ângelo prontificou-se a levar-lhes a comida, que deixava à porta, porque nem ele nem outra pessoa deviam lá entrar. Acomodou-se o bem-aventurado Francisco naquela torre, com o seu companheiro.

⁹ Na primeira noite em que ele começava a dormir, caíram em cima dele os demónios e fustigaram-no impiedosamente. Chamou pelo companheiro, que estava num quarto afastado: «Irmão, acode-me». Este apressou-se a ir ver o que se passava. ¹¹ Contou-lhe o bem-aventurado Francisco: «Muito me bateram os demónios, Irmão. Quero, portanto, que estejas aqui ao pé de mim, porque tenho medo de ficar só». ¹² Lá ficou o companheiro com ele, toda a

noite, pois o bem-aventurado Francisco tremia como homem atacado de febres; e ambos passaram o resto da noite em claro.

¹³ Perguntava o bem-aventurado Francisco ao seu companheiro: «Porque me bateram os demónios, e porque receberam do Senhor poder para me castigar?» Ele mesmo deu a resposta:

¹⁴ «Os demónios são os esbirros de Nosso Senhor. Assim como o soberano manda os seus oficiais de Justiça castigar os delinquentes, também o Senhor corrige e castiga aqueles que ama, por meio dos seus esbirros, os demónios, que são seus servos neste ofício de castigar e corrigir. ¹⁵ O religioso, ainda que perfeito, peca muitas vezes por ignorância. Ao ignorante do seu pecado, castiga o Senhor por meio do demónio, para que o castigo o leve a compreender e considerar atentamente, em si e fora de si, aquilo em que se encontra culpado. Àqueles que o Senhor ama com ternura, nada fica impune, na presente vida.

¹⁶ Eu, por misericórdia e graça do Senhor, não encontro falta alguma de que me não tenha purificado pela confissão e pela santificação. Mais ainda, o próprio Senhor, na sua bondade, me revelou na oração tudo o que Lhe agrada e o que Lhe desagrada. ¹⁷ Talvez, penso eu, o Senhor me tenha castigado por mão de seus esbirros, porque, se o senhor Cardeal foi bom para comigo, e meu corpo precisa do agasalho oferecido e eu o posso aceitar com boa consciência; ¹⁸ meus frades, todavia, andam por esse mundo, afrontando a fome e muitas privações, e outros vivem em pobrezinhas moradas e eremitérios. É possível que murmurem contra mim, dizendo: “Enquanto nós temos que suportar tão grandes privações, tem ele os seus regalos”.

¹⁹ A minha obrigação é dar-lhes o bom exemplo. Para isso lhes fui dado. Aproveitam muito mais os frades, quando estou com eles nos conventos pobres; aceitam com mais paciência as suas tribulações, quando lhes consta e sabem que eu também as suporto».

²⁰ O bem-aventurado Francisco, se bem que sempre doente – já no mundo era de natureza frágil e enfermo, e depois, até à hora da morte, cada vez estava mais achacado – queria, no entanto, dar bom exemplo a seus frades e eliminar qualquer pretexto de murmuração, para que os frades não pudessem dizer: «Ele tem tudo o que precisa, e nós não».

²¹Quer enfermo, quer com saúde, quis submeter-se a tão grandes privações, que se os frades as conhecessem como nós, que vivemos longo tempo com ele, até ao dia da morte, e as quisessem trazer à memória, não poderiam sustentar as lágrimas, e suportariam com mais paciência as suas provas e necessidades.

²²De manhã cedo, o bem-aventurado Francisco abandonou a torre e foi ao encontro do senhor Cardeal, a quem narrou tudo o que lhe acontecera, e a conversa que teve com o seu companheiro. E acrescentou: «Os homens têm em mim grande confiança e têm-me na conta de santo, mas vede como os demónios acabam de me expulsar do meu cárcere!» Ele, de facto, queria ficar retirado nesta torre, como num cárcere, sem falar a ninguém, a não ser ao companheiro.

²³O senhor Cardeal ficou muito contente por se encontrar com ele de novo, mas, pela grande estima que lhe tinha, não o quis contrariar, quando se recusou a permanecer ali mais tempo. O bem-aventurado Francisco fez as suas despedidas e voltou para o convento, em Fonte Colombo, perto de Rieti.

Visão do Serafim alado no Monte Alverne

93. ¹Quando o bem-aventurado Francisco foi um dia de visita ao eremitério do Monte Alverne ⁵⁵, agradou-lhe tanto o lugar, pelo seu isolamento, que decidiu fazer ali uma quaresma em honra de S. Miguel.

²Tinham feito a viagem antes da festa da Assunção da gloriosa Virgem Maria. Contou os dias entre a festa da Assunção e a de S. Miguel; e eram quarenta dias. ³Disse então: «Para honra de Deus, da Bem-aventurada Virgem Maria e de S. Miguel, príncipe dos anjos e das almas, quero fazer aqui uma quaresma».

⁴Entrando na cela que ia ocupar durante esse tempo, na primeira noite pediu ao Senhor que lhe mostrasse por um sinal, se era da Sua vontade que ali continuasse. ⁵Tinha o bem-aventurado Francisco por costume, quando procurava lugar isolado onde permanecer algum tempo para orar, ou antes de sair para a pregação,

⁵⁵ Pelo que se diz a seguir, pode concluir-se que esta ida ao Monte Alverne foi pela Quaresma de S. Miguel de 1224, durante a qual recebeu os estigmas.

procurar saber qual era a vontade de Deus, a fim de fazer só o que fosse do Seu agrado. ⁶É que por vezes, não tinha a certeza se, ao retirar-se em oração, estava a dar repouso ao corpo e a furtar-se ao trabalho da pregação, pelo qual Cristo desceu a este mundo. ⁷Pedia, então, àqueles que lhe pareciam amigos de Deus que rezassem ao Senhor, para lhe dar a conhecer a Sua vontade: se devia ir pelo mundo pregando ou se, às vezes, devia retirar-se a algum ermo para orar.

⁸Ao romper de alba da manhã seguinte, estando ele ainda em oração, eis que um bando de aves, de diferentes espécies, veio pousar em cima da cela em que se encontrava. ⁹Mas não vieram todas ao mesmo tempo. Primeiro vinha uma, fazia ouvir o seu gorjeio e levantava voo; depois, outra e outra, até à última. ¹⁰O bem-aventurado Francisco estava verdadeiramente admirado e consolado. ¹¹Interrogando-se acerca do significado desta visita, ouviu em espírito a resposta do Senhor: ¹²«Aí tens o sinal de que Deus te concederá abundantes graças e consolações nesta cela».

Assim foi realmente. Entre muitas outras graças, ocultas e manifestas, que o Senhor lhe concedeu, sobressai aquela visão do Serafim, que lhe encheu a alma de consolação e o uniu estreitamente a Deus, para o resto da vida. ¹³Quando o seu companheiro lhe foi levar a comida naquele dia, contou-lhe o que se tinha passado.

Mas ele não teve só consolações nesta cela; os demónios fizeram-no passar por múltiplas tribulações durante a noite, conforme explicou ao companheiro. ¹⁴Um dia desabafou: «Se os frades soubessem tudo o que os demónios me fazem sofrer, nem um deles deixaria de sentir a maior compaixão e piedade de mim».

¹⁵Por causa destas perseguições, conforme disse aos seus companheiros, nem sempre podia estar à disposição de seus frades nem mostrar-lhe aquela intimidade familiar que eles desejavam.

O episódio da almofada de penas em Greccio

94. ¹Certa ocasião, estava o bem-aventurado Francisco no eremitério de Greccio. ²Para a oração, permanecia, dia e noite, naquela cela ao fundo, depois da cela grande. Uma noite, ao primeiro sono, chamou o companheiro que ocupava a cela grande e

mais antiga. ³Levantou-se este, e veio à porta da cela onde estava o bem-aventurado Francisco, que lhe disse: ⁴«Irmão, esta noite nem consigo dormir nem ficar de pé para a oração, porque sinto tonturas de cabeça e as pernas a tremerem, como se tivesse comido pão de joio».

⁵O companheiro procurava consolá-lo como podia. Disse-lhe então o Santo: ⁶«Desconfio que o demónio se meteu naquela almofada que tive debaixo da minha cabeça». ⁷De facto, na véspera, o senhor João de Greccio, a quem o Santo muito estimava, manifestando-lhe durante toda a vida particular afecto, tinha-lhe arranjado uma almofada de penas. ⁸O bem-aventurado Francisco, depois de ter abandonado o mundo, nunca mais quis dormir em colchão, nem ter à cabeceira almofada de penas. Mas, naquela circunstância, os Irmãos obrigaram-no a aceitar, embora contrariado, devido à gravidade da doença dos olhos. Pegou então na almofada e atirou-a aos pés do companheiro.

⁹Este levantou-a do chão com a mão direita, traçou o braço e segurou-a sobre o ombro esquerdo, pondo-se a caminho da sua cela. ¹⁰De repente, perdeu a fala, sem poder sair do mesmo lugar, nem mexer perna ou braço, nem sequer largar a almofada. Era uma estátua, de pé, sem dar acordo de si nem do que se passava em redor. ¹¹Assim esteve por mais de uma hora, até que, por misericórdia de Deus, o bem-aventurado Francisco o chamou. ¹²Veio logo a si, atirando a almofada para trás das costas; e voltou para junto do bem-aventurado Francisco, contando-lhe o que lhe tinha acontecido.

¹³Disse-lhe o Santo: «Esta noite, quando estava a rezar completas, percebi que o demónio estava a entrar na minha cela».

¹⁴Convenceu-se então que fora de facto o demónio que o tinha impedido de dormir e de estar de pé, para a oração. ¹⁵E acrescentou: «O demónio é deveras subtil e manhoso. Vendo que, por misericórdia e graça de Deus, não me pode fazer mal à alma, ataca-me o corpo, impedindo-me de dormir e de estar de pé para orar; e assim quer privar-me da alegria e fervor do meu coração, para me obrigar a murmurar contra a minha doença».

Dignidade na recitação do ofício

95. ¹Por longos anos o bem-aventurado Francisco sofreu do estômago, baço, fígado e dos olhos. Mas era tanta a sua devoção e orava com tal respeito, que, durante a oração, nunca se encostava à parede, nem a outro apoio; ²ficava sempre de pé, de cabeça descoberta, ou então de joelhos; e note-se que a maior parte do dia e da noite passava-a em oração. ³Quando viajava a pé pelo mundo, quedava-se no caminho para a recitação das horas; se tinha de cavalgar por causa das suas doenças, desmontava sempre da cavalgadura para rezar o Ofício.

⁴Quando deixou Roma, a saber: depois de passar alguns dias com o Cardeal Leão, logo ao sair da cidade apanhou um dia inteiro de chuva. ⁵Ia a cavalo, por causa da fraqueza; mas desceu e rezou as horas canônicas de pé, ao lado da estrada, sem se importar com a chuva, que continuava a cair, e de estar todo encharcado.

⁶«Se o corpo, dizia ele, gosta de paz e sossego para tomar o seu alimento, que com ele se transformará em pasto de vermes, qual não deve ser a paz e sossego que a alma deve ter ao tomar o seu alimento, que é Deus mesmo!»

O irmão corpo

96. ¹Dizia mais: «O demônio rejubila quando consegue extinguir ou impedir no coração do servo de Deus a alegria e a devoção, nascidas da oração pura ou de outras boas obras. ²Se o demônio consegue do servo de Deus uma pequenina concessão, e este não sabe livrar-se dela pela contrição, confissão e satisfação de obra, de um cabelo fará uma trave, juntando cedência atrás de cedência.

³No comer, no dormir e outras necessidades do corpo, deve o servo de Deus ser discreto, para que o Irmão corpo não recalcite, dizendo: ⁴“Não consigo manter-me de pé, nem dedicar-me à oração por muito tempo, nem manter a alegria nas minhas tribulações, nem fazer outras boas obras, porque tu não me dás o que necessito!”

⁵Se, ao contrário, o servo de Deus provê com discrição às necessidades do seu corpo, guardando a justa medida, ⁶e todavia o irmão corpo se mostra preguiçoso, negligente ou sonolento na

oração, nas vigílias ou outras boas obras espirituais, deve então castigá-lo, como a animal viciado e preguiçoso, que quer comer, mas se recusa a trabalhar e a levar a sua carga.

⁷E se, por falta de meios, ao irmão corpo, doente ou são, é negado provimento às suas necessidades, ainda que apresentadas de boa maneira ao superior, por amor de Deus, então que o irmão corpo suporte pacientemente as privações, por amor de Deus. Ele as tomará à conta de martírio. ⁸Tendo o religioso feito o que de si depende, expondo a sua situação, não se pode considerar culpado, mesmo quando a saúde sofre grave prejuízo».

A santa alegria

97. ¹Desde o princípio da sua conversão até ao dia da morte, o bem-aventurado Francisco, embora sempre muito severo para com seu corpo, numa coisa punha o máximo cuidado: em possuir e conservar, no corpo e na alma, a santa alegria. ²Dizia ele que, se o servo de Deus se empenhasse em possuir e conservar a alegria interior e exterior, que procede da pureza do coração, os demónios não lhe fariam mal algum, obrigados a reconhecer: ³«Uma vez que este servo de Deus conserva a mesma alegria na tribulação e na prosperidade, nós não descobrimos brecha por onde entrar nele e fazer-lhe mal».

⁴Um dia, repreendeu um dos seus companheiros, que se apresentava com ar triste e de semblante carregado: ⁵«Porque mostras assim a tua tristeza e a dor dos teus pecados? Isso é assunto entre ti e Deus. Pede-Lhe, por sua misericórdia, que te restitua a alegria da salvação. ⁶Diante de mim e dos outros, trata de te mostrar sempre alegre, porque não convém ao servo de Deus aparecer diante dos Irmãos, ou dos outros, de cara triste e enjoada».

⁷Também dizia: «Sei que os demónios me têm inveja, por causa de todas as graças que o Senhor, na sua bondade, me tem feito. ⁸Como não me podem prejudicar a mim, tentam fazê-lo a meus companheiros. Mas, se nem comigo nem com meus companheiros conseguem os seus intentos, fogem cheios de confusão.

⁹Por outro lado, se me acontece ser tentado pelo abatimento, basta-

-me contemplar a alegria de um companheiro, para, da tentação e da tristeza, passar à alegria interior»⁵⁶.

Profecia da sua glorificação futura

98. ¹Um dia, quando o bem-aventurado Francisco se encontrava retido no leito pela enfermidade, no palácio do Bispo de Assis, um Irmão, homem espiritual e de muita virtude, disse-lhe a rir e como de brincadeira: ²«Por quanto vais vender os teus farrapos ao Senhor? Baldaquinos e preciosos panos de seda se hão-de pôr sobre este teu corpo, embrulhado agora em panos de saco!» ³O bem-aventurado Francisco usava então um forro de peles, por causa da enfermidade, debaixo do hábito de pano grosseiro. ⁴O Santo, ou antes, o Espírito Santo falando por sua boca, respondeu: «Tu dizes bem, porque assim será».

Bênção à cidade de Assis

99. ¹Estando ainda naquele palácio, o bem-aventurado Francisco, ao ver que a sua doença se agravava, pediu que o transportassem de maca para Santa Maria da Porciúncula. Já não conseguia cavalgar, devido à prostração a que o levava a cruel doença. ²Tendo os seus portadores seguido o caminho que passava junto ao hospital ⁵⁷, ³pediu que aí pousassem a maca, e o colocassem com o rosto voltado para a cidade de Assis, que ele não conseguia ver, devido à prolongada e cruel doença dos olhos.

⁴Então ergueu-se um pouco e abençoou a cidade, dizendo: «Senhor, penso que outrora esta cidade deu abrigo e morada a gente malvada e iníqua, mal afamada em todas as províncias. ⁵Mas agora vejo que, pela tua infinita misericórdia, no tempo por Ti

⁵⁶ Termina aqui a secção CDE. Os números seguintes pertencem à secção A, que Delorme transpôs para depois da secção CDE, como se disse na introdução. Com Delorme omitimos também quatro parágrafos da secção A (n. 1, 2, 3 e 19 da ed. de Bigaroni) por serem puras transcrições da 2C. Pelo mesmo motivo, omitimos também toda a secção B (n. 23-49 da ed. de BIGARONI).

⁵⁷ Este hospital, dito de S. Salvatore delle Pareti, ficava na estrada entre Assis e Santa Maria dos Anjos. O local está hoje assinalado com uma lápide que reproduz a bênção de S. Francisco.

escolhido, manifestaste a esta cidade as riquezas do Teu amor; ela transformou-se na morada daqueles que Te devem conhecer e dar glória ao Teu nome, e espalhar em todo o povo cristão o perfume de uma vida pura, da boa doutrina e da boa reputação. ⁶Peço-Te, Senhor Jesus Cristo, Pai de misericórdia, que não olhes à nossa ingratidão, mas Te lembres do amor infinito que dispensaste a esta cidade. Seja ela para sempre morada e habitação de gente que Te conheça, e glorifique o Teu nome bendito e glorioso, pelos séculos dos séculos. Ámen».

⁷ Ditas estas palavras, levaram-no para Santa Maria da Porciúncula.

A Irmã Morte

100. ¹Desde o dia da sua conversão até à hora da morte⁵⁸, o bem-aventurado Francisco, tanto na saúde como na doença, cuidou sempre de conhecer e cumprir a vontade do Senhor.

²Um dia, disse-lhe um Irmão: «Pai, a tua vida e a tua conduta são luz e espelho não só para teus frades, como para toda a Igreja de Deus; e assim será também a tua morte. ³Ainda que para os teus frades, e para muitos outros, seja ela motivo de amargura e tristeza grande, para ti, no entanto, vai ser a maior consolação e gozo infinito, porque passarás do muito trabalho, ao descanso sem fim; ⁴das maiores dores e tentações, ao prazer que não acaba; da tua austera pobreza, que fielmente ateaste sempre desde o dia da tua conversão até à morte, à máxima, verdadeira e eterna riqueza; da morte temporal, à vida imortal, onde verás para sempre, face a face, o teu Senhor, que neste mundo meditaste com tanto fervor, desejo e amor».

⁵E continuou, falando abertamente: «Pai, podes estar certo que, se o Senhor não mandar do Céu o remédio, a tua enfermidade é incurável e pouco tempo tens de vida, segundo o parecer dos

⁵⁸ De que doença morreu S. Francisco? Sabemos que sofria de muitas. Ciancarelli, no estudo (*Francisco di Pietro Bernardone malato e santo*, Firenze 1972) é de opinião que a crise final foi determinada sobretudo pelo estado de des-nutrição.

médicos. ⁶O que te digo, é para conforto do teu espírito, para que te alegres, interior e exteriormente; e, para que os teus frades e os que te vierem visitar, te encontrem na alegria de Deus. ⁷Seja a tua morte para eles, e para quantos o venham a saber, o mesmo exemplo que tem sido a tua vida e o teu comportamento».

⁸O bem-aventurado Francisco, não obstante a fraqueza causada pela enfermidade, começou a louvar o Senhor com toda a alma e com visível alegria, respondendo ao Irmão: ⁹«Se a minha morte está para breve, digam a Frei Ângelo e a Frei Leão que me venham cantar a visita da Irmã Morte». ¹⁰Vieram estes dois Irmãos e, com muitas lágrimas, cantaram o cântico do irmão Sol e das outras criaturas, que o próprio Santo compusera, já enfermo, em louvor do Senhor, e para consolação da sua alma e dos outros. ¹¹Ao dito cântico juntou, antes da última estrofe, a da irmã morte, assim:

¹² «Louvado sejas, meu Senhor,
Pela Irmã Morte corporal,
À qual nenhum vivente pode escapar.
Feliz o que ela encontra cumprindo tua vontade;
Porque a morte segunda não lhe pode fazer mal»⁵⁹.

Última visita de «Frei Jacoba»

101. ¹Um dia, o bem-aventurado Francisco chamou os seus companheiros e disse-lhes: «Vós sabeis como é afeiçoada a mim e à nossa Ordem a Senhora Jacoba de Settesoli ⁶⁰, e conheceis a sua

⁵⁹O Códice de Perúsia conserva o próprio original em italiano, que reproduzimos em nota:

Laudato sie, mio Signore, per sora nostra morte corporale,
Dalla quale nullomo vivente po scampare.
Quai ad quilli ke morirà neli pecati mortali.
Beati quilli ke trovarà neli toi sanctissime voluntade;
Ke lla morte seconda noli parà male.

⁶⁰ Jacoba, da família Normanni, casou com um patrício romano, Graciano A. Frangipani, conde de Marino e senhor de «Septizonium». Dele teve dois filhos: João e Graciano. Em 1217 estava já viúva. Depois de 1230 veio morar para Assis onde morreu em idade avançada. Está sepultada na cripta do Sacro Convento, junto

fê e devoção para connosco. ² Julgo, portanto, que se lhe fizerdes saber do meu estado, dar-lhe-eis gosto e conforto. Pedi-lhe sobretudo que vos mande o pano para uma túnica, daquele pano religioso, cinzento, que fazem os Cistercienses nas regiões de além-mar; ³ mande também daquele doce que me preparou tantas vezes, quando eu ia a Roma». ⁴ Os Romanos chamam a este doce «*mostacciolo*», feito de amêndoa, açúcar, ou mel, e outros ingredientes.

⁵ Era a Senhora Jacoba dama mui piedosa e viúva, das famílias mais nobres e mais ricas de Roma. Pelo mérito e pregação do bem-aventurado Francisco, tinha recebido de Deus tantas graças que parecia outra Maria Madalena, com o dom das lágrimas e da piedade.

⁶ Estava já escrita a carta, como recomendara o santo Pai, e andava um Irmão à procura de quem a pudesse levar, quando se ouviu bater à porta. ⁷ O Irmão que a foi abrir deu de caras com a Senhora Jacoba, que de Roma viera apressadamente, para ver o bem-aventurado Francisco. ⁸ Sem perda de tempo foi o Irmão avisar o Santo, que estava ali a Senhora Jacoba, com seu filho e numerosa comitiva para o visitar, perguntando: ⁹ «Pai, que vamos fazer? Vamos deixá-la entrar e trazê-la até aqui?»

¹⁰ Com efeito, por imposição do bem-aventurado Francisco, fora estatuído outrora naquele convento, que não seria permitida a entrada nele a mulher alguma, para se conservar nele o respeito e devoção. ¹¹ Respondeu o bem-aventurado Francisco: «Com esta Senhora, que movida de tão grande fê e piedade chega de longe, não se observa esta norma». ¹² Levada à presença do bem-aventurado Francisco, caiu em copioso pranto. Coisa maravilhosa de se ver foi que, tal como estava escrito na carta, ela trazia a mortalha de pano cinzento para a túnica, e tudo o mais. ¹³ Ao descobrirem isto, sentiam os frades crescer neles a admiração pela santidade do bem-aventurado Francisco ⁶¹.

ao túmulo de S. Francisco. Seu filho João, segundo Celano, foi uma das testemunhas no Processo de canonização do Poverello.

⁶¹ O texto tem *boni Francisci*, à letra do *bom Francisco*. Não aparecendo mais nenhuma vez esta expressão, somos levados a pensar que estes parágrafos sejam de autor diferente. De notar também que atrás se cita pela primeira vez o nome de Fr. Leão e Fr. Ângelo.

¹⁴ A Senhora Jacoba disse aos frades: «Irmãos, quando estava a rezar, foi-me dito em espírito: “Vai, sem perda de tempo, ver o teu Pai, o bem-aventurado Francisco; e apressa-te, porque se tardares, não o encontrarás vivo. ¹⁵Leva contigo tal espécie de pano e as coisas necessárias para fazer tal doce; também levarás abundante quantia de cera para as velas e incenso”».

¹⁶ O incenso não o mencionava o bem-aventurado Francisco na sua carta, mas o Senhor inspirou esta dama, para recompensa e consolação de sua alma; e para que mais conhecida fosse a grandeza daquele Santo que, pobre, Deus assim queria honrar na hora da morte. ¹⁷ Como inspirou os Magos a irem saudar com presentes o nascimento pobre de seu dilecto Filho, assim quis inspirar esta Senhora, para que de tão longe viesse venerar e honrar o santo corpo de Seu servo que, na vida e na morte, tão ardentemente amou e procurou imitar a pobreza de Seu Filho.

¹⁸ A Senhora Jacoba ainda preparou para o santo Pai os doces que ele queria. Mas, mal os provou, porque as forças do corpo iam declinando dia a dia, e a morte estava próxima. ¹⁹ Mandou também fazer muitas velas para arderem em torno do santo corpo após a sua morte. ²⁰ Com o tal pano, fizeram os Irmãos uma túnica com que foi sepultado. Ele tinha recomendado aos Irmãos que, por cima da túnica, cosessem pano de saco, em sinal e exemplo da santíssima humildade e pobreza.

²¹ E aconteceu que, conforme os desígnios de Deus, na semana em que veio a Senhora Jacoba, o bem-aventurado Francisco partiu para o Senhor.

Quer que seus frades se coloquem ao serviço dos leprosos em sinal de humildade e obediência

102. ¹ O bem-aventurado Francisco, desde o princípio da sua conversão, com a ajuda de Deus, como o homem sábio do Evangelho, fundou-se a si mesmo e fundou a sua casa, isto é, a Ordem, sobre a rocha firme da altíssima humildade e pobreza do Filho de Deus, pelo que, lhe deu o nome de Ordem dos Frades Menores.

² Sobre a mais profunda humildade: Por isso, desde o princípio, quando começou a crescer o número dos frades, quis que eles morassem nos hospitais dos leprosos, para os servirem.

³Nessa altura, quando chegavam postulantes, nobres ou plebeus, era-lhes dito que tinham de servir os leprosos e conviver com eles.

⁴Sobre a altíssima pobreza: Assim está escrito na Regra, que os frades devem habitar nas casas onde moram, como «estrangeiros e peregrinos», nada mais querendo ter debaixo do céu a não ser a santa pobreza, pela qual o Senhor os nutrirá com o alimento corporal e com a virtude aqui na terra, e obterão na vida futura o Céu como herança.

⁵Para ele próprio escolheu o sólido fundamento da perfeita humildade e pobreza. Embora se tornasse cada vez mais notado na Igreja de Deus, queria e procurava sempre fazer-se o mais desprezível de todos, não só na mesma Igreja como entre os frades.

Como se humilhou diante do Bispo de Terni

103. ¹Um dia estava a pregar ao povo de Terni, na praça em frente ao paço episcopal, na presença do próprio Bispo, homem prudente e de vida interior. ²Terminada a pregação, ergueu-se o Bispo, e entre outras coisas disse o seguinte: ³«O Senhor, desde que plantou e ergueu a sua Igreja, sempre a tem dotado de varões santos que a fazem crescer com a palavra e com o exemplo. ⁴Nestes nossos dias, ilustrou-a com este homem pobre, humilde e iletrado – e, com o dedo, apontava o bem-aventurado Francisco ao povo. Tendes, portanto, que amar e honrar o Senhor, fugindo do pecado, porque outro tanto não fez Ele a todas as nações».

⁵Acabando o Bispo de falar, desceu o bem-aventurado Francisco do lugar onde pregara, e entraram ambos na Catedral. ⁶Então o Santo inclinou-se perante o prelado e, prostrado, disse: ⁷«Na verdade vos digo, Senhor Bispo, que até agora ninguém me deu tanta honra neste mundo, quanta me destes hoje. De facto, os outros homens dizem: “Este é um santo!” atribuindo a glória e a santidade à criatura, e não ao Criador. ⁸Mas vós, homem prudente que sois, distinguistes bem o precioso do vil».

104. ¹O bem-aventurado Francisco, quando o incomodavam com honrarias e ditos de santidade, retorquia às vezes: «Olhem que eu ainda não estou seguro, se não virei a ter filhos e filhas!». ²E acrescentava: «No momento em que o Senhor me quiser tirar o

tesouro que me confiou, nada mais me resta do que o corpo e a alma, que também os infiéis têm. ³Estou bem certo de que se o Senhor tivesse contemplado a um ladrão ou a um infiel com tantos benefícios como o fez a mim, bem mais fiéis ao Senhor teriam sido eles do que eu».

⁴Também dizia: «Como num quadro do Senhor ou da Santíssima Virgem, pintado na madeira, lembramos e veneramos a Deus e a Santíssima Virgem, e a madeira e a pintura, nada atribuem a si, porque não são senão madeira e pintura; ⁵assim o servo de Deus, não é mais que um quadro, ou seja, criatura de Deus, em que Ele é honrado por causa dos Seus benefícios. O homem, como a madeira e a tinta do quadro, de nada se deve apropriar. ⁶A Deus só, a honra e a glória; para o homem, enquanto viver, a vergonha e a confusão, porque, enquanto viver traz consigo a carne, que é contrária à graça de Deus».

Renuncia ao governo da Ordem e quer obedecer sempre a um guardião

105. ¹No meio dos seus frades, quis o bem-aventurado Francisco ser sempre humilde. Para melhor salvaguardar esta virtude, poucos anos depois da sua conversão, durante um Capítulo Geral em Santa Maria da Porciúncula ⁶², renunciou ao governo da Ordem, dizendo perante todos os frades: ²«De hoje em diante estou morto para vós. Eis aqui Frei Pedro Catânio, a quem eu e todos vós obedeceremos». ³Começaram então os frades a lamentar-se, chorando copiosas lágrimas. ⁴Mas o bem-aventurado Francisco, inclinando-se perante Frei Pedro, prometeu-lhe obediência e reverência. Desde então, até à morte, sujeitou-se à obediência como qualquer dos outros frades.

106. ¹A mesma sujeição que professava ao Ministro Geral, tinha-a para com os Ministros Provinciais: quando morava em província diferente ou andava em pregação, colocava-se sob a obediência do respectivo Provincial. ²Mas, para maior perfeição e

⁶² Trata-se do Capítulo Geral celebrado em 29 de Setembro de 1220, depois do regresso de S. Francisco do Oriente.

humildade, disse um dia ao Ministro Geral, muito antes da sua morte: ³«Quero que delegates a tua autoridade num dos companheiros que vivam comigo, a quem eu obedeça como a ti mesmo. Porque, por causa do bem e do mérito da obediência, quero que, na vida e na morte, estejas sempre ao pé de mim».

⁴Desde então, teve sempre um companheiro por guardião, a quem obedecia como ao Ministro Geral. ⁵Disse até uma vez aos companheiros: «Esta graça, entre outras, me concedeu o Altíssimo: com a mesma diligência estou disposto a obedecer ao Irmão noviço que acaba de entrar na Ordem, se fosse meu guardião, como ao primeiro e mais antigo dos frades. ⁶É que o súbdito deve ver no superior, não o homem mas a Deus, por amor do qual se lhe submete». ⁷Dizia mais: «Se eu quisesse, não haveria superior mais temido e obedecido neste mundo de seus súbditos e Irmãos, como o Senhor me faria temer pelos meus; ⁸mas esta graça me concedeu o Altíssimo: de a todos me acomodar, como se fosse o menor de todos».

⁸Nós, que estivemos com ele, vimos bem como testemunhou com actos o que dizia de palavra. Se acontecia, por vezes, algum dos frades faltar-lhe no necessário ou dirigir-lhe alguma palavra, daquelas com que uma pessoa se escandaliza, recolhia-se em oração, e quando voltava, tudo esquecia e nunca dizia: ⁹«Tal Irmão foi negligente comigo ou dirigiu-me tal palavra».

¹⁰À medida que a morte se aproximava, mais solícito e cuidadoso se mostrava de como viver e morrer na total humildade e pobreza.

Última bênção a Frei Bernardo

107. ¹No dia em que a Senhora Jacoba fez aqueles doces para o bem-aventurado Francisco, lembrou-se ele de Frei Bernardo, dizendo: «Frei Bernardo é que devia gostar destes doces!» ²E mandou a um companheiro que o chamasse: «Vai, e diz a Frei Bernardo que venha cá». ³O Irmão foi logo à procura de Frei Bernardo e trouxe-o junto do Santo. ⁴Aí chegado, sentou-se ao lado do leito em que jazia o bem-aventurado Francisco, e disse: ⁵«Pai, peço-te que me abençoes e me dês assim um sinal do teu amor;

porque, penso eu, se me mostrasses o teu paternal afecto, também Deus e os outros Irmãos me hão-de amar».

⁶O bem-aventurado Francisco não conseguia vê-lo, porque já há dias perdera de todo a vista. Estendeu a mão direita e pousou-a sobre a cabeça de Frei Egídio, o terceiro dos primeiros Irmãos que entraram na Ordem e estava sentado ao lado de Frei Bernardo, pensando que a pousava na cabeça deste. ⁷Tacteando como um cego a cabeça de Fr. Egídio, por inspiração do Espírito Santo, deu logo conta, e disse: «Esta não é a cabeça do meu Frei Bernardo» ⁶³.

⁸Então, Frei Bernardo aproximou-se um pouco mais. O bem-aventurado Francisco, pondo-lhe a mão sobre a cabeça, abençoou-o. ⁹Depois disse a um dos companheiros: «Escreve como te digo: “O primeiro Irmão que o Senhor me deu foi Frei Bernardo, o primeiro que abraçou e cumpriu, à letra, a perfeição do Evangelho, distribuindo pelos pobres os bens e tudo o que tinha. ¹⁰Por isto e por muitos outros motivos, sinto-me obrigado a amá-lo mais que a todos os outros frades da Ordem. ¹¹Quero, portanto, e ordeno, quanto posso, que o Ministro Geral, quem quer que seja, o ame e o considere como a mim mesmo; que os outros Ministros Provinciais e os frades de toda a Ordem o considerem como se estivesse em meu lugar”». ¹²Foram estas palavras, para Frei Bernardo e para todos os que o acompanhavam, motivo de grande consolação» ⁶⁴.

⁶³ As *Florinhas* (Fl 4) contam também este episódio, mas, em vez de Fr. Egídio, colocam Fr. Elias, com a intenção clara de o denegrir, porquanto S. Francisco tê-lo-ia rejeitado e preferido Fr. Bernardo, como Isaac preferira Jacob rejeitando Esaú. Comparando as duas redacções vê-se bem que a *Legenda Perusina* está muito menos influenciada pelas lutas dos «Zelanti» contra a «Comunidade». Sobre uma visão mais objectiva sobre Fr. Elias, cf. POMPEI, A. ofmconv. Fr. *Elias de Assis y la Orden Franciscana en el 750 aniversario de su muerte*, in *Selecciones de Franciscanismo*, Vol. XXXII, Fasc. III, 2003.

⁶⁴ Os dois primeiros companheiros de S. Francisco foram Fr. Bernardo de Quintavalle e Fr. Pedro Catânio, que a ele se juntaram no dia 16 de Abril de 1209 (ou 1208). O terceiro foi Fr. Egídio ou Gil, que se converteu em 24 de Abril do mesmo ano. Era um jovem de Assis. Salimbene diz que a sua vida foi escrita por Fr. Leão, mas dela não restam senão alguns fragmentos na *Chronica XXIV Generallium OFM (Archivum Franciscanum Historicum t. III, 740)* e nos *Actus b. Francisci et Sociorum*. São famosos os seus *ditos*, recolhidos pelos seus companheiros. Morreu em 1262.

108. ¹Noutra ocasião, falando da extraordinária santidade de Frei Bernardo, o bem-aventurado Francisco predisse o seguinte, na presença de alguns Irmãos: ²«Digo-vos que Frei Bernardo irá ser experimentado por alguns dos maiores e mais subtis demónios, que o hão-de atribular com muitas tentações, ³mas o Senhor misericordioso, ao aproximar-se o seu fim, há-de tirá-lo de toda a tribulação e tentação interior e exterior, concedendo-lhe ao espírito e ao corpo tanta paz, descanso e consolação, que todos os frades que tal virem e ouvirem muito se hão-de admirar, e levarão isso à conta de milagre. ⁴Nesta paz, descanso e consolação vai ele passar deste mundo para o Senhor».

⁵Mais admirados ficaram os frades que isto ouviram do bem-aventurado Francisco, quando viram realizado à letra, ponto por ponto, o que ele predissera por inspiração do Espírito Santo. ⁶É que Frei Bernardo, na doença que o levou, andava com tanta paz e quietude de espírito, que não queria deitar-se; ⁷e, quando se deitava, ficava meio sentado no leito, com receio que os humores lhe subissem à cabeça, causando-lhe qualquer imaginação ou sonho que o desviasse do pensamento de Deus. ⁸Se tal acontecia, levantava-se logo, procurava vir a si e dizia: «Como foi isto? Porque é que estive a pensar nestas coisas?» Para o reanimar, davam-lhe a cheirar água de rosas. ⁹Mas, ao aproximar-se a morte, recusava este benefício, para estar sempre mergulhado em contínua meditação. Dizia a quem o tratava: «Não me perturbes».

¹⁰Para morrer mais tranquilo e em serena paz, confiou os cuidados do corpo a um Irmão que era médico e o tratava, dizendo: ¹¹«Não quero estar com a preocupação de comer e de beber; fica isso a teu cuidado. Se me deres, aceito; se não, não». ¹²Desde o dia em que caiu doente, queria ter um irmão sacerdote a seu lado, até à hora da morte. ¹³Quando lhe vinha ao pensamento algo de que a consciência o repreendesse, logo se confessava e acusava a sua culpa. ¹⁴Depois da morte, a sua carne tornou-se branca e macia, e com ar sorridente no rosto. ¹⁵Parecia agora mais belo do que em vida, e aos que o contemplavam, aprazia-lhes mais vê-lo assim morto, do que vivo, parecendo-lhes verem um santo a sorrir-lhes.

Antes de morrer envia uma carta a Santa Clara prometendo que ela ainda o veria

109. ¹Na semana do trespasse do bem-aventurado Francisco, a Irmã Clara, primeira plantazinha da segunda Ordem, abadessa das Irmãs Pobres do mosteiro de S. Damião de Assis, émula de São Francisco na contínua observância da pobreza do Filho de Deus, encontrava-se gravemente doente ⁶⁵. ²Receando morrer antes do bem-aventurado Francisco, chorava inconsolada por não poder ver mais uma vez o seu único Pai, depois de Deus, conforto do corpo e do espírito, o primeiro que a estabeleceu na graça de Deus.

³Por meio de um frade, deu a saber ao bem-aventurado Francisco a sua aflição, o qual, ao ouvir isto, ficou comovido, porque amava com amor paterno a ela e às Irmãs, pela vida santa que levavam; ⁴sobretudo, porque, poucos anos depois de começar a reunir frades, com a ajuda do Senhor, também ela se entregou a Deus, seguindo os seus conselhos. ⁵A sua conversão foi não só de grande exemplo para a Ordem, como também para toda a Igreja.

⁶O bem-aventurado Francisco, atendendo a que era impossível, de momento, o que ela desejava, ou seja, vê-lo, por causa da enfermidade de ambos, para a consolar, mandou-lhe a sua bênção por carta, ⁷com a absolvição de qualquer transgressão que pudesse ter feito às suas ordens e vontades, assim como às do Filho de Deus. ⁸Para a ajudar a vencer todo o motivo de tristeza e consolá-la no Senhor (não ele, mas o Espírito Santo nele), disse ao frade que levava o recado: ⁹«Vai levar esta carta à Irmã Clara ⁶⁶. Diz-lhe que afaste toda a dor e tristeza de não me poder ver agora. ¹⁰Fique ela ciente que, antes de morrer, me hão-de ver, ela e as suas Irmãs, com o que sentirão grande alegria».

¹¹Aconteceu que, poucos dias depois, morria o bem-aventurado Francisco, durante a noite. De manhã, veio todo o

⁶⁵ Não sabemos de que mal sofresse Santa Clara; mas segundo o testemunho da Ir. Pacífica de Guelfuccio no processo da canonização, a enfermidade foi longa, tendo começado uns bons 20 anos antes da sua morte. Santa Clara morreu em 11 de Agosto de 1253.

⁶⁶ O texto tem *dominae Clarae*, que à letra se traduziria à *Senhora* ou *Dama Clara*. Um eco da gentileza de trato, então comum para com as damas da nobreza.

povo de Assis, homens e mulheres, com todo o clero, para levarem o santo corpo do lugar onde jazia, ao som de hinos e cânticos e com ramos de árvore na mão. ¹² Por vontade divina o levaram até junto de S. Damião, para se cumprir o que o Senhor dissera pela boca do Seu Santo, para consolação de suas filhas e servas.

¹³ Tirada a grade de ferro da janela, por onde as servas de Cristo costumam ⁶⁷comungar, e ouvir por vezes a palavra de Deus, os frades levantaram o santo corpo do esquife, e seguraram-no nos braços, junto à janela por uma comprida hora, ¹⁴ para conforto da Irmã Clara e das suas Irmãs, apesar das lágrimas e da dor que as trespassava, porque, depois de Deus, era ele a sua única consolação neste mundo.

Um bando de cotovias saúda, cantando, Francisco moribundo

110. ¹ Sábado à tarde ⁶⁸, depois de Vésperas, antes do cair da noite em que o bem-aventurado Francisco morreu, um bando de cotovias volteava em círculos, cantando, pouco acima do tecto da casa onde ele jazia moribundo.

² Nós, que estivemos com o bem-aventurado Francisco, e estamos a redigir estas memórias, damos testemunho de que, muitas vezes lhe ouvimos dizer: ³ «Se eu puder falar ao Imperador, suplicar-lhe-ei que, por amor de Deus atenda o meu pedido, para que publique um édito em que seja proibido apanhar as irmãs cotovias, ou fazer-lhes qualquer mal. ⁴ Do mesmo modo, quero que todos os governadores das cidades, os senhores dos castelos e vilas ordenem a seus súbditos que, em cada ano, pelo Natal, mandem pessoas espalhar trigo ou outros cereais pelos caminhos, para que as aves, e sobretudo as nossas irmãs cotovias, tenham que comer nesta grande solenidade. ⁵ Gostava também, em homenagem ao

⁶⁷ Note-se que o verbo está no *presente*. O *Speculum Perfectionis*, que narra o mesmo episódio, põe o verbo no *passado*. É que, quando o *Speculum* foi composto, as clarissas já tinham deixado S. Damião (1260). Isto poderia ser um indício de que quando a nossa *Legenda* foi composta elas ainda lá viviam..

⁶⁸ «Durante a noite». Fr. Elias, na carta encíclica *De transitu beati Francisci*, diz com mais precisão: «*prima hora noctis*», isto é, ao anoitecer, logo depois do pôr do sol. Era o dia 3 de Outubro, mas, a partir daquela hora, já se considerava o dia 4, segundo os costumes de então.

Filho de Deus reclinado no presépio pela Virgem Maria, entre o boi e o burro, que toda a gente fosse obrigada a dar uma abonada ração de feno aos irmãos bois e aos irmãos burros, naquela santa noite. ⁶Enfim, no dia de Natal deviam todos os pobres saciar-se à mesa dos ricos».

⁷O bem-aventurado Francisco festejava com mais solenidade o Natal do que as outras festas do Senhor, porque, dizia, embora nas outras solenidades o Senhor tenha operado a nossa salvação, no dia em que Ele nasceu tivemos a certeza de que íamos ser salvos. ⁸Por isso, queria que no dia de Natal, todos os cristãos exultassem no Senhor; por amor d'Aquele que se deu por nós, todo o homem devia dar com generosidade do que lhe pertence, não só aos pobres, como também aos animais e aves do céu.

⁹Da cotovia dizia o bem-aventurado Francisco: «A irmã cotovia tem capelo como os religiosos; é pássaro humilde, que anda pelos caminhos à cata de comida; e mesmo quando a encontra no meio do esterco dos animais, tira-a e come. ¹⁰Quando voa, louva o Senhor, como os bons religiosos que desprezam as coisas da terra e cuja vida toda está fixa no céu. ¹¹Até no vestir, isto é, na sua plumagem, se confunde com a terra, dando exemplo aos religiosos, que não devem usar vestidos delicados e de cores vivas, mas de cor discreta como a da terra». ¹² Por tudo isto, o bem-aventurado Francisco tinha especial predilecção pelas irmãs cotovias que contemplava com ternura.

Da Regra e da Pobreza

111. ¹O bem-aventurado Francisco repetia muitas vezes estas palavras aos frades: ²«Nunca fui ladrão. Quero dizer: das esmolas, herança dos pobres, ³tomei sempre menos de quanto me tocava, para não defraudar os outros pobres, na parte que lhes pertencia. ⁴Fazer o contrário, seria um roubo».

112. ¹Quando os Ministros vieram ter com ele, insistindo para que os frades tivessem alguma coisa pelo menos em comum, com que se pudesse ocorrer às necessidades mínimas de tão grande número de pessoas, o bem-aventurado Francisco apelou para Cristo e consultou-o em oração. ²O Senhor respondeu-lhe imedia-

tamente que nada permitisse terem, tanto em comum, como em particular, porque esta é a sua família, que Ele sempre assistirá, por muito numerosa que seja, e sempre favorecerá, contanto que ponha n'Ele a sua confiança.

113. ¹Tendo-se retirado o bem-aventurado Francisco para um monte com Frei Leão e Frei Bonízio de Bolonha, para redigir uma Regra, porque se tinha perdido a primeira, que inspirado por Cristo escrevera, um bom número de Ministros foi ter com Frei Elias ⁶⁹, vigário do bem-aventurado Francisco, dizendo: ²«Consta-nos que este Frei Francisco está compondo nova Regra. Receamos que a venha a fazer tão dura que a não possamos observar. ³Devemos ir procurá-lo e dizer-lhe que, a ser assim, não estamos dispostos a obrigar-nos a ela; ele que a faça para si, não para nós».

⁴Frei Elias respondeu-lhes que não acedia ao que pretendiam, porque receava as repreensões de bem-aventurado Francisco. ⁵Teimando eles, disse que se não fossem também com ele, não iria. Foram então todos. ⁶Ao chegar Elias com os Ministros onde estava o Santo, chamou-o. ⁷Quando ia para responder, o bem-aventurado Francisco viu os Ministros e perguntou:

– «Que querem estes Irmãos».

⁸Respondeu por todos Frei Elias:

– «Estes são os Ministros que souberam como estás compondo outra Regra, e receando que a faças demasiado rigorosa, dizem e protestam que não a aceitam. ⁹Que a faças para ti, não para eles».

¹⁰Então o bem-aventurado Francisco voltou os olhos para o céu e falou assim, a Cristo: «Senhor não Te tinha eu dito que eles não tinham confiança em Ti?» ¹¹De seguida, fez-se ouvir nos ares a voz de Cristo, respondendo:

⁶⁹ Fr. Elias Bombarone, natural de Assis, entrou na Ordem em 1211. Foi nomeado Provincial da Terra Santa em 1217; Vigário Geral da Ordem de 1221 a 1227; Ministro Geral de 1232 a 1239. Morreu em Cortona em 22 de Abril de 1253. Foi um homem genial. A sua influência na história da Ordem é difícil de conhecer com precisão, devido à muita literatura que contra ele produziram os «espirituais». Algo dessa literatura já se encontra na nossa legenda, designadamente quando se fazem referências negativas contra os Ministros e contra os estudos, ou se pretende reivindicar a última intenção ou vontade de S. Francisco acerca da Regra (Cf. vg. os n. 111-112).

— ¹¹ «Francisco, na Regra nada há de teu, é meu tudo o que lá se encontra. ¹² Quero que a Regra seja observada, à letra, à letra, à letra; e sem glosa, e sem glosa, e sem glosa». ¹³ E a voz continuou: «Sei de quanto é capaz a fraqueza humana, e quanto pode o meu auxílio. ¹⁴ Os que não quiserem observá-la, que saiam da Ordem».

¹⁵ O bem-aventurado Francisco voltou-se para aqueles frades, com estas palavras: «Ouvistes? Ouvistes? Quereis que o faça repetir?»

¹⁶ Humilhados e arrependidos, os Ministros retiraram-se⁷⁰.

Resposta ao Cardeal Hugolino, que o aconselhou a adoptar uma das Regras monásticas da época

114. ¹ Durante o Capítulo Geral de Santa Maria da Porciúncula, chamado das Esteiras, no qual se juntaram cinco mil frades, ² muitos dos quais notáveis pela ciência e doutrina, esteve também presente o Cardeal Hugolino, que depois foi o Papa Gregório IX. ³ Foram vários pedir ao senhor Cardeal que convencesse o bem-aventurado Francisco a aceitar as sugestões desses frades doutos e a deixar-se guiar por eles. Faziam referências às Regras de S. Bento, Santo Agostinho e S. Bernardo, que prescrevem isto e aquilo para a vida regular.

⁴ O bem-aventurado Francisco, ouvida a recomendação do senhor Cardeal, tomou-o pela mão, levando-o perante a assembleia dos frades, aos quais disse: ⁵ «Irmãos meus, Irmãos meus, o Senhor convidou-me a seguir a via da humildade e mostrou-me o caminho da simplicidade. Não quero que me faleis noutra Regra: nem de Santo Agostinho, nem de S. Bento, nem de S. Bernardo. ⁶ O Senhor me disse que queria fazer de mim um novo louco no mundo, e não quer conduzir-nos por outro caminho senão por esta sabedoria. ⁷ Pela vossa ciência e sabedoria, Ele vos confundirá. ⁷ Confio

⁷⁰ Em 1209 S. Francisco deve ter apresentado ao Papa Inocêncio III uma primeira Regra ou «forma de vida» por certo muito simples, que teria sido depois retocada e enriquecida nos Capítulos Gerais. Actualmente existem duas: uma aprovada no Capítulo de 1221 (*1 Regra*) e outra, definitiva, escrita por S. Francisco em Fonte Colombo e aprovada pela bula *Solet annuere* do papa Honório III, em 29 de Novembro de 1223 (*2 Regra*). É esta a que os franciscanos professam.

nos Seus esbirros, pela mão dos quais vos castigará e reconduzirá ao vosso primitivo estado, quer queirais quer não».

⁸O Senhor Cardeal ficou estupefacto e calado; e os frades, todos cheios de medo.

Opõe-se ao pedido de privilégios na Cúria Romana

115. ¹Doutra vez, alguns frades disseram ao bem-aventurado Francisco: «Não vês que, às vezes, os Bispos nos negam autorização de pregar, obrigando-nos a esperar dias e dias na mesma terra, sem podermos pregar ao povo? ²Seria muito melhor, para o bem das almas, que a este respeito alcançasses um privilégio do Senhor Papa».

³Com grande severidade respondeu-lhes: «Vós, frades menores, ainda não compreendestes a vontade de Deus; e não me deixais converter o mundo inteiro como Ele quer. ⁴É preciso converter primeiro os prelados, com a vossa humildade e respeitosa obediência. Quando observarem a nossa vida santa e o respeito que lhes testemunharmos, eles mesmos vos irão pedir para ir pregar e converter o povo. ⁵É muito mais fácil chegar ao povo por este meio, do que com os desejados privilégios, que vos levariam à soberba. ⁶Se andardes libertos de toda a cobiça, e levardes o povo a cumprir os seus deveres para com as igrejas, os Bispos pedir-vos-ão para confessardes o seu povo, embora com isto não tenhais que vos preocupar; ⁷porque se os pecadores se converterem, encontrarão confessores que bastem. ⁸Quanto a mim, este privilégio quero ter eu do Senhor: não ter privilégio algum vindo dos homens, a não ser o de para com todos ser reverente e, pela obediência à Santa Regra, mais pelo exemplo do que pela palavra, a todos converter».

Cristo queixa-se a Frei Leão da ingratidão dos frades

116. ¹Um dia disse Nosso Senhor Jesus Cristo a Frei Leão, companheiro do bem-aventurado Francisco: «Não estou contente com os frades».

— ²«Porquê, Senhor?»

— ³ «Por três motivos. Primeiro, porque não reconhecem o sem número de benefícios que diariamente lhes prodigalizo, dando-lhes o pão, que não precisam de semear nem de colher. ⁴ Depois, porque andam sempre a murmurar e ociosos. ⁵ Finalmente, porque andam a provocar-se uns aos outros, semeando ódios, não fazem as pazes, nem perdoam cordialmente as mútuas ofensas».

Pensando que ia morrer, abençoa os frades distribuindo-lhes pão bento

117. ¹ Uma noite, o bem-aventurado Francisco sentiu-se tão atormentado com as dores das suas doenças, que mal pôde descansar e dormir. ² Na manhã seguinte, um pouco mais aliviado, mandou chamar os frades daquele convento. Assentados à sua volta, contemplou-os a todos, imaginando ver neles todos os frades da Ordem.

³ Começando pelo primeiro, abençoou-os, pondo a mão direita sobre a cabeça de cada um, entendendo assim abençoar todos os frades que na Ordem havia e todos os que nela viessem a entrar, até ao fim do mundo. ⁴ Parecia acabrunhado pelo desgosto de não ver todos os seus filhos e Irmãos, antes de morrer.

⁵ Depois, mandou buscar alguns pães e abençoou-os; e, como não era capaz de os partir por causa da enfermidade, pediu a um Irmão que o fizesse, distribuindo ele um pedaço a cada um, recomendando que o comesse todo. ⁶ Parecia aos frades que, tal como o Senhor na Quinta-Feira Santa quis comer com os seus Apóstolos, também o bem-aventurado Francisco queria abençoá-los, e neles, todos os frades, antes de morrer; ⁸ como se na sua companhia estivessem todos os frades comendo aquele pão bento.

⁹ Tanto assim que, não sendo aquele dia Quinta-feira, ele confessou aos irmãos estar persuadido que era.

¹⁰ Um daqueles frades guardou um pedaço daquele pão, e, depois da morte do bem-aventurado Francisco, alguns doentes que provaram dele ficaram logo curados.